

UNIVERSIDADE DO PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO

# PORTUGALIA

VOLUME XXXIV



# PORTVGALIA

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO  
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO  
2013

DIRECTOR/*EDITOR*:  
Mário Jorge BARROCA

COMISSÃO EDITORIAL/*EDITORIAL BOARD*:  
Carlos Alberto Brochado de ALMEIDA  
Mário Jorge BARROCA  
Rui Manuel Sobral CENTENO  
Susana de Oliveira JORGE  
Rui MORAIS  
Sérgio Emanuel Monteiro RODRIGUES  
Maria de Jesus SANCHES  
Armando Coelho Ferreira da SILVA  
Teresa SOEIRO

COMISSÃO CIENTÍFICA/*SCIENTIFIC BOARD*:  
Fernando ACUÑA CASTROVIEJO (Universidad de Santiago de Compostela)  
Jorge de ALARCÃO (Universidade de Coimbra)  
Martín ALMAGRO (Real Academia de la Historia, Madrid)  
Joaquim Pais de BRITO (Museu de Etnologia, Lisboa)  
Luis CABALLERO ZOREDA (CCHS-CSIC, Madrid)  
Domingos de Jesus da CRUZ (Universidade de Coimbra)  
João Pedro CUNHA-RIBEIRO (Universidade de Lisboa)  
Germán DELIBES DE CASTRO (Universidad de Valladolid)  
Carlos FABIÃO (Universidade de Lisboa)  
Maria Paz GARCÍA-BELLIDO (CEH-CSIC, Madrid)  
José Avelino GUTIERREZ GONZALEZ (Universidad de Oviedo)  
Wenceslas KRUTA (Université de Paris 4 – Sorbonne)  
Patrick LE ROUX (Université de Paris 13 – UFR LSHS)  
José Maria Amado MENDES (Universidade de Coimbra)  
Juan ZOZAYA STABEL-HANSEN (Asociación Española de Arqueología Medieval, Madrid).

TÍTULO/*TITLE*:  
*Portvgalia*

Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Journal of Archaeology of the Department of Heritage Studies, Oporto University – Faculty of Arts

LOCAL: Porto

EDITOR: Departamento de Ciências e Técnicas – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ISSN: 0871-4290

DEPÓSITO LEGAL: 189069/02

IMPRESSÃO: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira

ENDEREÇO/*ADDRESS*:  
PORTVGALIA  
A/C Mário Jorge BARROCA  
Via Panorâmica, s/nº  
4150-564 PORTO

INTERCÂMBIO/*EXCHANGE*:  
PORTVGALIA  
Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto  
Via Panorâmica, s/nº  
4150-564 PORTO

**Revista com Arbitragem Científica / Journal with Peer Review**  
**A PORTVGALIA está registada na Latindex e na DOAJ**

Solicita-se permuta – On prie bien de vouloir établir l'échange  
Sollicitiamo scambio – We would like exchange – Tauschverkerhr erwünscht

# ‘MIL ROCHAS E TAL...!’: INVENTÁRIO DOS SÍTIOS DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA (2.<sup>a</sup> PARTE)

Mário Reis\*

## **RESUMO:**

Desde a sua descoberta, e a partir da sua divulgação pública em finais de 1994, a arte rupestre do vale do Côa, não tem cessado de aumentar os seus números, que se traduzem neste momento em quase 80 sítios, com uma quantidade de rochas historiadas que ultrapassa já o milhar de registos. Paralelamente, também a diversidade destes sítios e registos se tem incrementado. Na primeira parte deste artigo apresentamos uma descrição dos sítios da arte do Côa distribuídos ao longo do vale deste rio. Nesta segunda parte apresentaremos a descrição dos restantes sítios deste imenso complexo de arte rupestre, desta vez contemplando os que se distribuem ao longo das margens do Douro, para ambos os lados da embocadura do Côa.

**Palavras-chave:** Arte Rupestre; Vale do Côa; Prospecção.

## **ABSTRACT:**

Since its discovery, and from its public announcement in late 1994, the rock art of the Côa valley has not ceased to increase its numbers, which are reflected at this point in almost 80 sites, with a quantity of engraved rocks that exceeds one thousand records. In parallel, the diversity of these sites and records has also increased remarkably. In the first part of this paper we presented a description of the Côa rock art sites distributed over the valley of this river. In this second part we present a description of the remaining sites of this huge rock art complex, contemplating now those distributed on the banks of the Douro river, along both sides of the mouth of the Côa.

**Keywords:** Rock-art; Côa Valley; Archaeological Survey.

## **5. INTRODUÇÃO.**

Este é a continuação de um primeiro texto, publicado no anterior número desta revista (REIS 2012). A distribuição dos sítios da arte rupestre do Côa faz-se essencialmente ao longo de dois eixos principais: por um lado, os últimos 34 quilómetros do rio Côa e, por outro lado, uma extensão de aproximadamente 20 quilómetros do rio Douro, para ambos os lados da embocadura do rio Côa, a qual assinala o centro, físico e simbólico, deste imenso complexo de arte rupestre.

---

\* Arqueólogo, Parque Arqueológico do Vale do Côa.

Naquele texto apresentamos os sítios conhecidos ao longo do Côa, o maior dos dois eixos. Neste iremos apresentar os restantes<sup>1</sup>, distribuídos ao longo do Douro. Incluiremos também os sítios que se encontram na parte superior do chamado Vale da Veiga. Este grande e largo vale tectónico forma uma unidade geomorfológica singular dentro da região da arte do Côa. De certa forma, relaciona-se com ambos os eixos que aqui consideramos, pois a linha de água existente na sua cabeceira é o princípio da ribeira de Piscos, um dos principais afluentes do rio Côa, mas o vale tem uma direcção Norte-Sul paralela ao Côa, atravessando o Douro na zona da aldeia do Pocinho.

Tendo em conta a grande dimensão deste texto, haverá ainda uma terceira e final parte deste artigo, a apresentar no próximo número da revista *PORTVGALIA*, e onde faremos um ponto da situação e uma conclusão final, incluindo mapas gerais da distribuição da arte rupestre, e números actualizados do inventário, o qual terá uma adenda, referindo os novos achados que entretanto tenham ocorrido na área.

## 6. OS SÍTIOS AO LONGO DO DOURO.

A distribuição dos sítios com arte rupestre ao longo do rio Douro é similar à que surge ao longo do rio Côa. Encostas sobre o rio sucedem-se a ribeiras afluentes do Douro, ostentando múltiplos afloramentos xistosos com as típicas gravuras que caracterizam a arte rupestre da região. No entanto, a extensão no Douro é consideravelmente menor que no Côa. Entre os dois sítios que actualmente formam as extremidades desta distribuição, Vale Escuro para jusante e Vale d’Arcos para montante, distam aproximadamente 17,3 quilómetros<sup>2</sup>, o que é cerca de metade da extensão total da dispersão actualmente conhecida no Côa. Por outro lado, e ao contrário do Côa, em que não há diferenças assinaláveis ao nível da intensidade da prospecção arqueológica já realizada entre ambas as margens, essa diferença existe e é considerável no Douro. A margem esquerda, maioritariamente integrada no território do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC), tem um grau intenso de prospecção, enquanto a margem direita, fora do território do PAVC, está consideravelmente menos explorada. Não surpreende, assim, que se conheçam presentemente bastante mais sítios e mais rochas gravadas na margem esquerda do que na direita, concretamente 18 sítios na margem esquerda para 12 na margem oposta, e a diferença no número de registos inventariados é substancial, pois pouco se tem prospectado em detalhe na margem direita. Esta diferença parece ter a ver sobretudo com factores de investigação, e a continuação da prospecção deverá tendencialmente aproximar a quantidade e densidade de sítios e registos numa e noutra margem.

Por outro lado, estes sítios distribuem-se para montante e para jusante da foz do Côa, assumindo este ponto o papel de foco central da distribuição da arte do Côa, para ambos os seus eixos de distribuição, os rios Côa e Douro. Genericamente, o rio Douro corre de Leste para Oeste mas nesta região tem tendência para correr de Sul para Norte, embora se distingam dois troços distintos, separados precisamente pela embocadura do Côa. Daqui para jusante, o Douro curva acentuadamente e assume uma orientação quase linear de Sul para Norte, fazendo uma sequência quase perfeita com a orientação do rio Côa. O último sítio conhecido, Vale Escuro (a 7,0 quilómetros da foz do Côa) encontra-se no final deste troço, num ponto onde o Douro volta a assumir uma orientação para Oeste, num curto trecho até ao Pocinho, onde faz nova e abrupta curva para Norte, para vencer o maciço granítico do Monte Meão, em cuja base ocorre a falha da Vilarça. Para montante da foz do Côa, desde a embocadura do rio Águeda na fronteira com Espanha, o

---

<sup>1</sup> Como referimos no artigo anterior, imagens dos sítios rupestres e de muitos dos motivos que iremos referir ao longo do texto podem ser visualizadas na página da Internet da Fundação Côa-Parque, [www.arte-coa.pt](http://www.arte-coa.pt). Também muitas das referências bibliográficas podem aqui ser descarregadas.

<sup>2</sup> Continuaremos, como no primeiro texto, a fazer estas medições pelo leito dos rios, e não em linha recta.

Douro corre de Sudeste para Noroeste, num percurso pouco sinuoso. O último sítio conhecido é Vale d'Arcos, na margem direita, a 10,3 quilómetros da foz do Côa.

Em termos geológicos, os últimos 35 quilómetros do rio Côa têm alguma complexidade, com uma sucessão de diferentes tipos de xistos, granitos e quartzitos, havendo arte rupestre em geologias distintas. Já o Douro, nesta região, se assume com maior simplicidade geológica<sup>3</sup>. Em primeiro lugar, e exceptuando a área do Monte Meão a jusante do Pocinho, não existem zonas graníticas na área de distribuição dos sítios rupestres. Esta área é quase toda constituída por xistos, os quais pertencem a uma única formação geológica, a Formação da Desejosa. A excepção a esta uniformidade surge em duas formações quartzíticas: na margem esquerda do Douro, o topo do monte de São Gabriel e a sua encosta superior voltada ao Douro; na margem direita, a linha superior do vale é marcada por uma longa formação quartzítica, que se inicia na parte superior da ribeira de Urros e se prolonga ao longo do vale por algumas dezenas de quilómetros, quase até à vila de Freixo de Espada à Cinta<sup>4</sup>. Ultrapassa largamente a área de distribuição da arte do Côa, mas integra-a na primeira dezena de quilómetros até ao sítio de Vale d'Arcos, cuja parte superior é quartzítica, dando lugar ao xisto na parte inferior deste afluente do Douro.

Refira-se ainda a questão da barragem do Pocinho, e a maneira como afecta os sítios ao longo da sua albufeira (cf. REIS 2011: 18-20). O grau de afectação é bastante superior no Douro face ao Côa devido ao desnível mais elevado do leito deste último que, a partir de aproximadamente nove quilómetros a partir da foz, deixa de estar sujeito ao nível da albufeira. Pelo contrário, o leito do Douro tem pouco desnível entre a barragem do Pocinho e a outra barragem a montante, a barragem de Saucelle<sup>5</sup>, e a albufeira do Pocinho abrange toda a área onde se conhece arte rupestre. No terraço fluvial do Vale da Casa conhecem-se abundantes rochas gravadas de vários períodos cronológicos, e o mesmo deverá acontecer noutras zonas hoje submersas, que nunca foi possível prospectar.

### **6.1. O vale do Douro, na margem esquerda, entre o Pocinho e a ribeira de Aguiar.**

Na margem esquerda, no longo troço de 15,7 quilómetros entre a aldeia do Pocinho (contando a partir da antiga ponte) e a foz da ribeira de Aguiar, devemos já conhecer todos os sítios existentes, à semelhança do que se passa no troço final do Côa (a única possível excepção, como veremos a seguir, é a própria zona da foz da ribeira de Aguiar). Assim, falta “só” fazer a prospecção sistemática dos sítios aqui conhecidos, o que para já foi feito apenas em dois sítios de grande dimensão, Bulha e Vale de José Esteves, e outros três sítios mais pequenos: Tudão, Garrido e Canada da Moreira. No entanto, o recente achado do sítio do Ponto da Serra revela que podem existir ainda sítios desconhecidos nas zonas elevadas sobre o vale, nas orlas plaiálticas.

Neste troço, a sequência dos sítios a jusante da foz do Côa é densa, quase sem descontinuidades. Aqui se encontram alguns dos mais importantes sítios da arte do Côa, como o Vale de José Esteves, Vermelhana, Vale de Cabrões, Vale da Casa ou a Bulha, as encostas com gravuras sucedendo-se a linhas de água com gravuras. A notória excepção é a ribeira do Vale de Canivães, localizada entre os sítios do Vale da Casa e do Porto Velho, uma linha de água de apreciáveis dimensões e com vários grupos de afloramentos dispersos ao longo do seu vale. A prospecção que já efectuamos não revelou a existência de quaisquer motivos, gravados ou pintados. Esta

<sup>3</sup> Como no texto anterior, a análise geológica é baseada em RIBEIRO & SILVA 2000.

<sup>4</sup> Não conhecemos uma designação geral para todo este maciço, mas pelo menos uma secção é conhecida por “Serra de Poiães”, e iremos adoptar este topónimo para o conjunto.

<sup>5</sup> A cota do actual nível da água é de aproximadamente 125 metros, mas as margens originais ao longo deste trecho do Douro estariam entre as cotas de 100/110 metros, como se pode ver na cartografia mais antiga.

ausência poderá residir na má qualidade das superfícies verticais existentes que, por razões que desconhecemos, são tendencialmente piores que nos sítios vizinhos, ainda que existam algumas de qualidade boa ou aceitável.

A montante da foz do Côa a sequência de sítios é mais espaçada, tendo estes tendencialmente menos gravuras e, de forma geral, sendo menos importantes, embora surja ainda um lote importante de motivos de várias épocas, como na Canada da Moreira, Ribeira da Cabreira ou Canada do Arrovão, entre outros.

### **6.1.1. Vale Escuro.**

A primeira rocha deste sítio foi avistada em 2003 por Fernando Dias, guia do PAVC. Com essa informação, inventariamos o sítio em 2006, descobrindo então mais duas rochas, sendo três o total referido nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 179-180; REIS 2011: 120-123). Em Novembro de 2010 fizemos nova prospecção, em companhia de Delfina Bazaréu, guia do PAVC (que começou logo por descobrir a importante rocha 4), tendo-se descoberto oito novas rochas. Por fim, em Outubro de 2011 prospectamos de forma sistemática uma pequena área na parte inferior do vale (da rocha 1 para baixo, e englobando a rocha 4), tendo-se descoberto apenas mais uma nova rocha, subindo o total para as actuais doze rochas.

Este é o primeiro e mais setentrional dos sítios da arte do Côa, sendo o vale de uma ribeira perto da aldeia do Pocinho, afluente de um troço do Douro orientado a Leste. Tem assim uma orientação de Sul para Norte, com um percurso quase linear numa extensão de 1500 metros, iniciando-se na orla do planalto aos 410 m de altura. O vale tem perfil em V muito pronunciado, com profundidade máxima na ordem dos 100 metros. A embocadura tem um declive muito suave, entrando no Douro em terrenos quase planos, à cota de 100 metros, e é possível que pudesse ter afloramentos de disposição sub-horizontal, hoje submersos nas águas da barragem do Pocinho, que está apenas a 1500 metros de distância.

Para além das áreas onde se encontraram gravuras, prospectamos ainda em Abril de 2009 um troço de encosta na margem direita, acima da rocha 1, onde se encontra a maior quantidade de afloramentos rochosos de todo o sítio. À semelhança da rocha 1, muitos são de grande dimensão e, também como a rocha 1, a maioria apresenta superfícies muito duras e irregulares, de péssima qualidade para a realização de gravuras. Esta área não foi sistematicamente prospectada, ou seja, os afloramentos não foram todos vistos um a um, mas foi bastante intensa, e os afloramentos com melhor aspecto terão sido todos vistos. O facto de nada termos encontrado leva-nos a pensar que será pouco provável haver alguma rocha gravada naquela área. Assim, de momento, todas as rochas gravadas se encontram perto do leito da ribeira, distribuindo-se numa longa faixa com 550 metros de extensão. De momento dividem-se em dois grupos principais, separados por pouco menos de 300 metros. O mais extenso engloba cinco rochas: as rochas 1 a 4 e ainda a rocha 12, descoberta na prospecção sistemática. Situa-se na parte inferior do vale, aproximadamente a 250 metros da foz da pequena ribeira. Nesta área entre a embocadura da ribeira e a primeira rocha gravada dificilmente haverá mais rochas gravadas, visto que os afloramentos rochosos desaparecem a partir do limite inferior da área sistematicamente prospectada. Desconhece-se, no entanto, o potencial da zona submersa nas águas da albufeira da barragem do Pocinho. Neste grupo, as rochas 3 e 4 estão na margem esquerda e as restantes na margem direita, as únicas conhecidas nessa margem. As outras sete estão na parte superior do vale, num grupo mais concentrado. Os afloramentos são aí numerosos, prolongando-se para zonas superiores na encosta. É possível que a futura prospecção sistemática da área acrescente mais registos para o inventário, no entorno ou acima das rochas já conhecidas, e no intervalo entre os dois grupos de rochas, e supomos que futuros achados se concentrarão sobretudo na margem esquerda, pouco mais devendo existir na margem direita.

Uma rocha apresenta motivos modernos, quatro têm motivos da Idade do Ferro, e oito têm motivos paleolíticos, havendo uma rocha de cronologia indeterminada. Os motivos modernos resumem-se a duas cruzes incisadas na rocha 12.

Da Idade do Ferro há um conjunto reduzido mas interessante de motivos. Na rocha 11 encontram-se duas peculiares figuras: uma é uma figura laminar, provavelmente uma arma, e a outra é um estranho animal, talvez cavalo, que deverá ser da Idade do Ferro, apesar do estilo pouco habitual. Pouco ao lado, na rocha 10, encontra-se um conjunto avultado de figuras similares e inabituais no contexto da Idade do Ferro. Têm semelhanças com outras figuras em rochas da Idade do Ferro, uma figura arboriforme da rocha 3 da Ribeira da Cabreira (com a diferença de terem apenas uma “ramificação”, ficando com aspecto cruciforme), e um dos motivos da rocha 181 da Foz do Côa, este muito parecido. No grupo mais em baixo, a rocha 3 tem dois animais de belo efeito: um esbelto veado de cabeça a olhar para trás e imponente armação, e o outro um animal de características indefinidas, talvez também cervídeo, com a particularidade de estar em posição vertical. Por fim, a rocha 1 apresenta alguns aspectos relevantes. Por um lado, o facto de, para além de várias associações mais ou menos desconexas de traços, apresentar dois motivos que se podem interpretar como falcatas, motivo raro na arte proto-histórica do Côa. Por outro lado, a qualidade da superfície dos seus painéis verticais é muito baixa, incluindo as zonas efectivamente gravadas e, à partida, painéis como estes dificilmente seriam escolhidos para a realização de gravuras. Mas esta rocha é de grandes dimensões e está elevada na encosta. Para quem olha de longe e de baixo a partir do Douro, é este afloramento da rocha 1 que se impõe visualmente, em detrimento de todos os outros, sendo quase seguramente esta a razão principal da sua eleição como rocha historiada.

Do Paleolítico Superior há grande quantidade de motivos nas oito rochas conhecidas, com algumas figuras de grande qualidade e interesse científico. A rocha 5 destaca-se pelos variados motivos, sobretudo cervídeos em traço múltiplo, alguns de grande delicadeza e detalhe. A rocha 7 tem um grande animal em traço simples, de difícil identificação mas que poderá ser mais um cervídeo, e a rocha 11 tem também grande quantidade de motivos em traço múltiplo, incluindo alguns caprinos. Mas há duas figuras que se destacam particularmente. Uma é um dos caprinos da rocha 11. De traço múltiplo e de desenho algo tosco, salienta-se pela sua minúscula dimensão, cerca de 1,7 centímetros. Junto com os pequenos peixes da rocha 7 da Canada do Arrobão, também sobre o Douro e de dimensão similar, são das mais pequenas figuras existentes na arte do Côa, e são boas candidatas ao título de figuras mais pequenas da arte rupestre mundial.

Mais importante ainda foi o achado do motivo da rocha 4. Trata-se de um prótomo de veado, sem armação, com a boca aberta e língua de fora. É a única figura de um grande e destacado afloramento na margem esquerda da ribeira, quase encostado à linha de água e na parte inferior do vale, ligeiramente abaixo da rocha 1. A novidade é que se trata de uma figura em traço picotado, nisso contrastando com os motivos incisados nas restantes rochas, e de tipologia similar às figuras picotadas abundantes no rio Côa e pertencentes, pelos dados já conhecidos, à fase mais antiga de gravação da arte paleolítica da região. Este veado da rocha 4 é, assim, a primeira figura evidente deste estilo e desta fase a ser identificada no Douro na grande região da arte do Côa<sup>6</sup>. A prospeccção sistemática que fizemos na parte inferior do vale em 2011, numa área que incluiu a rocha 4, destinava-se também a tentar descortinar se haveria mais rochas com motivos de técnica, tipologia e cronologia similares nas suas imediações, mas os resultados apontam para que esta figura esteja isolada<sup>7</sup>. É interessante reparar que se encontra naquele que é até ao

---

<sup>6</sup> Recentemente, identificou-se uma nova figura picotada paleolítica da fase antiga no rio Águeda (BAPTISTA & REIS 2011), na margem esquerda e do lado português do rio, a cerca de três quilómetros da sua confluência com o Douro, não longe da área de distribuição da arte do Côa (cf. REIS 2012: 24).

<sup>7</sup> A encosta da margem esquerda da parte inferior da ribeira, entre o caminho de ferro e a rocha 4, foi em tempos agricultada e organizada em socalcos, pelo que alguns afloramentos podem ter sido destruídos, mas a quase inexistência de afloramentos junto à ribeira sugere que poucos mais haveria na encosta por cima.

momento o primeiro sítio com gravuras (paleolíticas e não só) a surgir na extremidade Norte da área de distribuição das gravuras da arte do Côa, quase como se estivesse a assinalar a entrada na região.

### **6.1.2. Cachão.**

Sítio descoberto em prospeção em Março de 2009, tendo-se registado a rocha 1, a única conhecida, referida no último inventário (REIS 2011: 120-123).

Trata-se de uma encosta voltada a Leste, sobre o rio Douro, a montante do Vale Escuro. Devido à curva acentuada que o rio faz neste trecho, as áreas superiores dos dois sítios confinam uma com a outra, já na orla planáltica, mas há um grande intervalo nas encostas sobre o Douro entre os respectivos limites laterais. Neste intervalo, a observação da encosta feita ao longe não revela sequer a existência de afloramentos, pelo que não deverá conter rochas históricas. Os limites do sítio do Cachão, tal como os definimos, iniciam-se na orla do planalto, a uma cota ligeiramente inferior aos 400 metros, e terminam no Douro à cota aproximada de 110 metros. Os últimos 15/20 metros estão submersos nas águas da barragem do Pocinho. É um sítio pouco largo, não ultrapassando os 470 metros de largura, confinando a Sul com o sítio da Raposeira. A zona central da encosta é sulcada por três ou quatro pequenas linhas de escoamento de água, pouco escavadas, que convergem na parte inferior numa só linha de água. A encosta é muito declivosa e rochosa na parte superior, coberta por um denso matagal que muito dificulta a prospeção. A partir do meio da encosta o declive suaviza-se progressivamente e os afloramentos tendem a desaparecer.

A única rocha detectada está na parte superior da encosta, a Sul e a montante das pequenas linhas de água, a 320 metros de altura. Tem um painel vertical voltado ao Douro, e apresenta apenas dois pequenos conjuntos de traços filiformes muito finos, em ambos os casos não figurativos e que, pelo tipo de traço, a pátina e extremo desgaste, consideramos paleolíticos, ainda que a ausência de motivos definidos dificulte a atribuição cronológica.

Fizemos já três incursões separadas à parte superior da encosta, onde se concentram os afloramentos, tendo coberto em prospeção toda a sua área de distribuição. Não foi prospeção sistemática porque a vegetação densa a torna difícil, mas observamos a maioria dos afloramentos relevantes. Estranhamente, apesar das boas ou mesmo excelentes superfícies de muitos destes afloramentos, não encontramos mais rochas gravadas. Tudo indica que a rocha 1 estará isolada. Se assim for, poderá tratar-se de uma situação similar às dos sítios do Ninho d'Água e Ribeiro da Cumieira (REIS 2012: 39-40), que apresentam igualmente uma única rocha com vários traços incisivos muito desgastados, também não figurativos mas possivelmente paleolíticos.

### **6.1.3. Raposeira.**

É uma zona de encosta sobre o Douro, orientada a Leste, entre o Cachão e o Vale da Casa. Na primeira prospeção que aqui fizemos, em Abril de 2009, descobrimos uma primeira rocha com gravuras filiformes. Poucos dias depois obtivemos a informação<sup>8</sup> que Jean Mathiuet, guia da gruta francesa de Arcy-sur-Cure, teria observado, em data indeterminada do ano de 2008, uma outra rocha com gravuras encostada à linha de caminho-de-ferro entre o Pocinho e a foz do Côa. Quando a localizamos, constatamos que se integrava também neste trecho de encosta, sendo registada como rocha 2. O sítio e as duas rochas foram mencionadas pela primeira vez no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Agosto de 2011, quando fomos fotografar a rocha 1, descobrimos também a rocha 3, sendo esta a quantidade actual de registos conhecidos.

---

<sup>8</sup> Por intermédio do arqueólogo Luís Luís, do PAVC, a quem agradecemos.

É uma vasta área, delimitada a Norte pela encosta do Cachão, a Sul pelo Vale da Casa, e a Oeste, no seu topo planáltico, pela parte superior do Vale Escuro. A transição para o planalto faz-se à cota aproximada de 420 metros, e o leito do Douro, antes da sua submersão nas águas da albufeira do Pocinho, estava à cota de 110 metros. Tal como no Cachão e Vale Escuro, os terrenos finais sobre o Douro têm um declive muito suave, quase plano. A largura do sítio atinge os 1050 metros, e a encosta é sulcada por sete linhas de escorrência de água. Destas, apenas uma tem profundidade assinalável, com percurso inicial de Norte para Sul, ao longo do rebordo do planalto, inflectindo depois para Leste na queda para o Douro, já perto do limite Sul do sítio e da junção com o Vale da Casa. Esta é a única parte da encosta já prospectada, claramente a de melhores condições, e é aí que estão duas das três rochas conhecidas, mas há afloramentos em outras zonas, sendo possível que a área de distribuição de gravuras venha a aumentar.

Duas rochas apresentam gravuras da Idade do Ferro e a outra, a rocha 2, tem gravuras modernas. Esta encontra-se na parte inferior da encosta, na zona central do sítio, encostada à linha de caminho-de-ferro. Tem um pequeno mas interessante conjunto de motivos filiformes, que se podem datar inequivocamente como sendo contemporâneos ou posteriores à construção da linha naquele troço<sup>9</sup>, uma vez que as obras provocaram a destruição da antiga superfície, criando uma nova superfície sobre a qual foram feitas as gravuras. Estas consistem numa curiosa cena, em que uma grande figura feminina de sereia em posição frontal, com longa cabeleira, barbatanas e cauda de peixe, ostentando os seios, umbigo e possivelmente o sexo, segura nos dois braços outras tantas pequenas figuras semi-humanas (a sua prole?), também com barbatanas e cauda.

As duas rochas da Idade do Ferro encontram-se na linha de água principal, distanciadas uma da outra, a meio da encosta. A rocha 1 tem poucos motivos de difícil decifração, destacando-se uma grande figura de cavalo. Este surge em posição oblíqua, pouco habitual nos equídeos da Idade do Ferro da região, com a parte dianteira mais alta que a traseira, como se estivesse empinado. Ainda que a tipologia seja muito distinta, o tamanho e a posição desta figura são semelhantes às de um cavalo existente na rocha 3 da Azenha, sítio localizado quase em frente à Raposeira, na margem oposta do Douro. A rocha 3 tem um conjunto de três pequenos cavalos, entre outros traços e motivos indecifráveis.

#### **6.1.4. Vale da Casa.**

Este foi o primeiro sítio da arte do Côa a ser identificado, em 1982. Na altura, naturalmente, não foi considerado como tal, uma vez que o trabalho realizado não teve sequência imediata em novas descobertas, no Côa ou no Douro, com a excepção das seis rochas com gravuras modernas hoje submersas na zona da confluência do Côa com o Douro. No âmbito de trabalhos de prospecção arqueológica realizados nas áreas a inundar pela albufeira da Barragem do Pocinho, então em construção, uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho descobriu em meados de 1982 um primeiro grupo de cinco rochas com gravuras. A partir de Outubro do mesmo ano, e prolongando-se por 1983, iniciou-se um trabalho de estudo no terraço fluvial onde se encontravam, liderado por António Martinho Baptista levando à identificação e registo de 23 rochas historiadas (BAPTISTA 1983; 1999: 164-165, 174-175, 178-181). Estas estão desde então submersas nas águas da albufeira, nunca mais tendo sido reobservadas. Em 1996 foram identificadas mais seis novas rochas, fixando o número no total de 29 actualmente inventariadas. Destas, quatro estão na parte intermédia do vale, sendo as únicas emersas e observáveis do conjunto, formando um pequeno grupo, entre 500 e 600 metros acima da foz da ribeira, todas muito perto do leito e na margem direita, entre as cotas 160 e 190 metros. As outras duas encontravam-se na zona limítrofe do terraço fluvial, no actual nível de água. Uma, a rocha 24,

---

<sup>9</sup> Do Tua a Barca d'Alva, a construção decorreu entre 1884 e 1887 (ABREU & RIVAS CALVO 2011: 110).

está ainda *in situ*, parcialmente emersa, e a outra é uma laje solta com gravuras de Época Histórica<sup>10</sup>. Por lapso, estas duas últimas não são incluídas na contabilidade dos primeiros inventários, que referem apenas 27 rochas (BAPTISTA & GOMES 1997: 214-215; BAPTISTA 1999: 19; 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 191), situação recentemente corrigida (BAPTISTA & REIS 2009: 175-179; REIS 2011: 120-123).

Refira-se que há alguma confusão quanto ao nome deste sítio. O topónimo “Vale da Casa” foi indicado aos investigadores em 1982, e foi o adoptado, mas há pelo menos outros dois topónimos que se poderiam igualmente aplicar, “Horta das Freiras” e “Vale da Cerva” (cf. CRUZ 1998), estando o primeiro indicado na carta militar. Por vezes, refere-se ainda o topónimo “Vale Canivães” (cf. BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 191), mas este aplica-se ao grande vale de orientação paralela e situado a montante<sup>11</sup>.

É uma linha de água pouco sinuosa, que mantém um percurso de Noroeste para Sudeste, com extensão total de 2100 metros. Nasce à cota de 380 metros no planalto, onde percorre pouco mais de 500 metros até que, à cota de 350 metros, inicia a escavação do vale, profundo mas aberto. A abertura máxima do vale anda perto dos 1000 metros, mas este tem um perfil assimétrico, com as encostas do lado direito mais inclinadas e fechadas que as do lado esquerdo, o qual apresenta afluentes em maior número e mais longos. Grande parte está cultivado com vinha, e a maioria das encostas de ambas as margens estão muito despidas de afloramentos. A ribeira entrava no Douro à cota de 110 metros, no amplo terraço fluvial, que acima referimos. Este desenvolve-se sobretudo para jusante da foz da ribeira, numa extensão aproximada de 1000 metros, por 250 metros de largura máxima<sup>12</sup>.

O Vale da Casa continua a ser dos sítios mais originais dentro da arte do Côa. Desde logo, por a maioria das suas rochas no terraço ter painéis de disposição sub-horizontal, ao contrário da típica disposição vertical da maioria dos painéis historiados da região. Na parte intermédia do vale, as gravuras da rocha 27 estão também num painel de disposição sub-horizontal, no chão de um pequeno abrigo, mas as outras três rochas neste grupo têm painéis verticais. A contabilidade cronológica é a seguinte: duas rochas são de cronologia indeterminada, duas têm motivos paleolíticos, sete têm motivos de Época Histórica, treze têm motivos da Pré-história Recente e catorze apresentam motivos da Idade do Ferro.

A Época Histórica é pouco abundante mas tem algum interesse. Na rocha 17 surge a data picotada de 1703, a juntar a tantas outras já conhecidas na região. Nas rochas 5 e 13 encontram-se algumas estrelas de cinco pontas, ou signos-saimão, um tipo de motivo também recorrente na região. A rocha 24, de difícil acesso por estar na orla do actual nível de água, tem pequenos conjuntos muito originais de figuras de temática religiosa, com variadas cruces, dois signos-saimão, diversas figuras geométricas de significado desconhecido, e duas figuras humanas. A rocha 25<sup>13</sup> é bastante original no contexto da arte histórica da região, não tanto pela temática mas pelo estilo muito particular das figuras. Para além de muitos traços avulsos, surgem várias peculiares figuras humanas, incluindo três cavaleiros, vistas de frente, todas com longos corpos e algo a sair do peçoço que parece uma representação de uma peça de vestuário similar a um cachecol. O seu estilo muito particular afasta-as das representações antropomórficas conhecidas da Idade do Ferro, devendo ser modernas, provavelmente de entre os séculos XVI e XVIII.

A Idade do Ferro tem o principal conjunto de gravuras do sítio, pela quantidade de motivos e de rochas em que se encontram, mas também pela qualidade e originalidade de muitos destes

---

<sup>10</sup> Esta laje, designada de rocha 25, foi retirada do sítio e esteve longamente exposta na entrada das antigas instalações do PAVC em Vila Nova de Foz Côa, estando hoje guardada nas reservas do Museu do Côa.

<sup>11</sup> Que na carta militar surge erradamente designado como “Vale Calibem”.

<sup>12</sup> O terraço está hoje submerso e não surge na cartografia mais recente, mas é bem visível na Carta Militar de Portugal, folha 130, de 1946, bem anterior à construção da barragem do Pocinho.

<sup>13</sup> Anteriormente, por observação deficiente, atribuímos uma cronologia da Idade do Ferro à rocha 25 (BAPTISTA & REIS 2009: 179), que aproveitamos agora para corrigir.

motivos (cf. BAPTISTA 1983: 59-65). Aqui, a inscrição da rocha 23 continua sem paralelos<sup>14</sup> na arte do Côa, e a cena de caça desta rocha continua a ser das melhores conhecidas na região. As poucas falcatas e espadas que apareceram em outros sítios não atingem a perfeição das várias representações existentes nas rochas 6 e 10. Ainda não se conhecem paralelos para o estranho “turbante” de um dos antropomorfos da rocha 10, e o tipo particular de desenho de alguns dos seus cavalos, com a sua traseira em “ferradura”, continua a ter dos melhores exemplares nesta rocha. Há também alguns geométricos de belo efeito, como nas rochas 10 ou 20, ou o grande conjunto de linhas em ziguezague da rocha 29. Por outro lado, das mais de 400 rochas deste período já identificadas na região, com exemplares de notável complexidade, poucas terão sobreposições de motivos comparáveis às da rocha 10<sup>15</sup>.

Embora raras, existem também figuras filiformes paleolíticas. Na parte intermédia do vale, a rocha 26 tem um cervídeo em traço múltiplo. Acima, a rocha 29 tem vários grupos de traços de provável cronologia paleolítica, sem figuras definidas. No terraço junto ao Douro os trabalhos feitos em 1982-1983 não identificaram claramente motivos desta cronologia. Mas foram desde logo assinaladas duas figuras de cavalos, uma na rocha 7 e outra na rocha 15 (BAPTISTA 1983: 59, 61-63), de estilo muito arcaico mas que, no desconhecimento então de um contexto paleolítico, e na sua associação a outros motivos claramente datáveis da Idade do Ferro, foram consideradas como pertencendo a este último período. À luz do que hoje sabemos, parece possível que estas figuras pertençam ao Paleolítico Superior. Seria necessário uma revisão geral deste sítio e das suas rochas, feita com tempo e sem a pressão da eminente submersão, como na altura sucedeu, e uma nova prospecção do terraço, até porque ficou desde logo claro que mais rochas históricas havia para além das 23 que foram então estudadas (BAPTISTA 1983: 58).

É neste sítio que se encontra o maior conjunto de gravuras da Pré-história Recente da região, sobretudo no terraço fluvial, e também nas rochas 27 e 28, esta última com dois antropomorfos esquemáticos picotados similares aos da rocha 11, a primeira com um grupo de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Estas têm aqui a máxima expressão na região, estando presentes em oito rochas, nas quais se destaca o grande conjunto da rocha 3. Para além da rocha 28, existem ainda antropomorfos esquemáticos picotados nas rochas 4 e 11 (BAPTISTA 1983: 68), no primeiro caso um conjunto avultado de figuras fálicas de corpo largo, cabeça redonda e pernas e braços abertos, no segundo caso figuras igualmente fálicas, de pernas e braços arqueados e cabeças com amplos capacetes de cornos, similares às figuras da rocha 1 dos Namorados ou da rocha 11 da Ribeira da Cabreira. Há alguns poucos círculos e ferraduras picotadas e, na rocha 23, dois podomorfos, picotados e aparentemente dissociados da cena de caça e inscrição da Idade do Ferro também existentes nesta rocha. A cronologia dos podomorfos é incerta, podem até ser contemporâneos ou posteriores à Idade do Ferro, mas pode-se colocar a hipótese de pertencerem ao Bronze Final, sendo das únicas figuras na região atribuíveis a este período, na transição entre a arte esquemática da Pré-história Recente e a arte da Idade do Ferro. Refira-se ainda que, no terraço fluvial, este conjunto de gravuras associa-se a um contexto funerário, com uma necrópole de cistas, duas das quais foram escavadas (BAPTISTA 1983; 2008b: 44), e datadas da primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a. C. (CRUZ 1998: 160).

### **6.1.5. Porto Velho.**

As duas primeiras rochas são descobertas em Abril de 2009, e o sítio é já referido no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Agosto de 2011 descobrimos mais duas rochas, fazendo um total de quatro rochas conhecidas.

<sup>14</sup> Existem mais possíveis inscrições da Idade do Ferro em outras rochas entretanto identificadas na região da arte do Côa. São conjuntos alinhados de pequenos sinais, geralmente em disposição vertical. São bastante raras e, ao contrário do exemplar da rocha 23, nem a atribuição cronológica nem a interpretação como inscrições são evidentes.

<sup>15</sup> A descrição da rocha 10 encontra-se em BAPTISTA 1983: 66-68, havendo uma excelente réplica no Museu do Côa. Imagens das rochas 6, 10 e 23 podem ser vistas em BAPTISTA 1999: 174-175, 178-181.

É um trecho de encosta voltada a Leste, na margem esquerda do Douro, entre a foz da ribeira de Vale de Canivães a jusante (Norte) e a foz da ribeira de Vale de Cabrões a montante (Sul). A encosta tem uma extensão máxima de aproximadamente 1000 metros, junto ao Douro. O topo é uma estreita linha de cumeeada, que ascende suavemente da foz da ribeira de Vale de Canivães até ao topo de um cabeço arredondado, onde culmina à cota de 332 metros, e a partir do qual se faz a transição para as zonas planálticas a Oeste.

A metade Norte, mais baixa, está quase toda lavrada e preenchida com vinha, não tendo portanto mais afloramentos, excepto alguns na zona inferior junto à linha de caminho-de-ferro. A restante área, na metade adjacente a Vale de Cabrões, tem alguns grupos de afloramentos, com maior relevo para a zona superior da encosta e para a encosta final sobre o Douro. É precisamente nestas duas áreas que estão as rochas conhecidas: na parte superior da encosta as rochas 1 e 2, e as rochas 3 e 4 na zona rochosa sobre o Douro. Embora ainda sem prospecção sistemática, fizemos já uma prospecção abrangente de toda a área do sítio, e parece improvável que haja muito mais por descobrir. O grande conjunto rochoso na parte terminal da encosta deve prolongar-se para dentro das águas do Douro, aqui bastante elevadas devido à barragem do Pocinho, e é possível que nessa zona haja mais rochas gravadas. De resto, é de assinalar que esta área foi muito afectada pela construção da linha de caminho-de-ferro no século XIX, sendo bem visível a destruição nos afloramentos restantes. É possível que muitas gravuras deste sítio possam ter sido destruídas naquela ocasião, e este será talvez, de todos os sítios afectados por esta obra, o mais profundamente tocado e onde os efeitos poderão ter sido mais gravosos.

Mesmo com poucas rochas, a amplitude cronológica das gravuras nem por isso é menor. A rocha 4 tem gravuras paleolíticas, na rocha 3 são da Idade do Ferro, a rocha 2 apresenta gravuras modernas e, por fim, a rocha 1 tem traços de cronologia indeterminada. São vários conjuntos de traços tendencialmente horizontais, dispostos paralelamente. O conjunto forma uma associação de cariz geométrico de interessante efeito estético. A sua cronologia não é fácil de averiguar, poderá ser do Paleolítico Superior ou, talvez mais provavelmente, da Idade do Ferro. A rocha 2 encontra-se quase no topo da encosta, e apresenta dois conjuntos de motivos de Época Histórica, um grupo formado por uma cruz encimada por três estrelas, e um motivo antropomórfico de difícil visibilidade, que parece ser uma figura feminina com um longo véu ou manto, talvez também de cariz religioso. A rocha 3 tem um conjunto de figuras geométricas da Idade do Ferro de difícil decifração, e a rocha 4 tem um pequeno grupo de figuras paleolíticas, também de difícil visibilidade, onde poderá talvez haver um animal de traço múltiplo.

#### **6.1.6. Tudão.**

É ainda o único sítio da arte do Côa com gravuras paleolíticas localizado em plena área planáltica, no início de uma discreta linha de água que, bastante mais à frente, se transforma no profundo Vale de Cabrões. A rocha 1 foi descoberta casualmente em Junho de 2006 por Teresa Ameztoy, enóloga espanhola residente em Vila Nova de Foz Côa, e o sítio foi logo referenciado nesse ano (BAPTISTA & REIS 2009: 175). Apesar da novidade e importância do sítio, não houve tempo para a sua prospecção, e a rocha 2 é descoberta em Janeiro de 2008 pela mesma Teresa Ameztoy. Em Agosto de 2009 prospectamos sistematicamente o sítio e descobrimos, em muros, duas pedras com gravuras filiformes paleolíticas, sendo os quatro registos referidos no último inventário (REIS 2011: 120-123).

A ribeira nasce à cota de 400 metros, iniciando um percurso de Norte para Sul. Cerca de 1820 metros depois da nascente inicia a escavação de um vale profundo e adopta a designação de Vale de Cabrões. Teria sido possível e legítimo juntar os dois sítios num só, inventariando os registos do Tudão em Vale de Cabrões, mas optamos por separar o seu inventário. Em primeiro lugar, pela grande distancia que medeia entre os registos de um e outro sítio, mais de 1500

metros, não havendo indicações que venham a aparecer novos registos no espaço intermédio. Mas, sobretudo, pelo ineditismo da implantação das rochas gravadas do Tudão, sendo os primeiros e únicos exemplares de gravuras paleolíticas da arte do Côa localizadas em plena área planáltica. Ainda que seja uma delimitação arbitrária, circunscrevemos o sítio do Tudão aos primeiros 520 metros do estreito vale da ribeira, desde a nascente até à junção com o primeiro afluente. A rocha 1, mais a jusante, encontra-se a aproximadamente 420 metros da nascente.

A prospeção realizada permite afirmar que só na margem direita da linha de água existem afloramentos com condições para serem gravados, e que possivelmente já estarão todos descobertos. A quantidade de rochas é reduzida, e é visível que alguns foram destruídos para extração de pedra, o que poderá ter resultado no aparecimento das duas pedras com gravuras nos muros. Estes não foram todos vistos e mais pedras gravadas poderão aparecer. A rocha 2 encontra-se parcialmente soterrada, e é possível que haja mais algum painel gravado oculto nos sedimentos acumulados naquela zona.

Todos os quatro registos apresentam gravuras filiformes paleolíticas, e a rocha 1 tem igualmente uma grande quantidade de gravuras da Idade do Ferro, também filiformes.

Desta última já se salientou a importância, pela localização inédita mas também pela quantidade e qualidade das gravuras que apresenta. Tem um painel de mais de cinco metros de comprimento, preenchido de gravuras de alto a baixo e de um lado ao outro, formando um denso palimpsesto de difícil interpretação, num conjunto que é seguramente dos mais complexos de entre todos os registos da arte do Côa, com muitas dezenas de motivos. A Idade do Ferro domina quantitativamente, estendendo-se as suas gravuras a todo o comprimento e altura do painel. As figuras geométricas de diversos tipos dominam, identificando-se também vários animais, incluindo cavalos e muitos veados. Dentro dos geométricos, um pequeno grupo de figuras circulares com decoração interna merece realce, sendo possível que se tratem de representações de escudos. Identificou-se uma só figura humana, pouco visível. As figuras paleolíticas concentram-se maioritariamente na metade direita do painel, sendo abundantes as de traço múltiplo. Poucas foram claramente decifradas. Alguns signos parecem existir, distinguindo-se um ou outro cavalo e vários veados, de enormes armaduras. Na rocha 2, mais pequena, encontram-se exclusivamente figuras paleolíticas, essencialmente cervídeos de traço múltiplo, com mais uma ou outra figura em traço simples. Por fim, as duas pedras integradas em muros têm restos incompletos de motivos paleolíticos, sem figuras identificadas.

### **6.1.7. Paço.**

O Paço é um sítio arqueológico localizado na periferia do núcleo urbano de Vila Nova de Foz Côa (COIXÃO 1996: 113), nos terrenos aplanados no sopé oriental do cabeço onde se implantou a vila medieval. Encontra-se em terrenos confinados entre duas linhas de água que, pouco mais à frente, se encontram e iniciam a escavação de Vale de Cabrões. Os materiais de superfície apontam indubitavelmente para uma ocupação de época romana. A tradição local refere a existência de uma antiga capela (dedicada a São Vicente e hoje já não visível) associada a uma necrópole, sugerindo uma continuidade ocupacional para a Idade Média. Não se conhecem vestígios de ocupações anteriores.

Em Agosto de 2006 a proprietária do terreno, a senhora Isolina Farto, descobriu casualmente uma pedra com gravuras. Dias mais tarde uma segunda pedra gravada surgiu a poucos metros da primeira, descoberta por Rosa Jardim e Dalila Correia, do PAVC. Na mesma altura, uma rocha com traços filiformes foi descoberta e inventariada na periferia do sítio, com traços de difícil interpretação, de cronologia indeterminada, mas provavelmente recente. O sítio foi incluído no último inventário (REIS 2011: 120-123).

A primeira pedra tem um excelente conjunto de figuras, algumas em traço filiforme, outras num traço também estreito mas repassado várias vezes, fazendo uma “abrasão filiforme”. O conjunto era originalmente maior, a pedra está fragmentada e alguns motivos estão incompletos. Em traço fili-

forme simples encontra-se uma lança e uma figura de guerreiro, incompleto por fracturação, de braços ao alto e segurando uma lâmina, talvez uma arma tipo falcata. Em traço abrasionado profundo encontram-se sete motivos. Em baixo, junto à fractura, há restos das orelhas de dois quadrúpedes indeterminados. Em cima e à direita encontram-se dois animais, um deles um grande cervídeo a olhar para trás, o outro mais pequeno de características semelhantes. Este segundo animal está desenhado de tal forma que as pontas das suas patas tocam o dorso do grande cervídeo, e os dois focinhos tocam-se também. É difícil dizer se era este o efeito pretendido, o pequeno animal em cima do maior, ou se os tamanhos diferentes são uma tentativa de fornecer perspectiva ao conjunto. Por baixo dos dois animais, em sequência ao longo da superfície, encontram-se, da esquerda para a direita, um cavaleiro com rédeas e lança, tendo o cavalo o corpo profusamente decorado; ao centro um guerreiro com duas lanças, uma das quais incompleta por fracturação; à direita novo cavaleiro, no mesmo estilo do anterior, também fracturado, com escudo e rédeas, o corpo do cavalo profusamente decorado. A segunda pedra é mais simples, uma laje de xisto cinzento-escuro (muito diferente da primeira pedra, de cor castanho-clara), e apresenta uma linha em ziguezague.

As gravuras da primeira pedra são em tudo semelhantes a tantas outras que se encontram em diversos sítios da arte do Côa, e que são consideradas como sendo da Idade do Ferro. Quanto à segunda placa, a atribuição cronológica é mais complicada, mas considerando que os ziguezagues são muito frequentes na arte da Idade do Ferro do Côa e que se encontrava muito próximo da primeira, o mais provável é terem ambas cronologias similares. Tendo sido encontradas à superfície num sítio com ocupação de época romana, e onde não se conhece, pelo menos de momento, uma ocupação anterior, isso leva-nos a considerar como provável que a vigência da arte da Idade do Ferro do Côa se prolongue até à romanização. Outra questão que as duas pedras colocam é se faziam parte de afloramentos historiados, que em época indeterminada teriam sido partidos e os seus fragmentos com restos de gravuras trazidos para este sítio, ou se são verdadeiras placas móveis gravadas. Não é possível ter certezas mas, pelo aspecto lajiforme de ambas, inclinamo-nos claramente para a segunda hipótese. A ser assim, falta saber em que contexto e com que funcionalidade surgem estas placas dentro de um sítio de ocupação, o que só uma escavação arqueológica no local terá possibilidades de fornecer uma resposta.

### **6.1.8. Vale de Cabrões.**

As primeiras rochas historiadas deste vale são descobertas em inícios de 1995 por um habitante de Vila Nova de Foz Côa, José Constâncio, que começa por descobrir algumas gravuras da Idade do Ferro e, mais tarde e em companhia do arqueólogo Sá Coixão, descobrirá também o cervídeo da rocha 1 (REBANDA 1995a: 8; 1995b: 12). A subsequente investigação no terreno permitiu mais descobertas, e no primeiro inventário são referidas doze rochas (BAPTISTA & GOMES 1997: 214-215). Dois anos mais tarde, por razões desconhecidas, esse número desce para nove, número mantido nos inventários posteriores (BAPTISTA 1999: 19; 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 191). Entre 1997 e finais de 2004, o número vai subindo até se atingir as 25 rochas inventariadas, referidas no inventário seguinte (BAPTISTA & REIS 2009: 175). Em inícios de 2007 fizemos uma prospecção não sistemática da parte superior do vale, e descobrimos muitas mais gravuras, subindo para 54 rochas inventariadas. Em Março de 2009 descobrimos mais um grupo de quatro rochas perto da rocha 3, remontando para 58, que foi o total referido no último inventário (REIS 2011: 120-123). Por fim, em Setembro de 2010, descobrimos mais três rochas, totalizando as 61 inventariadas neste sítio<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Esta última prospecção teve um objectivo muito particular: o Museu do Côa tinha acabado de ser inaugurado, em 31 de Julho de 2010, e o número total de registos inventariados estava perto de atingir o número mágico de 1000; sendo Vale de Cabrões um dos nossos sítios preferidos, decidimos que seria aqui que o milhar de registos seria atingido, o que sucedeu com a rocha 61, que apresenta um pequeno conjunto de figuras humanas da Época Moderna, bastante interessantes e originais, ainda que de difícil visualização.

É uma linha de água muito sinuosa, com 3700 metros de extensão total. Como vimos, o troço inicial corresponde ao sítio do Tudão, e o percurso no planalto tem uma extensão total de 1820 metros, dos quais os primeiros 830 com uma orientação Norte-Sul, inflectindo para Leste nos restantes 990. A escavação do vale profundo, que marca o princípio do sítio, começa à cota de 300 metros e, tendo uma extensão de 1880 metros, este vale divide-se também em dois troços distintos. O primeiro, arqueologicamente mais importante, é também mais profundo, encaixado e fechado, com as encostas repletas de afloramentos, particularmente na margem esquerda. Segue de Sul para Norte, numa extensão de 1030 metros. Chegando à cota de 170 metros, a ribeira faz uma curva de 90° para Leste, seguindo por mais 850 metros até ao Douro, num vale ainda profundo mas mais aberto e com muito menos afloramentos, que só voltam a reaparecer junto à foz na margem esquerda. Só se conhecem três registos neste troço final, as rochas 23 a 25.

Vale de Cabrões é, de momento, o quarto sítio com mais registos da arte do Côa, atrás da Foz do Côa, Vale do Forno e Vale de José Esteves, e estando empatado com a Quinta da Barca. Mas estes outros sítios foram já sistematicamente prospectados, enquanto que Vale de Cabrões espera ainda por uma campanha de prospecção sistemática. Não temos dúvidas em considerar que será futuramente o segundo sítio com mais registos na região, só suplantado pela Foz do Côa (com que poderá até rivalizar), e supomos que com facilidade ultrapassará a centena de registos. A parte superior do vale, desde o início do encaixe mais profundo até à curva em 90° em direcção ao Douro, apresenta uma das maiores e mais contínuas concentrações de afloramentos de xisto com painéis verticais de entre todos os sítios da arte do Côa, e está por prospectar de forma sistemática. Já prospectamos de forma intensa os primeiros 640 metros do sítio (medidos ao longo do leito da ribeira), entre a rocha 30, que é a que surge mais a jusante, e a rocha 12, e neste troço pouco mais haverá por descobrir, mas este trecho do vale, com 33 das 61 rochas conhecidas, é uma pequena parte do total e não tem a maior concentração de afloramentos, a qual surge precisamente no troço subsequente, até à curva de 90°. A maioria dos afloramentos e quase todas as rochas conhecidas estão na margem esquerda<sup>17</sup>, mas a margem oposta tem também grande quantidade de painéis verticais, sendo possível que venha a contribuir com alguns registos, ainda que, do que já observamos, a qualidade dos painéis deste lado seja inferior.

O Paleolítico Superior e a Idade do Ferro quase se equivalem quantitativamente, estando respectivamente representados em 26 e 31 rochas. Gravuras históricas encontram-se em 15 rochas. A Pré-história Recente encontra-se na rocha 1, havendo ainda quatro rochas de cronologia indeterminada. Como é habitual nos sítios nesta zona ao longo do Douro e no trecho final do Côa, a grande maioria das gravuras são incisas, mas há excepções em três rochas, com os motivos picotados que referimos a seguir.

Na rocha 1 encontra-se o conhecido cervídeo picotado, de ventre ferido por uma longa haste, de boca aberta e cabeça voltada para trás, compondo uma figura de grande expressividade (BAPTISTA 1999: 138-139). A sua cronologia não é inteiramente evidente. Se o seu realismo poderia sugerir uma origem paleolítica, outros elementos sugerem já uma cronologia pós-glaciar. Desde logo, o seu estilo muito particular faz lembrar muitas dos cervídeos da arte do Vale do Tejo, considerados de cronologia pós-paleolítica (cf. BAPTISTA 1981), partilhando com estes as convenções estilísticas, o sub-naturalismo e a técnica de gravação. A picotagem utilizada para definir a figura diverge consideravelmente do típico traço continuamente picotado habitual nas figuras paleolíticas do Côa. Trata-se de muitos pontos picotados formando nuvens de pontos, muito característica das figuras pós-glaciares, na técnica designada de “bago de arroz”, e presente em

---

<sup>17</sup> A excepção é a rocha 34, sobre o leito da ribeira e inserida numa fonte de mergulho. Tem um grande e excelente painel, com um conjunto desconexo de traços, patinados mas aparentemente modernos.

muitas das figuras zoomórficas pós-glaciares da arte do Côa. Uma destas figuras, um animal esquemático incompleto recentemente identificado na rocha 15 do sítio da Cascalheira, sobre o Douro, apresenta no meio dos pontos picotados múltiplos pequenos traços incisos paralelos, numa técnica de pré-delineação da figura muito semelhante ao que se detecta neste veado<sup>18</sup>, sobretudo na sua parte traseira, mais um argumento para o considerar de cronologia pós-glaciar, presumivelmente Epipaleolítico<sup>19</sup>.

A Época Histórica está pouco representada, e não se destaca particularmente, mas tem algumas peculiaridades e originalidades. Há um conjunto relativamente amplo de figuras reticuladas em várias rochas, provavelmente jogos, nomeadamente nas rochas 39, 45 e 46. Na rocha 30 surge mais um pequeno signo-saimão, ou estrela de cinco pontas, símbolo religioso apotropaico relativamente comum na região. As cruces são abundantes, por vezes decoradas e fazendo figuras de belo efeito, encontrando-se nas rochas 3, 32, 33, 46, 54 e 55. As rochas 46, 53 e 61 apresentam figuras antropomórficas muito originais e, pensamos, relativamente antigas, talvez anteriores ao século XIX, destacando-se a cena da rocha 53, em que uma figura masculina fálica presenteia uma flor a uma figura feminina. Por fim, realce-se a curiosidade de duas inscrições muito recentes, um poema de cariz escatológico na rocha 3, formando uma sequência de traços com diferentes pátinas em conjunto com figuras paleolíticas e da Idade do Ferro às quais está associado, e uma insólita carta de amor escrita em pedra, na rocha 17, também sobreposta a uma figura paleolítica.

A Idade do Ferro é o período mais abundantemente representado no sítio, em número de rochas e, provavelmente, em número de motivos. No entanto, com poucas excepções, estes não se salientam particularmente no panorama da arte deste período na região. É possível que no futuro isto se venha a alterar, não só com as novas descobertas ainda por fazer, mas também com a reinterpretação de muitas das rochas já conhecidas. Destacariamos a grande quantidade de figuras geométricas de tipologias variadas, por vezes de apreciável efeito estético, presentes em variadas rochas, de que salientariamos as rochas 3, 14, 18, 26, 30, 31, 36, 37, 51, 52 ou 60. Há também grande quantidade de animais, sobretudo cavalos e cervídeos, e alguns canídeos. Na rocha 6 encontra-se um único cavalo, no meio de muitas figuras paleolíticas, já publicado (BAPTISTA 1999: 170-171), e podemos ainda salientar os animais presentes nas rochas 3, 4, 9, 11, 12, 13, 18, 26, 29, 35, 36, 40, 50 ou 60. É de realçar a raridade das figuras humanas, apenas um cavaleiro na rocha 2 e os protagonistas de uma cena de cariz sexual na rocha 3, assim como a raridade das armas, apenas os dois punhais da rocha 11 e uma lança na rocha 59 (nem sequer o cavaleiro da rocha 2 tem armas, ao contrário do que é costume). Salientariamos ainda algumas rochas particulares. Por exemplo, a rocha 35, com um belo cavalo de grande dimensão, fálico, de longo pescoço e grande cabeça, uma figura muito expressiva e original. A rocha 18 apresenta um enorme conjunto de figuras, incluindo grande quantidade de geométricos de variados tipos, formando um conjunto de belo efeito. Tem ainda vários animais, incluindo dois prováveis cervídeos, ambos sem cabeça, reconhecíveis pelo longos e estreitos corpos rectilíneos e pela cauda curta. A rocha 11 tem um cavalo a olhar para trás e um outro animal indeterminado de longo corpo ondulado decorado internamente, mas destacando-se os seus dois punhais, das melhores figuras deste tipo representadas na arte do Côa. Ambas as figuras são representações de punhais embainhados, com a característica “bola” na ponta. Um tem um longo cabo em “hélice”, numa figuração irrealista. O outro, bastante mais perfeito, tem a bainha decorada, o único caso conhecido na região, e tem uma intrigante empunhadura “triglobular”, consistindo numa sequência contínua de três secções semi-esféricas. É um punhal muito similar a exemplares

<sup>18</sup> Esta predefinição das figuras em traços incisos difere da que se detecta em várias das figuras picotadas da fase antiga do Paleolítico Superior, normalmente feita só com um ou dois traços longos a delinear a figura.

<sup>19</sup> No último inventário (REIS 2011), esta figura foi considerada paleolítica, o que aproveitamos agora para emendar. Falta ainda definir de forma mais clara o que se entende por arte epipaleolítica nesta região.

de empunhadura “biglobular”, bem conhecidos da arqueologia peninsular e sendo uma arma tipologicamente bem definida (cf. QUESADA SANZ 1997: 292-295). Na arte do Côa os melhores exemplares conhecidos estão na rocha 150 da Foz do Côa (BAPTISTA & REIS 2008: 78). Mas estes últimos apresentam a conhecida sequência de duas secções semi-esféricas ou discoidais, similares às armas descobertas pela arqueologia, enquanto que não conhecemos paralelos para esta sequência triglobular na empunhadura. Fica a questão de saber se será um erro por parte do gravador, ou uma representação de uma variante regional de um tipo de arma, ainda não conhecida pela investigação arqueológica. Por fim, a rocha 3 que, entre variados motivos, tem duas particularidades dignas de nota. Uma está no facto de apresentar dois painéis gravados de orientações bem distintas, sendo um o típico painel vertical, onde surge a maioria das gravuras, e o outro um painel no solo abaixo do anterior, onde se encontram apenas figuras reticuladas, sendo esta implantação uma raridade na arte do Côa. A outra particularidade está na sua cena explícita de cariz sexual, a única conhecida deste período na região, entre uma figura masculina e uma eventual figura híbrida de carácter humano e aviforme (cf. BAPTISTA 1999: 172-173; REIS 2011: 86-87).

Embora quantitativamente atrás da Idade do Ferro, o Paleolítico Superior é o período que mais se destaca, pela qualidade e originalidade de muitas das suas figuras, fazendo deste sítio um dos mais importantes na região da arte do Côa. As figuras em traço inciso dominam esmagadoramente mas não são exclusivas, havendo duas figuras picotadas, nas rochas 6 e 20. Esta é uma figura tosca e de identificação pouco clara, poderá ser um caprino, tendo o corpo parcialmente delineado com traços incisos. A figura da rocha 6 é claramente um caprino, com a particularidade de ter os cornos delineados a traço filiforme múltiplo, contrastando com o corpo picotado. Ambas as figuras são tipologicamente distintas da maioria das figuras picotadas existentes ao longo do Côa, ou do veado do Vale Escuro, pertencendo provavelmente a um período mais recente dentro do Paleolítico Superior. Por outro lado, é interessante reparar que na maioria dos sítios situados em torno da embocadura do Côa, tanto neste rio como no Douro, as figuras incisadas em traço múltiplo tendem a dominar quantitativamente face às de traço simples. É o que sucede em sítios como a Foz do Côa, Vermelhosa ou Vale de José Esteves, entre outros. No entanto, em Vale de Cabrões as figuras de traço simples são em maior quantidade e mais expressivas do que as de traço múltiplo, aproximando este de sítios como a Broeira, por exemplo. Figuras de traço múltiplo, essencialmente cervídeos muito semelhantes aos que surgem nos sítios vizinhos, encontram-se ao longo do vale, como nas rochas 3, 6, 8, 10 ou 17, mas são minoritárias. Esta evidente dicotomia entre figuras de traço simples e múltiplo poderá traduzir diferenças cronológicas e/ou culturais entre ambas as técnicas de representação<sup>20</sup>. Algumas das mais conhecidas figuras de traço simples da arte do Côa estão aqui neste sítio, como a manada de caprinos da rocha 4, o bode e o grande auroque da rocha 5, ou o auroque em posição vertical associado a um signo da rocha 6 (cf. BAPTISTA 1999: 130-137; 2008b: 162, 166). Mas outras existem, menos conhecidas. Na rocha 7 encontra-se um interessante cavalo, num estilo muito arcaico. Na rocha 32 encontra-se uma magnífica figura de auroque macho, com um estilo e um nível de detalhe que o aproxima dos cavalos da rocha 41 da Canada do Inferno, por exemplo, estando associado a um signo similar aos que se encontram na rocha 16 do Vale de José Esteves. Na mesma rocha encontra-se um par de caprinos, similares mas menos perfeitos que o bode da rocha 5. Podemos ainda destacar outro auroque da rocha 41, o cavalo de grande dimensão da rocha 55, associado a outras figuras ainda por determinar, ou o conjunto de figuras da rocha 56, que incluem pelo menos um cavalo, um bode e um auroque. A prospecção futura poderá enriquecer acentuadamente este panorama e, em variados aspectos, Vale de Cabrões é

---

<sup>20</sup> Isto não significa, de forma alguma, que se possa sempre diferenciar traço simples e traço múltiplo do ponto de vista cronológico e cultural. Por exemplo, entre outras evidências, as gravuras das placas do Fariseu mostram que no final do paleolítico do Côa coexistem nos mesmos estilos figuras de traço simples e múltiplo.

claramente um sítio fulcral para a compreensão da arte paleolítica do Côa na sua evolução cronológica, estilística e ideológica. Para finalizar, podemos referir ainda a pequena e única figura identificada na rocha 57. É de muito difícil visualização, identificando-se a cabeça e peito, a traço simples, e o dorso delineado a traços múltiplos, tendo um curto pescoço preenchido internamente com escassos traços múltiplos. Aparentemente, não tem ventre nem patas. A terminação da cabeça não é visível por estar numa fractura da rocha, mas o aspecto da figura e a forma da cabeça lembram uma ave, algo similar, ainda que não idêntica, à que se encontra na rocha 34 do Vale de José Esteves. A confirmar-se será uma novidade, tendo em conta a extrema raridade destas representações na arte do Côa, mas não é uma identificação segura, e só um levantamento rigoroso da figura poderá confirmar ou não esta hipótese.

### **6.1.9. Bulha.**

Em tempos chegou a estar inventariado no conjunto da arte do Côa um sítio designado como “Alto da Bulha”, com o qual não se deve confundir este sítio. Como referimos com mais detalhe no capítulo dedicado ao Vale de José Esteves, essa designação foi abandonada e já não consideramos esse local e as suas rochas como sendo um sítio separado de arte rupestre.

A Bulha foi primeiramente inventariada em finais de 2005, com a descoberta da rocha 1. Em Julho e Agosto de 2006 fizemos a prospecção sistemática de uma área que nos parecia a mais promissora para a existência de arte rupestre, e onde se englobava a rocha já descoberta, tendo-se descoberto e inventariado grande quantidade de rochas, chegando-se ao número de 40, referido no inventário desse ano (BAPTISTA & REIS 2009: 174-175). Já em 2007, outras duas rochas são acrescentadas ao inventário. A primeira surge por desdobramento da rocha 30, em que decidimos considerar a extremidade direita daquela rocha, muito mais recuada que o restante painel, como sendo um registo separado, e que foi inventariado como a rocha 41. Em Abril, a rocha 42 apareceu em mais uma mancha de prospecção sistemática adjacente à anteriormente realizada, sendo esta a quantidade referida no último inventário (REIS 2011: 120-123). Por fim, em Dezembro de 2010 detectamos uma nova rocha dentro da área sistematicamente prospectada, com um ou dois motivos paleolíticos de muito difícil visualização e que tinham escapado à nossa observação, sendo registada com o número 43.

É uma encosta bastante inclinada, voltada a Leste sobre o Douro, contida entre Vale de Cabrões a Norte e a Vermelhosa a Sul, iniciando-se à cota de 360 metros. Junto ao rio estende-se por 950 metros, mas a sua área pode-se dividir em duas partes distintas. A metade Sul, a mais elevada do sítio e confinante com o sítio da Vermelhosa, é marcada por duas linhas de escorrência de água que convergem na parte inferior, terminando numa única linha afluente do Douro, e que delimitam um marcado triângulo na parte superior. Este triângulo tem 360 metros de comprimento e 320 de largura, e todas as rochas conhecidas estão no seu interior. Foi esta a área que prospectamos de forma sistemática. É possível que possa haver ainda mais uma ou outra rocha por descobrir nas áreas periféricas no exterior das duas linhas de água, e no seu término conjunto sobre o Douro, mas a escassez de afloramentos e a vista de olhos que já demos (sem resultados) tornam isso pouco provável. Por outro lado, a metade Norte do sítio, que confina com Vale de Cabrões, é uma encosta contínua, com 560 metros de comprimento máximo, bastante mais baixa que a anterior, e onde existem bastantes afloramentos, particularmente na metade inferior. Poderá haver aqui rochas historiadas por descobrir, se bem que numa primeira vista de olhos que já realizamos não se tenha descoberto nenhuma, tendo-se constatado que a qualidade das superfícies é consideravelmente inferior à da área Sul.

Todas as gravuras de todas as épocas são filiformes. A Idade do Ferro domina claramente, tanto quantitativa como qualitativamente, estando representada em 25 rochas. Segue-se o Paleolítico Superior, em 18 rochas, e a Época Moderna, em oito rochas.

A Época Histórica está pouco representada, mas tem alguns elementos de interesse. Na rocha 18 surgem umas toscas cruces sobre motivos paleolíticos, de provável carácter apotropaico. As rochas 23, 27 e 28 encontram-se todas perto umas das outras, e é possível que estejam mutuamente relacionadas. A última tem uma única figura de uma mulher, perto da rocha 27 onde surge uma figura de homem manuseando um ancinho, numa raríssima cena da vida quotidiana. Na rocha 23, o seu painel vertical faz a parede de fundo de um casebre agrícola, sendo quase certo que as gravuras se relacionam com a actividade associada a esta construção. Consistem na representação de um homem e uma mulher, provavelmente um casal, associados a um nome, um barco, algumas aves, e as datas de 1844 e 1846. O homem maneja uma espingarda com baioneta e ostenta um chapéu alto militar com pluma, facilmente identificável nos fardamentos militares do século XIX, sendo assim, provavelmente, uma invulgar representação popular de um soldado do exército português, em tempos pouco posteriores às invasões francesas e à guerra civil.

O Paleolítico Superior está mais representado, mas a Bulha está longe de ser dos sítios mais interessantes deste período. Salientam-se as figuras estriadas, essencialmente cervídeos. É de relevar, no entanto, a sua variabilidade tipológica que, dentro da categoria genérica “cervídeo de traço múltiplo”, mostram uma apreciável diversidade, não só de rocha para rocha mas também dentro de um mesmo painel, no que é uma característica típica das figuras da fase final de gravação do Paleolítico Superior da região. Um estudo tipológico mais detalhado ainda está por fazer mas, a título de exemplo, salientaríamos a grande semelhança entre a cerva da rocha 14 e a cerva da rocha 40 da Foz do Côa, com a cabeça muito parecida e talvez feitas pela mesma mão. Encontram-se ainda cervídeos de traço múltiplo nas rochas 18, 25, 26 e 35, e outras figuras indeterminadas de traço múltiplo nas rochas 37, 42 e 43. Uma bela cerva na rocha 18 foi feita com um misto de traço inciso e raspado, aproveitando as características cromáticas da zona do painel onde se encontra, destacando-se visualmente de forma muito evidente, num efeito provavelmente intencional. Na rocha 42 surge uma figura ovalada em traço múltiplo que poderá ser um peixe, ainda que essa não seja uma interpretação segura.

Claramente, é na Idade do Ferro que este sítio se realça, pela quantidade de rochas e motivos, bem superior à de outros períodos cronológicos, mas também pela qualidade, originalidade e diversidade dos motivos e das cenas que apresenta. Aliás, consideramos a Bulha como um dos principais sítios da Idade do Ferro da arte do Côa, absolutamente fulcral para o estudo das gravuras deste período, mesmo nesta fase em que as suas rochas são ainda insuficientemente conhecidas e muito está por decifrar. A panóplia de motivos e cenas é típica: armas, geométricos, animais diversos e figuras humanas, que ocasionalmente integram cenas de caça ou de combate. As armas são poucas, quase todas lanças e quase sempre associadas às figuras humanas existentes. As excepções estão nas duas lanças da rocha 40 e na grande lança da rocha 18, muito semelhante às que se encontram na rocha 8 do Vale de José Esteves. Existe uma duvidosa figura de escudo segurada por um antropomorfo na rocha 35. Também nesta rocha se encontra uma figura humana que maneja uma lança numa mão e uma falcata noutra, uma das raras representações de utilização directa de falcatas que conhecemos na região.

O conjunto de animais e geométricos é grande, presentes em quase todas as rochas, e a conjugação destes dois tipos num motivo de grande complexidade da rocha 19, que se assemelha a um entrelaçamento ovalado de vários animais (de espécie indefinida), é de grande originalidade. As figuras zoomórficas seguem os tipos conhecidos, essencialmente cavalos e cervídeos, com alguns canídeos mais raros, destacando-se o cavalo de traseira em ferradura da rocha 6, o conjunto de cavalos e cervídeos das rochas 16 e 19, o grande cavalo de longo pescoço da rocha 39, similar ao da rocha 35 do Vale de Cabrões, ou o veado da rocha 41. As figuras geométricas de cariz abstracto são também numerosas, associando-se em regra aos outros motivos. Na rocha 8 os motivos geométricos são a temática exclusiva no painel, feitos com traços vigorosamente

gravados num conjunto de excelente estética, e consistindo nos dois tipos de geométricos mais abundantes na arte proto-histórica do Côa: ziguezagues e reticulados.

Mas é a grande quantidade e qualidade das figuras antropomórficas que torna este sítio um pouco diferente. Nas 25 rochas com motivos da Idade do Ferro, pelo menos dez apresentam figuras humanas, uma percentagem superior ao comum, se bem que em duas das rochas as figuras sejam pouco evidentes (rochas 30 e 41). Figuras de cavaleiros são apenas duas, nas rochas 7 e 21, pouco expressivas. Na rocha 16 um tosco antropomorfo é quase igual a outro que surge na rocha 31, provavelmente feitos pela mesma mão. Nesta última rocha surge outra figura humana com o corpo torcido numa posição de “dançarino”, numa perspectiva única na arte do Côa. Na rocha 13 surgem duas interessantes figuras lado a lado, de braços ao alto em posição “orante” (da interpretação dos antropomorfos em posição “orante”, ver REIS 2011: 86), uma com um pequeno penacho na nuca, a outra com cinto. Na rocha 19 encontra-se uma original figura, pesada, de cabeça disforme, sem braços e de penacho “frontal”, sobre a qual já colocamos a hipótese de se tratar de uma figura mitológica (REIS 2011: 87). Na rocha 38 há uma cena de combate entre cinco guerreiros, que já descrevemos com detalhe em texto anterior (REIS 2011: 94-95). Destaque-se ainda a peculiar associação destes combatentes a uma égua que amamenta a sua cria, com único paralelo na rocha 42 de Vale de Moinhos, em que um guerreiro com lança se associa a um animal que amamenta uma cria. Mas é a profusão de figuras da rocha 35 que se destaca, salientando-se o conjunto variado de antropomorfos, pelo menos oito, feitos por diferentes mãos presumivelmente em alturas diferentes. Há duas que integram o lote dos melhores motivos proto-históricos da arte do Côa: uma figura vista de frente segura ao alto nos braços um cervídeo trespassado por duas lanças, numa cena de caça com mais figuras, nomeadamente canídeos; noutro caso, um guerreiro de perfil segura um cervídeo pela cauda enquanto brande uma lança de ponta triangular<sup>21</sup>. Saliente-se que este é o único exemplo, de momento, em que duas cenas de caça distintas partilham o mesmo painel.

#### **6.1.10. Vermelha.**

As primeiras gravuras deste pequeno mas importante sítio foram descobertas em Junho de 1995 por José Constâncio, habitante de Vila Nova de Foz Côa (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: 403), conhecendo-se nesta fase inicial pelo menos três rochas. Em 1996, um grupo de investigadores liderado por Mila Simões de Abreu levou a cabo trabalhos no sítio e, embora não digam explicitamente o número total de rochas que conhecem, referem o levantamento gráfico de seis rochas (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: 404). Em 1997 são conhecidas já oito rochas (BAPTISTA & GOMES 1997: 214-215), número que, certamente por lapso, desce para sete dois anos mais tarde (BAPTISTA 1999: 19). Em 2000 as rochas conhecidas sobem para dez, referidas nos inventários seguintes (BAPTISTA 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 191-192). Em 2003 descobre-se mais uma. Em Maio de 2006, quando efectuamos a realocização de todas estas rochas, descobrimos outra, sendo doze as referidas nos inventários seguintes (BAPTISTA & REIS 2009: 174; REIS 2011: 120-123). Em Novembro de 2011 prospectamos sistematicamente toda a margem esquerda, subindo o total para 24 rochas.

É uma pequena linha de escorrência de água na encosta para o Douro. Nasce na orla do planalto, à cota de 370 metros, e percorre 950 metros, na direcção Oeste-Leste. O sítio delimita-se entre a Bulha, a jusante, e o Vale de José Esteves, a montante. O vale, embora bem evidenciado, é pouco profundo, não ultrapassando os 50 metros de profundidade máxima, numa largura

---

<sup>21</sup> Para além do seu ineditismo, há dois outros factores que adicionam à originalidade destas cenas. Na primeira, a raridade da exibição do falo do antropomorfo, que se constata nas rochas 3 da Vermelha, 93 da Foz do Côa, 3 de Vale de Cabrões, e pouco mais. Por contraposição, são abundantes os animais desenhados com falo destacado: cavalos, cervídeos e canídeos. Na segunda cena, a existência de uma ave, outro tema raríssimo (cf. REIS 2011: 88-89), que observa a cena por cima.

máxima de 300 metros, que se reduz a pouco mais de 100 metros no troço final. Esta pequena linha de água não tem muitos afloramentos, e a maioria dos que existem concentra-se na parte final perto do Douro e na margem esquerda, onde se conhecem quase todas as rochas inventariadas. Apenas duas rochas gravadas se conhecem mais para cima, a cerca de 250 metros das restantes, estando uma em frente à outra em ambas as margens. A rocha 14 é a única que se encontra na margem direita, numa área onde se concentram alguns afloramentos propícios.

Há apenas duas rochas com gravuras de Época Histórica, doze rochas com gravuras da Idade do Ferro e outras tantas com gravuras paleolíticas, registando-se ainda quatro com gravuras de cronologia indeterminada, incluindo a rocha 14 na margem direita.

As gravuras modernas são irrelevantes neste sítio, limitando-se a alguns traços sem nexos em duas rochas. Do Paleolítico Superior destaca-se claramente a rocha 1, com grande quantidade de figuras de cervídeos, na maioria de traço múltiplo, incluindo figuras de grande dimensão (cf. BAPTISTA 1999: 140-141, 144-146)<sup>22</sup>. A rocha 3 tem algumas figuras indeterminadas de traço múltiplo, a rocha 4 tem uma única figura de cerva de traço múltiplo num pequeno painel ao nível do solo que serve de base a um grande muro de socalco. Na rocha 10 regista-se outro cervídeo de traço múltiplo, tal como na rocha 2. Na rocha 18 surge um quadrúpede indeterminado delimitado a contorno de traço múltiplo. As rochas 8, 11, 20 e 22 apresentam, cada uma, um único motivo de traço múltiplo, de cariz indeterminado nos dois últimos casos, e possíveis figuras de peixes nos dois primeiros. Por fim, na rocha 2, para além do cervídeo já referido (BAPTISTA 1999: 144), encontram-se bastantes figuras ainda por decifrar, cobertas por líquenes, e algumas pequenas figuras de traço simples. Estas consistem em dois caprinos (BAPTISTA 1999: 142-143), e em dois animais de difícil interpretação, ambos incompletos por fracturação, e que poderiam ser representações de lagomorfos (ou seja, coelhos ou lebres). A confirmar-se, seriam as únicas conhecidas na região da arte do Côa (cf. REIS 2011: 106-107).

As gravuras da Idade do Ferro, presentes na mesma quantidade de painéis que as paleolíticas, são muito mais abundantes. Entre as rochas menos importantes, destaquem-se as variadas figuras geométricas das rochas 6, 7, 8, 10, 15, 16 e 19, consistindo sobretudo em reticulados e zigzagues, e os animais (cavalos e cervídeos) das rochas 10, 13, 17 e 19. Mas são claramente as rochas 1 e 3 que dominam o sítio, ambas com enorme quantidade de figuras dispersas por painéis de grande dimensão. A rocha 1 tem mais figuras, na maioria por interpretar devidamente pelo denso palimpsesto em que surgem, numa complicada mistura de figuras paleolíticas e proto-históricas. É mais conhecida pela figura de cavaleiro sobreposta a uma cerva paleolítica de traço múltiplo (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: fig. 4; BAPTISTA 1999: 146-147), tendo ainda dois outros cavaleiros, e mais animais e geométricos (cf. ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: fig. 7; BAPTISTA 1999: 168-169).

Há um primeiro levantamento publicado da rocha 3 (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: figs. 1, 2, 5 e 8)<sup>23</sup>. Tem algumas deficiências face à realidade, como já foi salientado (LUÍS 2009b: 219-220). Surge um conjunto de figuras antropomórficas na extremidade esquerda da rocha 3 (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: fig. 5) que são interpretadas como orantes (LUÍS 2009b: 227), isto é, figuras humanas, desarmadas, com os braços erguidos ao alto. Na realidade, das três figuras em causa, uma é um estranho motivo, talvez um quadrúpede ou a parte inferior de um antropomorfo, mas sem braços, outro é uma figura antropomórfica quase completa, mas novamente sem braços, e a terceira é um antropomorfo completo de braços erguido ao alto, mas que segura numa das mãos o que parece indubitavelmente uma pequena arma, talvez um punhal ou, tendo em conta o ângulo existente entre o cabo e a lâmina, uma faca afalcatada. A existência de uma arma, à partida, classificaria esta figura como um guerreiro. No entanto, se for efectivamente uma faca afalcatada, na única representação na região de uma arma do género empu-

<sup>22</sup> A figura de cerva das páginas 144-145 está na rocha 1 e não na rocha 2, como é por lapso indicado no livro.

<sup>23</sup> Neste texto, a chamada rocha 4 corresponde à rocha 3 do nosso inventário da arte do Côa.

nhada por uma figura humana, poderia de facto apoiar a hipótese de se tratar de uma cena de cariz religioso, uma vez que são armas com funções primordialmente cerimoniais, sendo usadas, por exemplo, em contextos sacrificiais (cf. QUESADA SANZ 1997: 165-168).

Num pequeno sector do painel da rocha 3 concentram-se grande parte das figuras desta rocha, várias das quais integram a conhecida cena de combate (ABREU, Mila Simões, *et alii*, 2000: figs. 1, 2 e 8). Uma grande figura de guerreiro, com penacho na nuca, cinto apertado, e armado de lança e escudo, domina o conjunto. Por baixo encontra-se um combate de dois guerreiros, ambos fálicos, de penacho e cinto, armados também de escudo e lança (BAPTISTA 1999: 167). Mais abaixo ainda uma cena única na arte proto-histórica do Côa, duas aves, provavelmente necrófagas, debruçam-se sobre um grande peixe. Muitos outros motivos se encontram em volta destas figuras principais. Luís (2009a: 141) apresenta uma descrição bastante completa desta cena, da qual acertaríamos alguns detalhes. Não é fácil, face à profusão de figuras em todo o painel, determinar o que integra ou não a cena, e o critério é procurar os motivos de estilo, traço e pátina semelhante, que aparentem ter sido feitos pela mesma mão. Assim, face a esta descrição, incluiríamos ainda no grupo de figuras integradas na cena um esboço de figura humana, só com cabeça e parte do tronco, situado logo por cima do cavalo atado à cintura de um dos combatentes. Também um outro cavalo situado por baixo deste mesmo combatente fará parte da cena, assim como um estranho símbolo geométrico em forma de guitarra, colocado logo abaixo de um dos pés do segundo combatente. Por outro lado, duvidamos da interpretação de uma figura à direita da cabeça da grande figura de guerreiro, e que é descrita como sendo uma ave necrófaga com o bico terminando numa dupla linha ondulada. Esta suposta figura, situada num complicado palimpsesto de inúmeros traços de diferentes motivos, parece-nos na verdade ser uma conjugação de várias coisas diferentes: um quadrúpede indeterminado de traço múltiplo paleolítico e vários traços e motivos da Idade do Ferro, incluindo um cavalo. Por cima da cabeça deste há mais um conjunto de motivos, incluindo um pequeno quadrúpede paleolítico e um reticulado, que poderá também fazer parte da cena.

Já anteriormente exprimimos dúvidas sobre a inclusão do conjunto das duas aves e peixe nesta cena, e se não deverão antes ser consideradas como uma cena apartada (cf. REIS 2011: 88-89). De facto, olhando para o estilo das figuras, o tipo de traço e a sua pátina, estas três figuras parecem-nos ligeiramente diferentes das restantes, com uma possível excepção, e que é a grande figura de guerreiro. Não nos custa admitir que a mesma mão tenha feito as aves, o peixe e o grande guerreiro, mas talvez não as restantes. Por outro lado, olhando atentamente as várias figuras, reparamos noutro detalhe: as figuras da cena dispersam-se ordenadamente pelo painel, quase sem sobreposições exceptuando precisamente o grande guerreiro: um dos seus pés sobre põe-se à mão e à lança de um dos combatentes. Este é outro factor que apoia a hipótese de que se poderá separar esta composição em, pelo menos, dois momentos distintos: por um lado, o grande guerreiro, possivelmente acompanhado das duas aves e do peixe; por outro lado, a cena de combate e restantes figuras. Aceitando esta separação, não sabemos qual será a ordem de composição. Considerando as semelhanças entre os três guerreiros, parece-nos que pertencem a um mesmo momento cultural, e pouco tempo deverá mediar entre os conjuntos.

Sem grande dúvida pertencentes à cena de combate com os dois guerreiros são duas figuras peculiares e únicas na arte do Côa, uma ao lado esquerdo do grande guerreiro, representada apenas da cintura para cima, com a parte central do corpo alargando-se no que poderia ser o princípio de um vestido, levando as mãos à cabeça onde segura o que parece ser um vaso; a outra situada por baixo dos dois combatentes, desenhada de forma similar a estes, mas apenas com uma perna e com uma cintura muito mais fina, sem braços, mas tendo na cabeça o que lembra fortemente os capacetes de cornos conhecidos de alguma iconografia do Bronze Final/Idade do Ferro do Centro/Sul Peninsular, nomeadamente de algumas das chamadas estelas de guerreiro. No entanto, por comparação com a figura anterior, é possível que se trate de algo similar ao

que esta tem na cabeça, algum tipo de vaso. Luís (2009b: 226) considera que não se tratará de figuras femininas, por pelo menos uma delas ter características semelhantes às dos combatentes, mas estas características são unicamente o delinear genérico da figura humana, e estão conspicuamente ausentes de ambas as armas, os penachos, a postura ofensiva e os falos, sendo de notar que estão ambas em posição secundária face às dominantes figuras dos guerreiros. Parece-nos assim possível, tendo em conta as suas características, a sua posição dentro da cena e os possíveis vasos à cabeça, que sejam efectivamente figuras femininas. Concordamos, no entanto, que lhes faltam elementos mais evidentes que lhes definam inequivocamente o sexo. Por outro lado, a interpretação em conjunto dada às duas figuras vem apenas do facto de ambas terem à cabeça algo que se assemelha a um vaso. A coincidência é assinalável, e não deve ser ignorada de ânimo leve, mas podemos também considerar a hipótese de se tratar da representação de duas coisas diferentes. Desde logo, diferentes são também estas duas figuras humanas, representadas de forma muito distinta, tendo a primeira, com a sua pequena boca aberta, as mãos sobre a cabeça e o eventual vestido, uma aparência mais feminina do que a segunda. Quanto aos objectos por cima das cabeças, no primeiro caso trata-se indubitavelmente de um vaso de algum tipo, com o fundo representado por cima da cabeça. No segundo caso, no entanto, não existe representação do fundo, este confunde-se com a cabeça da personagem, e as paredes do suposto vaso arrancam directamente da cabeça. Como Luís refere (2009b: 226), este tem uma aparência similar a um capacete de cornos, iconograficamente conhecidos em diversas das estelas de guerreiro do Centro/Sul peninsular. Assim, uma outra hipótese a aplicar a esta figura seria que se poderá tratar de mais uma figura de guerreiro, incluída directamente no combate, pois está logo ao lado e abaixo dos dois combatentes, aos quais se assemelha fortemente, mas sendo representado sem braços e só com uma perna, para além do referido possível capacete de cornos. A inclusão deste tipo de capacetes nesta cena não seria necessariamente um anacronismo, pois as datações avançadas para as estelas acima referidas são do Bronze Final/Primeira Idade do Ferro, coexistindo com as lanças com conto, tal como são representadas na cena (cf. CELESTINO PÉREZ 2001; QUESADA SANZ 1997: 427-431).

#### **6.1.11. Vale de José Esteves.**

O chamado sítio do Alto da Bulha foi primeiramente referido em 1999, mencionando-se então a existência de duas rochas, e publicando-se uma cena sexual envolvendo quatro canídeos da Idade do Ferro (BAPTISTA 1999: 19, 176-177). As referências a este sítio continuam ainda por algum tempo (BAPTISTA 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 192; neste último caso associando por engano o local a Vale de Cabrões). No entanto, aquilo que se designava como sítio do “Alto da Bulha” era simplesmente a parte superior do troço mais encaixado do Vale de José Esteves, não havendo qualquer separação lógica e perceptível entre os dois sítios, pelo que a sua inventariação separada não só não fazia sentido topograficamente como contrariava as normas de inventariação até aí seguidas. Assim, decidiu-se anular o sítio do Alto da Bulha e inventariar as suas duas rochas até aí registadas dentro do sítio do Vale de José Esteves (cf. BAPTISTA & REIS 2009: 173-174, onde primeiro se refere esta alteração no inventário). A antiga rocha 1, com gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro (incluindo os quatro canídeos referidos), passou a ser a rocha 19, e a rocha 2 passou a rocha 20.

As primeiras rochas na parte inferior deste vale são descobertas em Outubro de 1994 (REBANDA 1995a: 8; 1995b: 12), mas só em 1995 se inventariará adequadamente este sítio. Nos finais deste ano conheciam-se dez rochas, que sobem para doze em 1997, referidas no Relatório (BAPTISTA & GOMES 1997: 214-215). Dois anos mais tarde são referidas apenas dez (BAPTISTA 1999: 19), mas o lapso é corrigido nos inventários seguintes (BAPTISTA 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 192). Este número vai subindo paulatinamente com a investiga-

ção e, incluindo as duas rochas previamente inventariadas como pertencendo ao extinto sítio do “Alto da Bulha”, fixa-se em 23 no ano de 2006, que é o referido no último inventário (BAPTISTA & REIS 2009: 173-174). Em 2007 fizemos a prospeção sistemática de quase todos os conjuntos de afloramentos existentes na margem esquerda do vale, detectamos ainda mais uma rocha isolada na margem direita, e o número total de registos subiu para 63. Já em Julho de 2009, durante uma campanha de desenho da rocha 19, reparamos na existência de mais uma rocha gravada ao lado daquela, que tinha escapado à detecção durante a prospeção, e com a qual subiu o número para 64 registos, referido no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em princípios de 2011 Thierry Aubry e Luís Luís, do PAVC, descobriram mais duas rochas, desta vez na margem direita perto da rocha 61, e em Março de 2011 descobrimos a última rocha na margem esquerda, fixando o total em 67 registos.

Esta ribeira nasce no planalto, dentro da área urbana de Vila Nova de Foz Côa, tendo uma extensão total de 4800 metros. Na área planáltica percorre um longo troço de 3550 metros, descendo paulatinamente dos 420 para os 350 metros, num percurso bastante sinuoso. Mantém uma orientação Sudoeste-Nordeste, que inflecte para Leste ao iniciar a escavação do vale na encosta final sobre o Douro. Este troço final mede 1250 metros, num vale que atinge os 170 metros de profundidade e uma largura de 770 metros.

Em princípio, e salvo erro, não deverá haver mais rochas por descobrir na margem esquerda, pois não deixamos conjuntos rochosos por ver. A margem direita, onde se conhecem quatro rochas, precisa de ser mais intensamente prospectada, pois há mais afloramentos que não foram vistos, particularmente nas zonas intermédias e superior.

Com a prospeção sistemática, o Vale de José Esteves subiu ao terceiro lugar na listagem dos sítios com mais registos, e integra o conjunto de sítios densamente gravados que rodeiam o ponto de encontro entre o Côa e o Douro. É dos sítios fulcrais para o estudo da arte do Côa, tanto para o Paleolítico Superior como para a Idade do Ferro, mas é ainda pouco conhecido. Todas as gravuras de todas as épocas são filiformes, com excepção de pequenas nuvens de pontos picotados em algumas rochas com gravuras paleolíticas, como nas rochas 4 e 13. Nalgumas figuras da Idade do Ferro, nomeadamente na rocha 19, esse traço foi sucessivamente repassado e aprofundado, formando a “abrasão filiforme” que referimos. Recentemente, a rocha 16 foi desenhada e os primeiros resultados publicados (BAPTISTA 2008a; 2008b: 112, 114-129).

Com os resultados da prospeção, as características distributivas das rochas conhecidas alteraram-se bastante face ao que tinha sido previamente publicado. Reconhecemos cinco grandes grupos de distribuição das rochas conhecidas, a cotas diferentes, desde as zonas mais elevadas até ao leito da ribeira. Pode-se dizer que, de uma forma geral, esta distribuição segue a própria disponibilidade de afloramentos com painéis verticais propícios, e as áreas entre estes grupos estão quase despidas de afloramentos. O grupo mais elevado situa-se aproximadamente a meio do vale, perto da orla do planalto, entre as cotas 350 e 330, e compõe-se de seis rochas, em que dominam claramente os motivos da Idade do Ferro, embora surja uma ou outra figura paleolítica. O grupo mais a jusante (correspondente ao extinto “Alto da Bulha”) está a meia encosta e tem cinco rochas, quase exclusivamente com motivos da Idade do Ferro, apenas com algumas escassas figuras paleolíticas no enorme painel da rocha 19. A rocha 67 encontra-se isolada a cerca de 200 metros de distância da rocha 19, assinalando o princípio da distribuição das rochas gravadas, a meia encosta, quase no início do encaixe do vale e a cerca de 1100 metros de distância da embocadura da ribeira com o Douro. Na zona central do vale, de um e outro lado de uma linha de água que o divide a meio, ficam outros dois grupos. O mais pequeno fica a jusante, tendo sete rochas, todas perto da ribeira, e inclui a rocha 16, na margem direita quase encostada ao leito. O seu repertório divide-se entre o Paleolítico Superior e a Idade do Ferro, que apenas se misturam na rocha 16. O grupo mais a montante é maior, compondo-se de 16 rochas, incluindo as rochas 61, 65 e 66, que estão na margem oposta em frente às restantes. Grande

parte das rochas estão perto da linha de água, mas algumas sobem até ao meio da encosta. Para além de uma ou outra rocha com gravuras de cronologia indeterminada e apenas uma com gravuras modernas, o conjunto figurativo divide-se, mais ou menos equitativamente, entre o Paleolítico Superior e a Idade do Ferro, que se misturam em diversas rochas. Por fim, a embocadura da ribeira é, claramente, a zona fulcral do sítio. Aqui o vale é estreito e a encosta muito mais baixa, com a zona encaixada iniciando-se apenas à cota de 170 metros, e as 32 rochas conhecidas, quase metade do total conhecido, distribuem-se num curto espaço, em altura e em comprimento (pouco mais de 100 metros), todas na margem esquerda, aproveitando a enorme densidade de afloramentos, e com alguns painéis de enorme dimensão. Algumas das rochas da parte superior do grupo estão já numa zona aplanada, em que a altura dos painéis é reduzida. Novamente, e com excepção de algumas poucas gravuras indeterminadas ou modernas, o Paleolítico Superior e a Idade do Ferro dividem o repertório, raramente se encontrando nos mesmos painéis. À semelhança do vizinho sítio da Vermelhosa, é altamente provável que algumas rochas tenham sido destruídas pela abertura do caminho-de-ferro, em finais do século XIX, que corta a sequência rochosa junto ao Douro, e não sabemos se não haverá ainda mais algumas por descobrir na zona da embocadura actualmente submersa.

Cinco rochas têm gravuras de Época Histórica, enquanto a Idade do Ferro e o Paleolítico Superior estão representados em quantidades muito semelhantes, o primeiro período em 33 rochas e o segundo em 34. Seis rochas têm gravuras indeterminadas.

A Época Histórica está pouco representada e tem escassa valia, destacando-se na rocha 2 uma figura de barco a vapor, numa moldura decorada e associada a uma assinatura e à data de 1968. Na rocha 51 surge uma interessante representação de um casal de braço dado, a mulher representada de saia e o homem exibindo o falo, ambos com corpo exuberantemente decorado e aparentemente representando padrões da vestimenta, num painel situado perto de arruinadas construções agrícolas. Nas rochas 63 e 66 surgem figuras reticuladas, que serão possíveis jogos.

Na Idade do Ferro destaca-se a inusitada quantidade de painéis de grandes dimensões densamente gravados com muitas figuras em quase toda a sua área útil. É o caso das rochas 3, 7, 8, 18, 19, 26, 27, 48 e 59. Ainda que tais critérios sejam sempre discutíveis, consideramos a rocha 19, na parte superior do vale, a mais interessante do conjunto, tendo enorme variedade de figuras e estilos, incluindo muitos animais, figuras geométricas e figuras antropomórficas, e de que a referida cena sexual entre dois pares de canídeos é apenas uma pequena parte. Muito perto, na rocha 20, encontram-se das mais complexas e espectaculares figuras geométricas de toda a arte do Côa. Na rocha 18 salienta-se um pequeno conjunto de figuras que, até ao momento, são exclusivas desta rocha, e que serão possivelmente representações de criaturas mitológicas. Consistem em canídeos, com um só corpo mas duas cabeças, uma em cada extremidade do corpo, cada uma com o respectivo par de patas e com a cabeça em posição torcida a olhar para trás, fitando-se mutuamente. Na rocha 7 destacaríamos as raras figuras de carniceiros, canídeos de boca aberta mostrando os dentes. A rocha 8 salienta-se pelo enorme tamanho das suas figuras, algo raro na arte proto-histórica da região, que privilegia figuras pequenas, havendo um enorme antropomorfo incompleto, alguns grandes animais e, sobretudo, uma ampla colecção de lanças, algumas de dimensão surpreendente. A rocha 26 destaca-se pela elegância de alguns dos seus cavalos, a rocha 59 por um interessante conjunto de geométricos, e muitas mais rochas e motivos se poderiam destacar. No entanto, nota-se a ausência, pelo menos antes de estudos mais aprofundados, de cenas com figuras humanas.

Se a rocha 19 se salienta na Idade do Ferro, é a rocha 16 que, sem grande dúvida, assume esse protagonismo no Paleolítico Superior. A sua colecção de motivos (na maioria de traço múltiplo e pertencentes ao momento final da época paleolítica) tem enorme qualidade e originalidade no contexto da arte do Côa (BAPTISTA 2008a; 2008b: 108-129). Destaca-se a representação familiar de um grupo de cervídeos, com macho, fêmea e cria, e muitos outros animais, de todas

as espécies típicas da arte do Côa, associadas a uma rara profusão de signos, incluindo um amplo conjunto de signos triangulares que poderiam ser uma representação algo estilizada do sexo feminino, ainda que outras interpretações sejam também possíveis. Também na rocha 13 surge uma representação de uma manada de cervídeos em traço múltiplo, em que um grande macho olha para um grupo de fêmeas. Na rocha 4, de enorme qualidade técnica e estética, salienta-se a estreita relação entre signos e animais, mais aprofundada ainda que na rocha 16. Entre muitas outras rochas e figuras, podemos ainda salientar a original colecção de animais, em traço simples e múltiplo, da rocha 5, sobretudo um excelente auroque em traço múltiplo (uma raridade nessa espécie), um peixe em posição vertical, ou um grupo de pequenas e estranhas figuras, de estilo muito próprio e único, e que poderão ser representações de minúsculos auroques. Na rocha 40 surge um enorme veado em traço múltiplo, com algumas semelhanças, no estilo, técnica e tamanho, com o veado da rocha 41 da Foz do Côa. Por fim, na rocha 34, entre outras figuras, merece grande destaque a sua figura de ave, a única claramente identificada até ao momento na região, bem mais evidente que as eventuais outras aves assinaladas na rocha 57 de Vale de Cabrões ou na rocha 4 da Ribeira da Cabreira (cf. REIS 2011: 108-109).

### **6.1.12. Ribeira do Picão.**

A primeira rocha gravada foi-nos mostrada em Julho de 2006 pelo senhor Manuel António, da aldeia do Orgal, e foi a única referida no inventário desse ano (BAPTISTA & REIS 2009: 188). No entanto, no final desse mesmo ano já conhecíamos mais três rochas e, em Agosto de 2008, mais uma foi inventariada, por intermédio de Dalila Correia, fazendo o total de cinco referidas no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Agosto de 2012 prospectamos o sector central da ribeira, chegando-se às dez rochas actualmente conhecidas.

É o primeiro sítio que, na margem esquerda do Douro, surge a montante da embocadura do Côa. A ribeira nasce à cota 430 metros na orla do planalto, a Leste da aldeia do Orgal, e inicia logo a escavação do vale encaixado. Tem um percurso de Sul para Norte, numa extensão de 2670 metros. O vale é profundo, atingindo os 150 metros, mas de perfil assimétrico. As encostas do lado direito têm declives acentuados, culminando numa estreita cumeada que a separa do vale da ribeira da Cabreira. As encostas do lado esquerdo são mais largas e abertas, confluindo com a longa encosta que se estende até à foz do Côa, e têm vários afluentes, alguns formando vales profundos, como a Canada da Moreira. Nas últimas centenas de metros o vale abre-se, tornando-se pouco profundo, e a entrada no Douro ocorria numa praia aplanada, hoje submersa.

Dentro da bacia hidrográfica desta ribeira estão inventariados dois outros sítios, a Canada da Moreira e o Garrido. O primeiro é um pequeno afluente da ribeira principal, o outro um trecho da parte superior da encosta, sobre o troço final do vale. O carácter coeso do conjunto de rochas gravadas de cada um destes sítios e a sua grande distância face às restantes rochas do vale justificam a sua inventariação separada. Quanto à ribeira, as rochas conhecidas encontram-se perto do leito, com excepção da rocha 5 que está a meia encosta, e quase todas na margem esquerda, com excepção da rocha 2. De uma forma geral, é um vale pouco rochoso em ambas as margens, com alguns conjuntos de afloramentos pouco densos e dispersos. Nenhuma área foi ainda sistematicamente prospectada, mas a prospecção feita até ao momento foi bastante completa, e é pouco provável que haja mais rochas por descobrir. O sector direito do vale apresenta mais e maiores afloramentos que a margem esquerda, de alto a baixo da encosta, mas alguns troços foram prospectados, constatando-se que na sua maioria estes painéis são de má qualidade, não apresentando gravuras, com a referida excepção da rocha 2. O conjunto das dez rochas divide-se em quatro grupos distintos: a montante, a rocha 5 surge isolada, a 1700 metros da foz. As rochas 1 e 10 encontram-se a 270 metros de distância, junto a uma pedreira abandonada cuja laboração talvez tenha destruído afloramentos gravados. A 360 metros a jusante está o principal

conjunto de gravuras do sítio, nas rochas 6, 7, 8 e 9. Por fim, 400 metros a jusante do grupo anterior, e a 700 metros de distância da foz, estão as rochas 2, 3 e 4.

É notória a ausência de motivos paleolíticos. Todas as gravuras são filiformes, com excepção de alguns motivos picotados da rocha 6. Sete rochas têm gravuras da Idade do Ferro, duas têm gravuras históricas. As rochas 7 e 10 apresentam conjuntos de traços de cronologia indeterminada, em ambos os casos possivelmente também da Idade do Ferro.

As gravuras mais recentes estão nas rochas 3 e 6. Nesta surgem alguns traços picotados, rectilíneos ou semicirculares, que pela pátina fresca, e por se sobreporem a gravuras da Idade do Ferro, podem ser considerados de Época Histórica. Na rocha 3 realça-se uma impressionante figura de Cristo crucificado, de grande detalhe figurativo, directamente associada à representação de um edifício com muitas portas e janelas, cujo significado desconhecemos (o templo de Jerusalém?).

Da Idade do Ferro, a rocha 1, com um grande grupo de animais da Idade do Ferro, apresenta um detalhe interessante que, não sendo único na arte do Côa, assume particular relevância neste painel, e que é o facto de misturar representações das figuras de animais em posturas diferentes: umas em posição normal, outras em posição vertical, e outras em posição invertida, de patas para o ar. Os animais são difíceis de identificar na sua espécie, mas na maioria poderão ser representações de cervídeos, e um deles está “trespassado” por uma lança, o que poderá indicar que se trata de uma cena de caça mas sem caçadores humanos o que, sendo raro, não é inédito na arte deste período do Côa, havendo casos similares na rocha 3 da Azenha ou na rocha 2 da Ribeira do Lodão. Pouco abaixo, a rocha tem um conjunto de traços formando um tosco reticulado, talvez também da Idade do Ferro. O principal grupo de rochas é dominado pela rocha 6, um grande painel de figuras, quase todas geométricas de difícil caracterização, e alguns animais muito indistintos. Surge também uma curiosa figura humana desarmada, de braço ao alto. Ao lado, a rocha 8 tem um amplo conjunto de animais de espécie pouco definida, talvez cavalos, e a rocha 9 apresenta dois geométricos similares, de forma subcircular com traços internos. Por fim, devemos mencionar também a rocha 2, localizada na margem direita da ribeira. Encontrava-se encostada a um caminho de terra batida e foi recentemente afectada pelo alargamento desse caminho, tendo sido destruída ou soterrada. Tinha poucos motivos da Idade do Ferro, pelo menos dois cavalos e alguns geométricos pouco expressivos.

### **6.1.13. Garrido.**

Descoberto em Abril de 2006, as seis primeiras rochas deste sítio foram incluídas nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 188; REIS 2011: 120-123). Em Maio de 2010 prospectamos a restante área do sítio, descobrindo mais nove rochas e perfazendo dezasseis.

É um grupo isolado mas relativamente denso de afloramentos, na parte superior da encosta do vale da ribeira do Picão, muito longe do leito desta linha de água e subindo à orla do planalto. Distribuem-se por duas zonas distintas mas contíguas da encosta, cada uma marcada por uma discreta linha de escorrimento de água, entre as cotas 320 e 400 metros, numa extensão que não ultrapassa os 300 metros. As rochas gravadas formam dois grupos, com as seis primeiras a ser descobertas na zona mais a jusante (Norte). Toda a área foi sistematicamente prospectada em 2010, e não deverá restar mais nada por descobrir,

A Idade do Ferro domina esmagadoramente neste sítio, presente em 15 das 16 rochas. Há apenas duas rochas com gravuras modernas. Estas, na rocha 6, são apenas conjuntos de traços desconexos. No entanto, em duas situações, estes traços foram aplicados de forma intensa e repetida em zonas do painel onde existiam gravuras anteriores da Idade do Ferro, quase sucedendo na sua obliteração completa. É possível que esta acção “iconoclasta” não tenha sido intencional, porque há mais gravuras da Idade do Ferro nesta rocha que não foram afectadas. Na

rocha 4 surge um muito interessante conjunto de motivos modernos, que poderão formar uma cena de cariz popular, cujo sentido não discernimos. Entre outros motivos, encontra-se um cavaleiro ao lado de um outro animal, e duas peculiares figuras humanas, com largas vestimentas, voltadas uma para a outra com os braços estendidos e tendo os dois pares de mão unidos por dois longos traços. A existência de três cruces ao lado que parecem representar o calvário, com uma grande cruz central e duas pequenas de cada lado, poderá dar um sentido religioso ao conjunto.

Da Idade do Ferro, as figuras antropomórficas são escassas, apenas um cavaleiro com lança associado a cavalos na rocha 3, e um interessante par de figuras na rocha 5, associadas a um complexo geométrico, ambas de braços erguidos ao alto, não sendo perceptível se tem ou não armas. O sítio destaca-se pelos seus excelentes conjuntos de cavalos, ocasionalmente associados a um ou outro cervídeo, particularmente nas rochas 1, 2, 3, 6, 7, 11 e 13. Algumas rochas apresentam exclusivamente figuras geométricas, como no caso das rochas 10, 15 e 16, e talvez também a rocha 14, embora aqui os líquenes não permitam uma clara apreciação. A rocha 7 é a maior do conjunto, com alguns animais e geométricos, destacando-se uma enorme figura geométrica colocada na horizontal, pontiaguda em ambas as extremidades e alargando no meio, algo semelhante a uma arma.

#### **6.1.14. Canada da Moreira.**

As duas primeiras rochas deste sítio são descobertas em 1998 por João Félix e Manuel Almeida, do CNART. Em 1999 descobrem-se mais duas, sendo as quatro referidas no inventário desse ano e nos seguintes (BAPTISTA 1999: 19; 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 193). O número de registos continua a crescer lentamente nos anos seguintes, atingindo os oito em 2003. Em Abril de 2006 fizemos a realocação destas oito rochas, e descobrimos mais seis, sendo catorze as referidas nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 188-189; REIS 2011: 120-123). Em Outubro de 2010 descobrimos mais duas rochas, a rocha 15 na parte superior do vale e a rocha 16 na parte inferior, muito abaixo das restantes, sendo a primeira a aparecer nesta área. Em Fevereiro de 2012 fizemos prospecção sistemática na área envolvente das rochas 9, 10 e 14, descobrindo-se a rocha 17. Em Maio e Junho de 2012 fizemos a prospecção sistemática da área envolvente da rocha 16, na parte inferior da ribeira, em ambas as margens. Para além de realocar e inventariar as quatro rochas descobertas por Thierry Aubry e Luís Luís em finais de 2010 (AUBRY; LUÍS & DIMUCCIO 2012: 863-864)<sup>24</sup>, descobrimos ainda outras doze rochas. Por fim, em Julho de 2012 fizemos a prospecção sistemática da parte superior da ribeira, envolvendo as primeiras rochas conhecidas (rochas 1 a 8, 11 a 13), e descobrimos mais duas rochas, atingindo-se o total de 35 rochas inventariadas neste sítio.

É uma pequena e profunda ribeira, afluente da margem esquerda da ribeira do Picão, que nasce na orla do planalto ao lado da aldeia do Orgal, à cota de 400 metros. É formada inicialmente por duas curtas linhas de água que rapidamente se fundem num vale muito cavado, com um percurso de Sudoeste para Nordeste relativamente linear, numa extensão máxima de 1200 metros até ao encontro com a ribeira do Picão, à altitude de 190 metros. Mesmo esta pequena linha de água tem, por sua vez, um afluente ainda de menores dimensões, e existe um grupo de quatro rochas gravadas (rochas 9, 10, 14 e 17) na parte superior desta outra linha de água, na sua margem esquerda e perto da orla do planalto, algo distantes das restantes rochas gravadas. A ribeira é estreita, particularmente junto ao leito, não ultrapassando os 220 metros de largura máxima. Tem também um perfil assimétrico, sendo a encosta da margem direita, com aproximada-

---

<sup>24</sup> Rochas 22, 23, 24 e 25. O motivo mostrado na figura 14 (p. 864) está na rocha 25. Ao contrário do que é referido pelos autores, não encontramos motivos paleolíticos nesta área.

mente 100 metros de desnível, bastante mais elevada que da margem esquerda, que tem apenas 30/40 metros de desnível. Fez-se prospecção sistemática na maior parte da área do sítio, nomeadamente na margem esquerda, onde se concentra a maioria das rochas gravadas, e na parte superior da pequena linha de água afluente da ribeira, onde se encontram as rochas 9, 10, 14 e 17. Mais para baixo nesta mesma linha de água surge um pequeno grupo de afloramentos cuja prospecção não revelou a existência de rochas gravadas. A margem direita da ribeira no seu troço inferior foi prospectada com alguma profundidade, ainda que não de forma sistemática, e aqui surgem as três únicas rochas deste lado (rochas 22, 27 e 28). A margem direita na parte superior da ribeira apresenta alguns afloramentos, numa concentração superior à da metade inferior, mas ainda não foi vista, sendo neste momento o único sector que falta prospectar e onde poderá ainda aparecer mais uma ou outra rocha gravada. Diga-se que a prospecção junto ao leito da ribeira foi muito dificultada e ocasionalmente impossível, devido ao denso matagal que o reveste.

Todas as gravuras de todas as épocas são filiformes. Gravuras modernas encontram-se em três rochas, havendo quatro rochas com gravuras paleolíticas, e outras quatro rochas de cronologia indeterminada. Como é característico dos sítios nesta área da margem esquerda do Douro a montante do foz do Côa, a Idade do Ferro domina avassaladoramente, estando presente em 31 das 35 rochas, e sendo provável que algumas ou todas as quatro rochas consideradas de cronologia indeterminada sejam também da Idade do Ferro.

A Época Histórica está quase ausente e é pouco relevante, mas destaca-se uma figura humana feminina da rocha 5 que, pelas suas características, será provavelmente do mesmo autor da impressionante figura humana masculina da rocha 3 da Canada do Amendoal. O Paleolítico Superior está também pouco representado, havendo cervídeos de traço múltiplo nas rochas 1 e 2, um animal de traço simples na rocha 3 e, sobretudo, um excelente conjunto de figuras na rocha 7. Aqui, surgem figuras de traço simples, um caprino, um auroque e um cavalo, acompanhados de duas esbeltas e magníficas figuras de auroques, cuja qualidade estética está no melhor da arte do Côa, desenhadas com contorno de traço múltiplo e directamente associadas a um signo escalariforme vertical. Estas quatro rochas concentram-se num grupo coeso na parte superior do sítio, todas perto do leito da ribeira na margem esquerda, estando as gravuras paleolíticas ausentes da restante área do sítio, apesar da existência de bons painéis e condições favoráveis.

Este é um dos sítios em que melhor se nota a distribuição da maioria das rochas da Idade do Ferro em grupos coesos e relativamente compactos, em que uma ou duas rochas concentram grande quantidade de motivos, incluindo geralmente antropomorfos, e em seu redor se distribuem outras rochas gravadas com poucos motivos de diversos tipos. Na Canada da Moreira são observáveis quatro grupos bem distintos e um possível quinto grupo, menos óbvio, assim como duas ou três rochas mais isoladas que, à primeira vista, não se parecem encaixar neste padrão. O primeiro grupo encontra-se isolado na parte superior do sítio, perto da orla planáltica, e consiste em quatro rochas, das quais as principais são as rochas 9 e 14. A rocha 14 tem mais motivos, sobretudo geométricos, destacando-se uma rara figura estelar similar às da rocha 7 da Cavalaria (cf. REIS 2012: 18-19) e poucos animais, dos quais se destaca sobretudo um grande canídeo de estilo idêntico aos da rocha 16 e aos da rocha 7 do Garrido. Já a rocha 9, embora com menos motivos, apresenta uma colecção de cavalos de excelente qualidade e uma possível figura antropomórfica, pouco evidente. Na vizinhança, a rocha 10 tem exclusivamente algumas figuras geométricas e a rocha 17 uma única figura de cavalo. Um segundo grupo fica na parte superior da ribeira, e centra-se nas rochas 1 e 2, situadas lado a lado e ambas com grande quantidade de motivos, nos dois casos com a representação de cenas de caça a cervídeos, com vários cavaleiros armados de lança e espada. Em redor encontram-se várias rochas, com poucos motivos e menos exuberantes, as rochas 3, 4, 5, 7, 8, 11 e 35, essencialmente animais e figuras geométricas. Da rocha 8 salienta-se um painel lateral densamente gravado, mas ainda não devidamente interpretado. Claramente separadas deste grupo estão as rochas 12 e 13, que

poderão talvez formar um pequeno grupo isolado, a rocha 12 com grande quantidade de representações de animais, a rocha 13 apenas com 3 ou 4 figuras de cavalos. Os dois últimos grupos estão na parte inferior da ribeira, muito concentrados e separados entre eles por poucas dezenas de metros. O mais inferior centra-se na rocha 16, com variados motivos, incluindo muitos animais de excelente desenho, mas sem figuras antropomórficas. Em redor, as rochas 18, 19, 20, 21 e 23 têm uma quantidade muito baixa de motivos, geralmente uma única figura de cavalo por rocha, apenas na rocha 23 se juntando alguns poucos animais e geométricos. Por fim, o último grupo encontra-se ligeiramente a montante na ribeira, e centra-se nas rochas 25 e 31, ambas com ampla variedade de figuras. Na rocha 25 destaca-se mais um grupo de duas excelentes figuras de cavaleiros, que provavelmente integram mais uma cena de caça similar às das rochas 1 e 2. Na rocha 31 surge um conjunto de 3 guerreiros a pé, armados de lanças, escudos ou espadas. Embora o elemento de acção não seja muito evidente, é possível que esta seja uma nova cena de combate. Em redor, as rochas 24, 26, 30 e 32, as duas primeiras com um único animal cada, a rocha 32 com poucos animais e a rocha 30 com uma quantidade maior de motivos, sobretudo geométricos. Para terminar, as rochas 22, 27 e 34 aparecem isoladas e aparentemente apartadas de qualquer um destes grupos, as rochas 22 e 27 na margem direita, com poucos motivos cada, e a rocha 34 na parte superior da ribeira entre os dois primeiros grupos, com um animal tosco e incompleto.

#### **6.1.15. Ponto da Serra.**

Sítio identificado em 2010 por Filipe Alves Pina no acompanhamento arqueológico das obras da EN 222 entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra (PINA 2010: ficha 12). Surge no sopé oriental do Monte de São Gabriel, no princípio da faixa planáltica que medeia entre este monte e as encostas e vales encaixados sobre o Douro. É uma área de suave encosta, quase aplanada, no princípio da linha de água que forma a ribeira da Cabreira. Trata-se de um sítio arqueológico com vestígios superficiais de ocupação da Pré-história recente, nomeadamente fragmentos de cerâmica de fabrico manual, elementos de moagem manual em granito, e alguns materiais líticos em quartzo. A sua extensão e importância é difícil de avaliar, devido ao matagal que o reveste. Encostado à margem esquerda da ribeira surge um afloramento de xisto de superfície horizontal com pelo menos 39 covinhas, cuja origem deverá estar associada ao povoado pré-histórico.

#### **6.1.16. Ribeira da Cabreira.**

As primeiras quatro rochas foram descobertas em fins de 2005 e referidas no inventário seguinte (BAPTISTA & REIS 2009: 189). Em Fevereiro de 2009 descobriram-se mais duas rochas, subindo para seis as referidas no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Julho de 2010 descobriram-se as rochas 7 a 10, e em Abril de 2011 a rocha 11.

É uma comprida ribeira, com um percurso de 5500 metros, que se inicia na encosta Norte do Monte de São Gabriel, à cota de 570 metros. Percorre um longo trecho de 2800 metros no planalto, de Sudoeste para Nordeste, mas inflecte a direcção para Noroeste quando inicia a escavação do vale, à altitude de 350 metros. O vale é profundo e escarpado, com a extensão total de 2700 metros, e é relativamente estreito e assimétrico. As encostas do lado direito são quase contínuas, com poucas linhas de escorrência de água, e são muito declivosas, culminando numa estreita linha de cumeada que faz a transição para as encostas da Quinta da Cabreira, voltadas ao Douro. O lado esquerdo é mais largo e aberto, com numerosos pequenos afluentes, alguns dos quais bastante profundos e rochosos, particularmente na parte inicial do vale encaixado.

A área deste grande vale é ainda mal conhecida, e deverá haver bastantes mais rochas historiadas por descobrir, particularmente nos sectores central e superior do vale. De uma forma

geral, as encostas são grandemente despidas de afloramentos, mas existem zonas com grande densidade rochosa. De momento, apenas se conhece a rocha 1 no alto de uma encosta, junto à orla do planalto, as restantes estão nas imediações do leito da ribeira ou dos seus afluentes. As rochas 2 e 11 estão na margem direita, mas as restantes situam-se no lado esquerdo do vale. A dispersão das rochas conhecidas é bastante grande, apesar do seu escasso número. A rocha 1 está isolada, o mesmo acontecendo com a rocha 4, que se encontra a cerca de 200 metros da foz da ribeira, assinalando o início da dispersão dos afloramentos rochosos, que não se prolongam até à embocadura desta linha de água<sup>25</sup>. Também a rocha 5 está isolada, no início da área encaixada do vale. As rochas 2, 3 e 11 dispersam-se na área central do vale da ribeira, sendo provável que muitas mais venham a ser descobertas nesta zona. Por fim, as restantes rochas agrupam-se num pequeno mas encaixado afluente da ribeira, na sua zona superior pouco a jusante da rocha 5.

Apesar do reduzido número de rochas conhecidas, a variedade cronológica é assinalável. Apenas uma rocha têm gravuras paleolíticas, o mesmo acontecendo na Pré-história Recente. Há uma rocha com gravuras de cronologia indeterminada, duas rochas têm gravuras modernas, e a Idade do Ferro domina claramente, estando presente em sete das onze rochas.

As gravuras da Idade do Ferro são o habitual conjunto de animais, sobretudo cavalos e cervídeos, geométricos de diversos tipos, uma ou outra figura antropomórfica e uma ou outra arma. Destacam-se as rochas 7 e 9 pela quantidade de figuras, merecendo também destaque um punhal na rocha 7. A rocha 3 apresenta uma possível cena de caça, com um cavaleiro armado de lança associado a um reduzido número de figuras, entre as quais uma rara representação arboriforme. Na Época Moderna, para além de um cruciforme na rocha 3, merece claro destaque a rocha 1, um pequeno abrigo na parte superior da encosta com um conjunto muito variado de figuras, feitas em momentos diferentes. Distinguem-se duas possíveis cenas: uma de caça, com uma figura humana e um canídeo de boca aberta e dentes à mostra que persegue lebres, e uma outra cena de aparente cariz religioso, em que vários antropomorfos seguram o que aparenta serem pendões, alguns de forma cruciforme, numa possível representação de festa ou procissão. De momento, o Paleolítico Superior encontra-se apenas na rocha 4, com poucas figuras, algumas indeterminadas em traço múltiplo, e outras de traço simples, das quais se destaca uma figura de cavalo, de aspecto arcaico, e uma eventual figura de ave, pouco evidente.

A última rocha a ser descoberta até ao momento merece claro destaque. A rocha 11 está sensivelmente a meio do vale, junto à ribeira na margem direita. É um enorme painel ao nível do solo, com uma elevada inclinação. As gravuras ocupam unicamente um sector bem delimitado do painel, na extremidade superior esquerda, e consistem em muitas figuras picotadas da Pré-história Recente, quase todas antropomorfos com capacetes de cornos, similares aos que se encontram nos sítios dos Namorados e Vale da Casa. Embora a ribeira seja estreita e fácil de passar em muitos pontos, esta rocha encontra-se numa zona privilegiada de passagem numa extensão de algumas dezenas de metros, e é provável que a rocha se encontre enquadrada num percurso usado pelas populações que a fizeram.

#### **6.1.17. Canada do Arrovão.**

As duas primeiras rochas são descobertas em 1998, por João Félix e Manuel Almeida, do CNART, e referidas no inventário seguinte (BAPTISTA 1999: 19). No ano 2000 descobre-se a rocha 3, mencionada nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 189; REIS 2011: 120-123). Em Setembro de 2010 volta a haver novidades com a descoberta de mais sete rochas, fazendo o actual total de dez rochas.

---

<sup>25</sup> Naturalmente, não sabemos se haverá afloramentos na zona submersa pelas águas da albufeira do Pocinho.

É uma encosta orientada a Sudeste sobre o Douro, na margem esquerda de uma discreta linha de escorrência de água, e é claramente um sítio com enorme potencial para a arte rupestre, sendo as rochas conhecidas uma amostra do que deverá existir. A margem direita da ribeira é estreita e com poucos afloramentos. A encosta do lado esquerdo alarga consideravelmente, sendo extremamente rochosa e com elevado desnível, desde a orla do planalto, aos 400 metros de altura, até à pequena praia que existia junto ao Douro, aos 120 metros de cota. A sua metade inferior constitui um dos mais impressionantes conjuntos rochosos contínuos em xisto de toda a região da arte do Côa, elevando-se desde o rio até aos 250 metros de altitude. As rochas conhecidas distribuem-se por toda a área do sítio, desde a parte inferior do maciço rochoso até à orla do planalto. De momento, não se conhecem rochas dentro do grande maciço mas apenas na sua periferia, a sua prospecção é difícil e perigosa e está ainda por fazer.

Todas as gravuras de todas as épocas são filiformes. Há gravuras modernas em três rochas, e da Idade do Ferro em apenas duas. O Paleolítico Superior tem gravuras em sete rochas.

As gravuras modernas são pouco relevantes, destacando-se apenas um belo conjunto de três cruciformes da rocha 2. A Idade do Ferro aparece nas rochas 3 e 5, nesta última apenas com uma figura isolada de um cavalo. Na rocha 3 surge um conjunto de motivos de grande originalidade e expressividade. Salienta-se particularmente uma complicada figura híbrida, com corpo de quadrúpede, longo pescoço sinuoso e cabeça humana, da qual saem dois cornos curvos semelhantes aos de um caprino, e ainda duas longas hastes ramificadas semelhantes às de um veado. Existem ainda mais quatro outros antropomorfos, incluindo um interessante cavaleiro, em posição frontal e com um estranho “penacho” no alto da cabeça, e que monta um também peculiar cavalo, de grande corpo mas minúscula cabeça triangular. Surgem também vários geométricos e animais, incluindo um par de quadrúpedes em posição vertical, de cabeça para cima. Do Paleolítico Superior, para além de algumas figuras de animais de traço múltiplo pouco perceptíveis nas rochas 9 e 10, destaca-se muito claramente a rocha 7. Embora apresente uma grande superfície vertical, apenas um pequeno painel desta rocha foi gravado unicamente com figuras de peixes. Duas destas são de maior dimensão, em traço múltiplo, tendo por baixo uma evidente figura de um pequeno peixe em traço simples, de corpo largo e cauda bem evidenciada. Por baixo surge o conjunto mais interessante. São três minúsculas figuras de peixes em traço simples, orientados obliquamente na mesma direcção, de corpos esguios e barbatanas e caudas bem representadas. Para além do tamanho diminuto, merece relevo o facto de estarem encerradas dentro de uma linha fechada, de forma ovalada irregular. Linhas fechadas são quase inexistentes na arte paleolítica do Côa, e esta poderá ser uma representação de uma rede de pesca, ou de um pequeno lago ou poça de água num rio, o que é inédito na região.

#### **6.1.18. Canada da Meca.**

Este sítio, e as suas três rochas, foi descoberto em Abril de 2009, sendo referido no último inventário (REIS 2011: 120-123).

Trata-se do vale de uma ribeira, afluente da margem esquerda do Douro. Inicia-se na orla do planalto, à cota de 500 metros, mas inicia quase imediatamente a escavação profunda do vale. Segue um percurso na direcção Sudoeste-Nordeste, com uma extensão aproximada de 2200 metros. O vale é totalmente assimétrico, com o lado direito, que faz fronteira com o vale da ribeira de Aguiar, bastante baixo e com uma encosta despida e pouco inclinada, com poucas dezenas de metros de desnível. Pelo contrário, a margem esquerda tem elevada pendente, muitos afloramentos, e um grande desnível, superior a 250 metros no troço central da ribeira. É deste lado que surgem algumas linhas de escorrência de água na encosta, a principal das quais é logo a primeira, mais a montante. É aqui que surge um grande conjunto rochoso, com importantes painéis verticais que, à partida, parecia ter excelentes condições para a existência de arte

rupestre. No entanto, uma primeira prospeção que aqui efectuamos revelou-se infrutífera. Os painéis verticais, na sua maioria, são de fraca qualidade, embora haja várias excepções. Será necessária uma segunda prospeção, para termos mais certezas sobre a ausência ou não de arte rupestre. O troço final da ribeira é paralelo à foz da ribeira de Aguiar e entra no Douro à cota aproximada de 110 metros, no mesmo grande terraço fronteiro à foz daquela ribeira, hoje submerso, e onde, como referimos mais à frente, há referências à possível existência de gravuras. Este troço final tem um vale baixo e já simétrico, similar numa e noutra margem. Do lado esquerdo existem alguns escassos afloramentos com painéis verticais onde, numa primeira prospeção, descobrimos três rochas com gravuras filiformes.

As rochas 1 e 2 apresentam poucos e pequenos grupos de traços paleolíticos, formando motivos de traço simples ou múltiplo, de difícil interpretação. A rocha 3 tem uma figura antropomórfica da Idade do Ferro, em disposição torcida: pernas e pés em perfil, o mesmo acontecendo à cabeça, mas com tronco e braços em posição frontal, com braços abertos na horizontal. O interior do corpo está decorado com bandas horizontais sobre um único traço vertical a meio, talvez representando vestimenta ou couraça, e a cabeça tem dois pequenos penachos na nuca e uma espécie de “pala” saliente na testa.

## **6.2. O vale do Douro, na margem esquerda, da foz da ribeira de Aguiar para montante.**

Este troço do Douro situa-se já fora dos limites do PAVC, e ainda não foi de todo prospectado. Prolonga-se por 12,2 quilómetros até à foz do rio Águeda, na fronteira com Espanha. Não conhecemos bem a zona mas, à partida, não consideraríamos que tivesse grande potencial para a existência de arte rupestre. No entanto, tendo em conta que em frente, na margem oposta, já se conhecem dois sítios com gravuras paleolíticas e da Idade do Ferro, Ribeira das Furnas e Vale d’Arcos, e que mais poderão vir a ser identificados, será necessário futuramente prospectar e avaliar *in loco* o potencial da área.

## **6.3. O vale da ribeira de Aguiar.**

A ribeira de Aguiar é o segundo maior dos afluentes do Côa e do Douro na área do PAVC, depois da ribeira de Massueime. Desagua no Douro cerca de 6,7 quilómetros a montante da foz do Côa. Tem um longo percurso, quase todo em área granítica, apenas no troço final entrando em área xistosa. Corre inicialmente em planalto, com vale aberto e pouco encaixado, iniciando um encaixe mais profundo a partir do momento em que passa ao lado de um importante sítio arqueológico, o povoado do Castelão, da freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo. Podemos considerar precisamente este ponto, a partir da foz da Ribeira de Lumbrales (de forma arbitrária, naturalmente), como o início da área mais relevante desta ribeira para a prospeção da arte do Côa. Daqui até ao encontro com o Douro a ribeira segue um percurso de 17,7 quilómetros, maior do que à partida seria previsível, devido à sua acentuada sinuosidade. Os primeiros 4,2 quilómetros deste troço são em terrenos graníticos, e os restantes em terrenos de xisto. De momento só conhecemos um sítio nesta área, o Olival dos Telhões, que para além de atípico fica afastado da ribeira, ainda que na sua bacia hidrográfica.

Na zona da foz da ribeira há notícias da possível existência de gravuras, hoje submersas nas águas da albufeira do Pocinho (ZILHÃO 1997: 20). Olhando para a carta militar de 1946, anterior à construção daquela barragem, vemos que na zona da foz da ribeira de Aguiar existe um moinho inserido num terraço fluvial de dimensão pouco inferior ao do Vale da Casa. Esta informação partiu da população local, e o mais provável é que sejam gravuras de traço largo, em picotado ou

abrasão, mais facilmente visíveis. A ser assim, poderá tratar-se de gravuras modernas associadas ao moinho, mas também de gravuras da Pré-história Recente, à semelhança de algumas existentes no Vale da Casa, ou até mesmo paleolíticas. Só o baixar das águas da albufeira permitiria tirar dúvidas<sup>26</sup>. Fizemos já uma primeira e pouco intensa prospecção nos afloramentos com superfícies verticais situados na margem esquerda junto à embocadura, na zona emersa, para já sem resultados, mas que deverá ser continuada, até porque o sítio da Canada da Meca fica mesmo ao lado, tendo motivos paleolíticos e da Idade do Ferro.

De resto, nada mais conhecemos, apesar de termos já prospectado algumas zonas com aparente potencial, sobretudo alguns grupos de afloramentos com superfícies verticais similares aos típicos afloramentos da arte do Côa. Constatamos, no entanto, que apresentam geralmente superfícies pouco adequadas. Falta ainda investir mais em prospecção nalgumas zonas, e é possível que alguns sítios venham a aparecer<sup>27</sup>, mas não se nos afigura que a ribeira de Aguiar tenha grande potencial para a existência de arte rupestre<sup>28</sup>.

### 6.3.1. Olival dos Telhões.

O Olival dos Telhões, ou Aldeia Nova, como também é conhecido, é um sítio arqueológico de época romana e medieval, alvo de investigação e escavação arqueológica entre 1995 e 2000, sob direcção da arqueóloga Susana Cosme. Em 1999, foi encontrada na escavação uma pedra com típicas gravuras filiformes da Idade do Ferro (COSME 2008). Foi já brevemente referenciada mas sem ser formalmente incluída no inventário geral da arte do Côa (BAPTISTA & REIS 2009: 154), o que sucedeu já no último inventário (REIS 2011: 120-123).

Localiza-se na bacia hidrográfica da ribeira de Aguiar, do seu lado direito, mas está bastante afastado da ribeira, a qual não se avista do local, distando cerca de um quilómetro em linha recta, para Oeste. Encontra-se numa zona de brando relevo, com pequenas colinas e ribeiras, e a área de dispersão de materiais é uma longa encosta de suave declive sobre uma pequena linha de água. A escavação colocou a descoberto o que se interpreta como a zona rústica de uma *villa* tardo-romana, com lagares, um forno e estruturas de apoio, apontando o espólio recolhido para uma cronologia dos séculos III/IV aos séculos VI/VII d. C. (COSME 2008: 73).

A pedra em causa é um pequeno bloco de xisto, com 30 cm de comprimento, 13 cm de largura e 6 cm de espessura máxima. A sua cor cinzenta, típica dos painéis de xisto da região com disposição sub-horizontal, assim como o facto de lateralmente ter uma superfície recta de textura e cor acastanhada similar aos típicos painéis de xisto de disposição vertical, parecem apontar para que, originalmente, esta pedra provenha de um afloramento com um painel de disposição sub-horizontal. Esta face apresenta indícios de polimento pela passagem de água, o que sugere que o afloramento estaria nas imediações de uma linha de água, provavelmente encostado ao leito.

Apresenta gravuras filiformes, em tudo similares às típicas gravuras da Idade do Ferro da região, representando quatro animais (na publicação são apenas referidos dois, cf. COSME 2008: 73), e um motivo de difícil decifração, para além de vários traços avulsos. Têm características semelhantes e parecem ser da mesma espécie, difícil de identificar pela falta de detalhe e rigor das representações, mas que deverão ser cavalos.

Evidentemente, levanta-se a questão de saber se é o resto de uma placa ou laje solta gravada, ou de um fragmento de um afloramento com gravuras. Não há dados suficientes para dar uma resposta totalmente satisfatória a esta questão. Na nossa opinião, tendo em conta as carac-

---

<sup>26</sup> Poderá não ser suficiente, se tiver ocorrido deposição recente de sedimentos em quantidade suficiente para ocultar rochas e outros vestígios, como sabemos que ocorreu no terraço fluvial do Fariseu, no Côa.

<sup>27</sup> Temos a informação pessoal de Thierry Aubry e Jorge Sampaio, a quem agradecemos, da existência de pelo menos duas rochas em sítios distintos com gravuras do tipo “unhadas do diabo”, que ainda não tivemos ocasião de ir relocalizar e inventariar.

<sup>28</sup> No que seguimos uma opinião já anteriormente expressa, cf. ZILHÃO 1997: 20.

terísticas da pedra, a sua assinalável espessura e peso, ou o evidente estado de fracturação, parece-nos pouco provável que se trate de uma pequena placa “móvel”, mas poderia eventualmente tratar-se de um fragmento de laje gravada de maiores dimensões, com alguma funcionalidade que desconhecemos (tampa de sepultura?). Tendo sido encontrada nos derrubes de um muro de uma construção romana, datável do século III/IV (COSME 2008: 73), tal significa que foi reaproveitada para a construção dessa estrutura, e é plausível que fizesse originalmente parte de um afloramento partido para extracção de pedra (naturalmente, esse reaproveitamento poderia ser feito igualmente com uma pedra solta). A origem do afloramento é desconhecida mas, tendo em conta a pouca abundância de pedra de construção na envolvência, poderá ser algo distante, talvez do leito da ribeira de Aguiar ou mesmo do rio Douro. A datação daquela estrutura dos séculos III/IV d. C. tem o interesse de sugerir que a arte proto-histórica da região poderia ter já então perdido o seu uso e significado para as comunidades locais, imbuídas de uma nova cultura trazida pela romanização e, nessa altura, já nos alvares do cristianismo.

#### **6.4. O vale do Douro, na margem direita, entre o Pocinho e Vale d’Arcos.**

De momento conhecem-se menos sítios ao longo da margem direita do Douro do que na margem oposta, 12 contra 18. Mas até 2007 conheciam-se apenas dois, Ribeira de Urros e Vale de João Esquerdo. Estes foram identificados logo em 1995, mas as prioridades da prospecção voltaram-se para outras zonas, e foi apenas mais recentemente que os restantes foram sendo identificados. Em 2007 a Azenha, em 2008 a Ribeira das Furnas e Vale d’Arcos, em 2009 a Canada das Corraliças e Vale de Maria Andrés, em 2011 os sítios da Ribeira do Arroio (perto da foz), da Cascalheira, Lodão e Ribeira do Lodão e em 2012 a Ribeira do Molha Pão. Também ao contrário da margem oposta, há algumas importantes descontinuidades na distribuição destes sítios, que deverão ser, pelo menos em parte, colmatadas no futuro com a continuação da prospecção, sendo muito provável que novos sítios estejam ainda por identificar. De momento, os sítios conhecidos distribuem-se ao longo de 16,4 quilómetros, entre a foz da ribeira do Arroio e a foz de Vale d’Arcos. Este último será talvez o limite da distribuição a montante, embora a prospecção não o tenha ainda demonstrado. A jusante, poderá haver novas ocorrências entre a ribeira do Arroio e a aldeia do Pocinho, num troço ainda pouco investigado.

Esta margem do Douro é xistosa mas, numa parte deste troço, a partir da aldeia de Urros para montante, surge a chamada serra de Poiares, um grande e elevado maciço quartzítico que segue sobranceiro ao Douro por uma grande extensão. Algumas das linhas de água que descem até ao Douro iniciam-se nestes quartzitos, como é o caso da ribeira das Furnas e da ribeira de Vale d’Arcos e, dentro da região, são estas as linhas de água que se iniciam a maior altitude e fazem os maiores desníveis. Há assim a possibilidade de rochas historiadas em xisto se juntarem, no mesmo sítio, a abrigos quartzíticos, onde é sempre expectável a existência de pinturas pré-históricas. Isso já sucede em Vale d’Arcos, onde um abrigo quartzítico pintado se junta às gravuras paleolíticas de maior altitude até ao momento conhecidas na região da arte do Côa.

O potencial de toda esta margem do Douro parece-nos muito grande, mas tem sido pouco explorado, mesmo tendo em conta as descobertas recentes. Apenas um sítio foi sistematicamente prospectado, o Lodão, e é um sítio pequeno, apenas com três rochas gravadas. Mas não só alguns dos sítios já inventariados deverão ter uma ampla quantidade de vestígios ainda por descobrir, nomeadamente a Ribeira de Urros, Vale de João Esquerdo, Azenha ou Cascalheira, como nos parece possível que nesta margem ainda haja possibilidades reais de se vir a descobrir um ou outro novo sítio de grande dimensão e importância. Já vimos que nas restantes áreas onde os grandes sítios tem potencial para existir, a prospecção que tem sido realizada já os descobriu a todos, ou quase, mas pensamos que nesta margem poderá ainda haver um ou outro em

reserva. Olhando para a paisagem e para a distribuição visível dos afloramentos ao longo das encostas e das linhas de água, há uma diferença que salta à vista face ao Côa e à margem oposta do Douro, e que é a tendência para uma superior concentração de afloramentos nas zonas mais elevadas, afastadas do Douro. Existem várias excepções, mas parece-nos provável que muitos dos sítios a descobrir tenham as suas rochas historiadas relativamente longe do Douro, como acontece com as rochas conhecidas na Ribeira das Furnas e Vale d’Arcos.

#### **6.4.1. Ribeira do Arroio.**

Esta ribeira é, na margem direita do Douro, o seu principal afluente na região da arte do Côa<sup>29</sup>. Esta longa ribeira distingue-se das linhas de água suas vizinhas pelas dimensões, pela profundidade do vale, pela amplitude da sua bacia hidrográfica e por fazer um percurso diferente no seu caminho para o Douro. Tal como outras, inicia-se nos quartzitos da serra de Poiares, mas não desce directamente para o Douro, antes desce em primeiro lugar para o lado oposto da serra, iniciando um longo percurso tendencialmente paralelo ao Douro, na direcção Leste-Oeste, juntando-se ao Douro a cerca de 3,2 quilómetros a montante da aldeia do Pocinho, numa zona onde o Douro se desvia acentuadamente para Norte. Segue quase sempre por terrenos de xisto, com a curta excepção dos quartzitos da zona nascente. Percorre um total de 22,8 quilómetros, num percurso altamente sinuoso, que em linha recta se reduz a aproximadamente 12 quilómetros. O seu vale é profundo e por vezes bastante encaixado. Num pequeno troço relativamente perto da nascente algumas rochas foram identificadas por membros do ex-CNART, sendo outras mais tarde descobertas no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) da pequena barragem das Olgas (ALVES & OLIVEIRA 2008). Ainda não registadas no inventário da arte do Côa, estas rochas serão essencialmente de Época Histórica, mas uma ou outra poderá remontar à Pré-história Recente e, num caso, talvez até mesmo ao Paleolítico Superior, ainda que tal seja difícil de assegurar. A ribeira tem inúmeros afluentes, nalguns casos formando vales com alguma extensão e profundidade, como é o caso das ribeiras da Cegadonha e das Olgas. Do que se vê do vale, tem muitos afloramentos rochosos ao longo do percurso, quase todos nas imediações do leito, sendo as encostas em geral bastante despidas. Em suma, é uma ribeira que forma uma unidade algo à parte na região da arte do Côa, e há boas possibilidades da sua prospecção ser frutuosa em novos e originais registos de arte rupestre.

Em 2009 avistamos pela primeira vez duas rochas na parte final da ribeira, perto da foz, seguindo indicações deixadas por Manuel Almeida e João Félix, antigos membros do CNART. No entanto, só em Junho de 2011 fizemos o seu registo formal no inventário da arte do Côa. Poucos dias depois, quando as mostrávamos a Lara Bacelar Alves, responsável pelo EIA acima referido, esta arqueóloga especialista em arte rupestre descobria mais uma rocha, fixando o total nas três rochas actualmente inventariadas no troço final da ribeira.

Ainda que não sistemática, a prospecção já feita não revelou outras rochas nas imediações destas três, mas é provável que mais possam existir, para montante em zonas ainda não vistas, ou para jusante na própria foz da ribeira, hoje submersa nas águas do Pocinho. As três rochas encontram-se muito perto umas das outras, num troço profundo do vale, a cerca de 1300 metros da foz, numa zona em que a ribeira tem um percurso de alta sinuosidade. Na margem esquerda a encosta ergue-se abrupta sobre a ribeira, mas a margem direita apresenta uma plataforma em esporão, ampla e aplanada, antes de dar lugar à encosta elevada, tendo esta plataforma boas condições aparentes para a existência de ocupação humana, que o denso matagal que a preenche à superfície não permitiu ainda averiguar. A rocha 1 encontra-se numa curva em 90° da ribeira, na margem esquerda a alguns metros a montante da rocha 3, dominando visualmente dois troços rectilíneos da ribeira. A rocha 2 encontra-se em frente, na margem oposta.

---

<sup>29</sup> Não contando com o rio Sabor, cuja foz não está longe, mas que pertence já a uma outra região.

Estas três rochas, tão perto umas das outras, mostram uma assinalável diversidade, nas cronologias e tipos de motivos, mas também nos painéis usados. A rocha 1 é a típica rocha da arte do Côa, com as gravuras num painel vertical frontal voltado à ribeira. São gravuras incisivas paleolíticas, mostrando dois grandes peixes de traço múltiplo, de espécie não identificada, com grande detalhe na representação das barbatanas e da cauda. A rocha 2, ao lado das ruínas de uma estrutura moderna, tem as gravuras localizadas num grande painel vertical, também voltado à ribeira, mas neste caso o painel corresponde à xistosidade do afloramento, não sendo o típico painel frontal mas sim lateral. As gravuras são picotados de Época Moderna, aparentemente realizados num só momento, e datáveis de finais do século XVII, tendo em conta duas datas gravadas de 1699. Existem ainda mais algumas inscrições, cruciformes, ferraduras, um animal, entre outros motivos. A rocha 3 é muito original no contexto da arte do Côa. Tem um único círculo picotado numa superfície horizontal de cor azulada na margem da ribeira, estando tanto o círculo como a superfície profundamente polidos e desgastados pela acção da água. Este tipo de motivos pré-históricos em painéis horizontais polidos pela água, tão frequentes em alguns rios como, por exemplo, no Tejo, são quase desconhecidos na região da arte do Côa, registando-se apenas alguns exemplares submersos no terraço do Vale do Casa.

#### **6.4.2. Azenha.**

Sítio descoberto em Março de 2007, tendo-se então avistado apenas a rocha 1, devidamente inventariada em Maio desse ano junto com outra nova rocha. Na mesma altura fizemos um primeiro reconhecimento da generalidade da área desta encosta sobre o Douro, e concluímos que bastantes mais rochas existem, exclusivamente com gravuras filiformes, ficando a sua inventariação à espera de uma prospecção mais aprofundada. Em Outubro de 2010 registamos a rocha 3, anteriormente avistada, devido à espectacularidade de algumas das suas gravuras da Idade do Ferro. Assim, de momento, apenas estão inventariadas três rochas, referidas pela primeira vez no último inventário (REIS 2011: 120-123), mas o sítio tem potencial para muitas mais, incluindo na zona submersa na albufeira da barragem do Pocinho.

É uma encosta orientada a Oeste sobranceira ao Douro, na margem direita, fronteira ao sítio da Raposeira e ligeiramente a jusante do terraço do Vale da Casa. De momento, não se conhecem mais sítios nesta margem nas suas imediações, embora haja locais com bom potencial que esperam prospecção, sobretudo para jusante. A encosta é pouco elevada, descendo dos 250 metros de cota até aos 110 metros, com o troço final submerso nas águas da albufeira do Pocinho. Na cartografia antiga vê-se que a antiga margem do Douro era larga e aplanada, sendo possível que tivesse painéis de disposição sub-horizontal, à semelhança do Vale da Casa. A encosta é delimitada atrás por uma linha de água, a ribeira das Bouças, que a Norte se junta ao ribeiro da Figueira o qual, ao desaguar no Douro, forma o limite Norte da encosta da Azenha. A Sul é mais difícil delimitar o término do sítio, pois não surge um limite evidente, mas a área com afloramentos de aspecto relevante estende-se por cerca de 550 metros, até uma pequena e discreta linha de escorrimento de água.

De momento não se conhecem gravuras paleolíticas, mas é provável que venham a aparecer. A rocha 2 tem apenas alguns motivos modernos, incluindo uma assinatura e a data de 1899, e um interessante motivo de cariz religioso, que interpretamos como um cálice com um crucifixo no interior. As rochas 1 e 3 têm grandes painéis com muitos motivos da Idade do Ferro, em ambas de grande qualidade e originalidade. Na rocha 1 a maioria dos motivos concentra-se numa só zona, destacando-se alguns animais de belo efeito, particularmente um veado e um cavalo, assim como algumas figuras que parecem podomorfos, um tema quase inexistente na arte filiforme do Côa. A rocha 3 tem um enorme conjunto de figuras dispersas por vários painéis. Curiosamente, apenas surge um único motivo antropomórfico, um pequeno cavaleiro muito dis-

creto, que passa quase despercebido ao lado das restantes figuras. Num dos painéis surge uma cena envolvendo alguns cervídeos e dois canídeos, um dos quais exibindo os dentes, no que parece ser uma cena de caça sem figuras humanas. O tema dos canídeos repete-se em mais alguns painéis, destacando-se uma enorme figura, de corpo comprido e esguio, longa cauda decorada e focinho comprido e pontiagudo, talvez uma representação de um lobo. Com 90 centímetros de comprimento é uma das maiores figuras da arte da Idade do Ferro na região do Côa, comparável com algumas figuras da rocha 8 do Vale de José Esteves. Nesse mesmo painel, entre outras figuras, aparece uma figura de corpo serpenteante, sem patas e sem orelhas, que poderá ser uma representação de uma cobra ou serpente. Mas destaca-se sobretudo um painel do lado direito, com dois cavalos de rara magnificência, um de grande dimensão, com o sexo exposto, tra-seira em forma de ferradura e decoração rectangular preenchida com triângulos na garupa e o outro, mais pequeno, de cauda e corpo decorados.

### **6.4.3. Ribeira do Molha Pão.**

Em Junho de 2012 descobriu-se este sítio e a sua primeira rocha gravada, numa primeira incursão a esta ribeira. Pouco depois descobriu-se a rocha 2, perto da primeira.

É uma ribeira afluente da margem direita do Douro, desaguando em frente à foz de Vale de Cabrões. Na mesma margem a montante, cerca de 1500 metros para Sul, surge a Cascalheira, enquanto para jusante o sítio mais perto é a Azenha, 2500 metros para Norte. No entanto, logo adjacente à ribeira do Molha Pão encontra-se a jusante a ribeira do Inferno, afluente da ribeira do Portal (por sua vez afluente do Douro), e ambas têm potencial para a existência de rochas gravadas, embora não tenham ainda sido investigadas.

A ribeira nasce na área planáltica adjacente e a Sul da aldeia de Peredo dos Castelhanos, à cota de 430 metros. Tem um percurso total de 3100 metros, desaguando no Douro à cota de 110 metros, numa área ampla e espraçada, hoje submersa. Os primeiros 1800 metros são percorridos em terrenos planálticos, inicialmente de Norte para Sul, inflectindo posteriormente para Oeste, numa descida suave. O princípio do encaixe acentuado do vale inicia-se à cota de 350 metros, e a partir deste ponto a ribeira inflecte novamente o seu curso, descendo enviesadamente os últimos 1300 metros para o Douro, de Sudeste para Noroeste. O vale tem um perfil fortemente assimétrico: a margem esquerda é bastante estreita, não chegando aos 100 metros de largura máxima, de forte pendente mas pouco elevada, apenas cerca de 50 metros de desnível máximo; a margem direita é muito mais elevada, chegando aos 180 metros de desnível máximo, e também muito mais larga, atingindo 500 metros de largura. Não surpreende assim que a margem esquerda não tenha linhas de escorrência de água adjacentes, as quais são abundantes na margem direita.

A prospecção feita é ainda preliminar, mas permite formar já uma ideia das características da distribuição da arte rupestre. A margem direita tem grande quantidade de afloramentos de xisto com painéis verticais, desde o início da zona encaixada até perto do final da ribeira, estando quase ausentes nos últimos 250 metros antes da foz, em ambas as margens. Iniciamos a prospecção precisamente na margem direita, onde nos parecia haver mais potencial para a existência de gravuras. No entanto, constatamos que embora os afloramentos sejam numerosos, as suas superfícies são de má qualidade para gravação, muito rugosas e irregulares. Embora com prospecção não sistemática, observamos muitas das superfícies existentes, com resultados nulos, parecendo-nos agora pouco provável que esta margem apresente arte rupestre.

Um tanto surpreendentemente, encontramos gravuras na margem esquerda, cujo potencial nos parecia muito baixo. Na parte superior do vale encaixado encontram-se alguns grandes conjuntos rochosos que, vistos de longe, não parecem de todo ter superfícies aptas para a existência de gravuras ou pinturas. As duas rochas inventariadas encontram-se já no troço inferior da

ribeira, a poucos metros uma da outra e a cerca de 400 metros de distância da foz da ribeira, num troço onde esta assume temporariamente uma direcção Sul-Norte antes da inflexão final para Oeste. Estão perto da linha de água e no limite inferior de uma área de vinha, que afectou bastante a zona. Os afloramentos neste troço, pouco numerosos, apresentam boas superfícies, de cor avermelhada, orientados a Leste para o leito da ribeira. Fizemos prospecção sistemática neste curto troço da ribeira, onde tínhamos inicialmente encontrado a rocha 1, e apenas descobrimos mais uma nova rocha. Ainda que seja cedo para o afirmar peremptoriamente, não nos surpreenderia que estas fossem as únicas rochas historiadas neste sítio, cujo potencial se revelou inferior à promessa inicial.

A rocha 2, apesar da grande e excelente superfície, tem apenas um pequeno conjunto de traços muito finos e patinados, de difícil visualização, sendo possível que formem motivos indistinguíveis, de eventual cronologia paleolítica. A rocha 1 tem motivos modernos e da Idade do Ferro. As gravuras modernas são dois conjuntos de inscrições, com assinaturas (em ambos os casos de pessoas com o apelido “Gil”), datas (1942 e 1981), e referência à actividade exercida (em 1942 a apanha da azeitona, em 1981 a apanha da amêndoa). Assinaturas e datas são abundantes, mas são raras as referências a actividades laborais, tornando esta rocha um caso curioso. As gravuras da Idade do Ferro consistem apenas em dois canídeos acompanhados de uma linha em ziguezague.

#### **6.4.4. Cascalheira.**

Sítio descoberto por Thierry Aubry e Luís Luís em finais de 2010 (AUBRY; LUÍS & DIMUCCIO 2012: 863-864). Em Maio de 2011, com base nas informações dadas por aqueles investigadores, inventariamos as primeiras sete rochas neste sítio. Em Agosto de 2011 inventariamos mais quatro rochas, o mesmo acontecendo em Setembro, com outras quatro, atingindo-se as 15 rochas. Em Julho de 2012 resolvemos inventariar todas as restantes rochas descobertas inicialmente por Thierry Aubry e Luís Luís<sup>30</sup>, e chegamos ao total de 31 rochas.

É uma encosta sobre o Douro, voltada a Oeste, na margem direita. Faz fronteira a montante com o sítio da Ribeira de Urros. A jusante na mesma margem não tem sítios conhecidos nas imediações, distando cerca de 2,5 quilómetros do sítio mais próximo, a Ribeira do Molha Pão. Está quase em frente à foz do Côa, inserindo-se assim no denso grupo de sítios com gravuras em torno do ponto de encontro do Côa com o Douro. É um sítio com características similares à Vermelhosa, uma encosta sulcada por uma linha de água pouco pronunciada, o suficiente para ter colocado a descoberto grande quantidade de afloramentos. No entanto, ao contrário da Vermelhosa que apenas tem uma única linha de escorrência de água, a Cascalheira tem duas, paralelas e quase lineares, ambas com origem no rebordo do planalto e descendo abruptamente para o Douro. Os seus vales são estreitos e pouco profundos, mas muito rochosos. A linha de escorrência de água mais curta está a jusante, tendo cerca de 700 metros de comprimento, tendo a outra cerca de 870 metros de comprimento. No total, a encosta é bastante estreita, apenas 600 metros de largo, descendo dos 400 metros na orla planáltica até ao Douro.

Sete das rochas inventariadas estão no troço inferior da linha de água mais curta, seis na margem direita e uma na margem oposta, e as restantes distribuem-se de alto a baixo pela segunda linha de água, todas na margem direita. Apesar da quantidade razoável de rochas já inventariadas, o sítio pode considerar-se pouco prospectado, particularmente na linha de água mais curta a jusante, e muitas mais rochas gravadas deverão existir. As gravuras conhecidas são todas filiformes, com a única excepção de um motivo picotado na rocha 15. Este é o único motivo da Pré-história Recente conhecido, havendo três rochas de cronologia indeterminada e quatro

---

<sup>30</sup> As rochas 8, 10 e 11, no primeiro lote de 15 rochas inventariadas, e ainda as rochas 16 a 31. A bela figura de cavalo evidenciada pelos autores (AUBRY; LUÍS & DIMUCCIO 2012: 864; fig. 14) está na rocha 28.

rochas com gravuras modernas. O Paleolítico Superior encontra-se em seis rochas, e a Idade do Ferro domina claramente, em quantidade de rochas e de motivos, estando abundantemente representada em 21 das 31 rochas.

As gravuras de Época Histórica são poucas, destacando-se na rocha 22 duas figuras antropomórficas associadas a alguns motivos geométricos. Na rocha 29 surge uma curiosa inscrição, que não deciframos, e que utiliza caracteres alfabéticos pouco habituais. Embora com algumas semelhanças formais com inscrições da Idade do Ferro, terá mais provavelmente uma cronologia medieval ou moderna.

Na rocha 15 surge o único motivo deste sítio obtido por picotagem, a representação de um animal quadrúpede, de espécie desconhecida por estar incompleto, pois só foram desenhadas as patas dianteiras, o ventre e uma pata traseira. O picotado é composto por pontos descontínuos, na técnica chamada de “bago de arroz”, e técnica e estilo são semelhantes aos de algumas figuras conhecidas na região, como nas rochas 7 e 23 da Quinta da Barca, na rocha 1 de Vale de Figueira ou, sobretudo, o conhecido veado da rocha 1 de Vale de Cabrões (BAPTISTA 1999: 138-139). Estes paralelos remetem-nos para uma cronologia da Pré-história pós-glaciar. À semelhança daquela figura de Vale de Cabrões, os pontos picotados seguem um conjunto de pequenos traços incisivos paralelos que parecem ter delineado previamente a figura, nomeadamente na zona ventral.

De momento, os motivos do Paleolítico Superior são pouco abundantes, embora seja de esperar que mais venham ainda a ser identificados, sendo quase todas representações em traço múltiplo. Na rocha 3 surgem os mais interessantes, com duas originais representações de caprinos, uma das quais de apreciáveis dimensões. A rocha 1 tem algumas figuras, mais raspadas que propriamente incisivas, realçando-se a associação de um veado de traço múltiplo a um original signo tectiforme em forma de “guarda-chuva”. Na rocha 8, um pequeno e quase invisível cervídeo ou caprino de traço múltiplo é sobreposto por um cavalo da Idade do Ferro. Na rocha 9 aparecem unicamente dois signos, ambos com alguma complexidade, consistindo em vários feixes de traços entrecruzados.

Na Idade do Ferro é de realçar a quantidade de rochas, dentro do conjunto, que apresentam painéis repletos com muitas figuras: as rochas 3, 6, 10, 15, 16 ou 26, com grande quantidade de cavalos, cervídeos e figuras geométricas. Estas são em grande variedade e, em alguns casos, de apreciável complexidade. As representações de armas e de figuras humanas também se concentram nestas rochas (com excepção da rocha 3), sendo de realçar o estranho antropomorfo da rocha 6, aparentemente sem pernas e de corpo bojudo. As armas são quase todas lanças, destacando-se a excelente lança de duas pontas da rocha 26. Na rocha 6 há uma arma similar às que se encontram no sítio da Ribeira da Volta, punhal ou ponta de lança. Na rocha 10 há um guerreiro armado de lança, com uma possível espada ou falcata embainhada à cintura, e um escudo que, ao contrário do normal, não está seguro na mão mas sim no braço. Também original é a encenação do escudo do guerreiro armado de lança da rocha 26, que não é segurado directamente, como é habitual, mas através do que aparenta ser a representação de uma correia, da qual pende o escudo. Nas rochas 6 e 10, as armas e figuras humanas integram cenas de caça ao veado. As restantes rochas têm todas poucos motivos, sobretudo animais e alguns geométricos, destacando-se os bonitos cavalos das rochas 8 e 28. É a rocha 14, no entanto, que tem o motivo mais original deste sítio. Num pequeno painel encontra-se uma única figura de cavalo, associada a mais alguns traços que parecem formar geométricos de difícil definição. O cavalo é de excelente estética, de corpo decorado internamente. A maior originalidade está na cauda ou, melhor dizendo, nas caudas, pois esta figura apresenta três caudas. Todas originam no mesmo ponto, a terminação da garupa, e têm orientações diferentes: uma para cima, outra a meio e a terceira para baixo. Não é perceptível se se trata de representação de movimento, à semelhança do que acontece com algumas figuras paleolíticas, ou se é um animal com três caudas diferentes, no que seria uma provável criatura mitológica.

#### **6.4.5. Ribeira de Urros.**

A rocha 1, situada perto da foz da ribeira, é descoberta em 1995. Em 1997 conhecem-se já quatro rochas, referidas no Relatório desse ano (BAPTISTA & GOMES 1997: 214-215), número que, certamente por lapso, desce para duas dois anos mais tarde, e mantendo-se nos inventários seguintes (BAPTISTA 1999: 19; 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 192). Em Julho de 2006 fizemos a realocação destas quatro rochas e descobrimos outras quatro, sendo oito as referidas nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 189; REIS 2011: 120-123). Seis anos mais tarde volta a haver novidades, em Julho de 2012, com a inventariação de mais quatro rochas, subindo o total para doze.

A Ribeira de Urros tem uma bacia hidrográfica larga, longa e bastante intrincada. No início, compõe-se essencialmente de duas ribeiras, ambas com numerosos afluentes. Uma designa-se por Ribeira das Taças, nasce na orla do planalto à cota de 490 metros, perto da aldeia de Peredo dos Castelhanos. Segue um percurso de Norte para Sul, numa extensão de 2750 metros. A outra chama-se Ribeira da Nogueira, e nasce quase no topo do grande maciço quartzítico a Sul da aldeia de Urros, à cota de 720 metros. Percorre uma longa extensão de 5650 metros, na direcção Leste-Oeste. A junção destas duas ribeiras, à cota de 250 metros, forma uma única linha de água, a qual se designa então por Ribeira de Urros. Esta segue de Nordeste para Sudoeste, numa extensão de 3200 metros. O vale é bastante profundo, superando nalgumas zonas os 200 metros de desnível e, regra geral, tem perfil simétrico. Apenas na zona da embocadura se torna assimétrico, com a margem direita a atingir quase o dobro da altura da margem esquerda.

A bacia desta ribeira é assim bastante longa, profunda e estreita, sendo difícil a sua visualização global. As primeiras oito rochas conhecidas situam-se todas nas imediações da embocadura da ribeira, e não havia uma noção muito clara do potencial das áreas mais a montante. Com as últimas quatro rochas descobertas o panorama alterou-se, pois as rochas 10, 11 e 12 estão bem afastadas do Douro, a rocha 10 a pouco mais de mil metros de distância da foz, e as outras frente a frente a meia distância entre a foz e a rocha 10. Assim, pelo menos o quilómetro final da ribeira tem potencial para a existência de muitas mais rochas gravadas, sendo possível que esse potencial se estenda ainda mais para montante.

As doze rochas conhecidas, todas perto do leito da ribeira, distribuem-se em quatro grupos distintos. A rocha 10 está, de momento, isolada a mil metros da foz, numa curva acentuada da ribeira. Cerca de 300 metros para jusante estão as rochas 11 na margem esquerda e a rocha 12 na margem direita, uma em frente à outra. Mais a jusante, a 200 metros da embocadura, encontra-se o maior conjunto presentemente conhecido, com cinco rochas, as rochas 1, 5 e 6 na margem direita, as rochas 7 e 8 em frente na margem esquerda. Por fim, as outras quatro rochas ficam na embocadura, mas a subida das águas do Douro provocada pela barragem do Pocinho prejudica a leitura da sua distribuição. Na embocadura surge hoje uma ilhota, transformada artificialmente numa península, mas originalmente seria apenas uma pequena elevação na margem esquerda circundada sinuosamente pela ribeira. Com grande probabilidade haverá mais gravuras escondidas pelas águas, e as rochas 4 e 9 estão parcialmente submersas.

Todos os motivos de todas as épocas são em traço filiforme, com excepção da rocha 9. Três rochas têm gravuras paleolíticas, cinco apresentam gravuras de Época Histórica, e oito têm motivos da Idade do Ferro, o período dominante, em qualidade e quantidade.

As rochas 2 e 3 estão junto à embocadura da ribeira, e ambas têm gravuras paleolíticas, poucas e de difícil percepção, essencialmente motivos indeterminados de traço múltiplo. Na outra extremidade, a rocha 10 surge dominando uma curva apertada da ribeira, onde a água corre com fragor (quando há água!) num canal estreito, e apresenta duas cervas de traço múltiplo. As rochas 2 e 7 têm algumas gravuras recentes de escassa relevância, ao contrário da rocha 4, hoje parcialmente submersa ao lado das rochas 2 e 3, onde duas figuras antropomórficas e alguns

signos-saimão se juntam a uma grande colecção de representações de bestas, mais de uma trintena, numa colecção sem paralelo na região. Muito perto, a rocha 9 têm quatro cruces picotadas, alinhadas em sequência vertical. É possível que a existência destas figuras recentes esteja relacionada com o moinho que existia do outro lado do rio Douro, em frente à embocadura. Mais longe, a rocha 11 tem dois signos-saimão lado a lado, muito semelhantes aos da rocha 4.

A grande maioria dos motivos conhecidos são da Idade do Ferro, com destaque evidente para a rocha 1, um enorme painel repleto de gravuras, incluindo geométricos, animais de vários tipos e antropomorfos. Entre outros motivos, destacamos um friso formado por vários veados, ou um conjunto de dois animais formado por um veado de corpo longo e estreito, com estranhas patas traseiras entrecruzadas em losango e um grande cavalo magnificamente decorado, na cabeça e na garupa, onde surge um interessante motivo circular. Também um conjunto de dois antropomorfos merece realce, com uma impressionante figura de guerreiro, de corpo rectangular largo e decorado internamente, parecendo representar vestimenta ou couraça, armado de uma grande lança de ponta triangular e um escudo visto de perfil, côncavo com umbo central. Ao lado surge uma peculiar figura de cavaleiro com lança, numa representação algo abstracta, em que cavalo e homem se fundem num conjunto quase “cubista”, talvez intencionalmente, ou por imperícia do gravador. As restantes rochas da Idade do Ferro são pouco relevantes, embora se destaquem os enormes painéis das rochas 11 e 12, minimamente preenchidos com um único cavalo na rocha 11 e dois cavalos lado a lado na rocha 12.

#### **6.4.6. Canada das Corraliças.**

Descobrimos de forma casual este sítio em Setembro de 2008, quando andávamos de canoa ao longo do Douro com o objectivo de fotografar alguns dos sítios aqui conhecidos. No entanto, não registamos adequadamente a rocha que então descobrimos, por um lado porque não estávamos em prospecção “oficial” e não tínhamos algum material necessário connosco (GPS, material para escrever) e, por outro lado, porque desconhecíamos o topónimo do local, o qual só conseguimos apurar um mês depois. Assim, foi já em Fevereiro de 2009 que inventariamos devidamente a primeira rocha deste sítio, referida no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Novembro de 2011 voltamos ao sítio, em companhia de Delfina Bazaréu, e descobrimos mais três rochas, fazendo o presente conjunto de quatro rochas inventariadas.

É uma encosta sobre o Douro orientada a Sudoeste, confinada entre os sítios da Ribeira de Urros a jusante e do Vale de Maria Andrés a montante. A encosta é marcada por uma curta linha de escorrência de água que a desce linear e abruptamente, cavando um vale pouco profundo mas bastante evidente. O seu comprimento é de aproximadamente 600 metros, iniciando-se à cota de 340 metros. A água que aqui corre é exclusivamente de origem pluvial, de tal forma que o troço final do seu leito foi lavrado e transformado num laranjal. Apenas há afloramentos do lado direito, com dois principais grupos rochosos, um na zona baixa e outro na zona alta da encosta, separados por um intervalo pouco dilatado. A encosta estreita bastante na parte inferior e, na parte superior, pouco passa dos 150 metros de largura no sector direito, entre o leito da linha de água e a linha de cumeeada que faz a transição para o vale da ribeira de Urros. Ainda não visitamos a parte superior da encosta e não conhecemos as suas características e o potencial dos seus afloramentos, mas parece provável que possa haver mais algumas rochas historiadas. O mesmo acontece na parte baixa da encosta, onde fizemos só uma primeira vistoria não sistemática e conhecemos as quatro rochas inventariadas, mas que deverá ter potencial para mais algumas.

Apenas a rocha 3 apresenta motivos paleolíticos, e as restantes três rochas têm unicamente motivos da Idade do Ferro. Na rocha 3, para além de alguns traços pouco discerníveis, encontra-se uma grande figura de um animal de traço simples, de apreciáveis dimensões. Infelizmente, a terminação da cabeça encontra-se fracturada, dificultando a identificação da espécie, provavel-

mente um caprino, tendo em conta o grande corno curvilíneo que ostenta. Da Idade do Ferro surgem poucos geométricos na rocha 2, e vários animais, com destaque para o peculiar animal indeterminado da rocha 1, talvez um cavalo, de longa cauda em leque e corpo decorado, ou os quatro cervídeos da rocha 4.

#### **6.4.7. Vale de Maria Andrés.**

Este sítio foi descoberto em Setembro de 2009, tendo-se então inventariado as duas rochas conhecidas de momento.

Trata-se do vale de uma ribeira afluente da margem direita do Douro. Encontra-se logo a montante dos sítios da ribeira das Corraliças e da Ribeira de Urros. A ribeira inicia-se na orla de uma pequena área planáltica existente no sopé Sudoeste do monte da Senhora do Castelo de Urros, um importante povoado com ocupação pré-histórica, da Idade do Ferro, romana e medieval, num imponente cabeço que domina visualmente todo este trecho do rio Douro. Nesta mesma área planáltica, no sopé Sul do povoado, iniciam-se várias outras linhas de água afluentes do Douro, com pequenos vales paralelos ao Vale de Maria Andrés, e que nunca foram investigados. Sendo bem visíveis os muitos afloramentos que apresentam tudo indica que alguns destes vales poderão corresponder a novos sítios com arte rupestre. Assim, entre o Vale de Maria Andrés e os sítios do Lodão/Ribeira do Lodão há potencial para a existência de quatro ou cinco novos sítios, ainda por prospectar.

A ribeira nasce à cota de 450 metros e corre de Nordeste para Sudoeste, tendo um comprimento total aproximado de 2000 metros, desaguando no Douro à cota de 110 metros, a cerca de 530 metros a montante da linha de água da Canada das Corraliças. Apenas os primeiros 200 metros são percorridos em zona aplanada, iniciando logo a seguir a escavação mais profunda do vale. Este é simétrico, com largura máxima de 760 metros no sector intermédio, onde também atinge a sua profundidade máxima, ligeiramente inferior a 150 metros. É assim relativamente aberto, face à sua profundidade. Ao longo do percurso surgem diversas linhas de escorrência de água a cortar as encostas laterais, particularmente no lado direito, pouco profundas e de escassa relevância. As encostas do lado direito estão quase todas ocupadas por terrenos agrícolas, assim como uma ou outra do lado esquerdo e, em geral, o vale aparenta estar muito pouco preenchido com afloramentos rochosos, embora se entrevejam alguns nos sectores intermédios e superior do vale, ainda não prospectados. A excepção está no sector final do vale, na foz da ribeira.

O vale, bastante largo ao longo de quase todo o percurso, estreita drasticamente na foz da ribeira, formando um apertado canal de escoamento das águas, e torna-se pouco elevado, com um desnível na ordem dos 30 metros. Este canal é bastante rochoso, tendo numerosos afloramentos com as típicas superfícies verticais, numa e noutra margem. Ainda não sistematicamente prospectados, uma primeira vistoria revelou a existência de duas rochas gravadas na margem esquerda, perto uma da outra. É possível que haja mais afloramentos e rochas gravadas no sector final submerso na barragem do Pocinho.

As duas rochas têm motivos filiformes da Idade do Ferro. A rocha 2, mais pequena, tem apenas dois animais e alguns traços. A rocha 1 tem mais motivos: um guerreiro armado de escudo, animais, e uma interessante colecção de figuras geométricas.

#### **6.4.8. Lodão.**

Este sítio foi descoberto em Julho de 2011, na companhia de Fernando Dias, do PAVC, na sequência da descoberta do sítio vizinho da Ribeira do Lodão, e logo nesse dia foram descobertas e inventariadas as três rochas hoje conhecidas.

É um pequeno trecho de encosta sobre a margem direita do Douro, entre o vale da Ribeira do Lodão a montante e o vale de outra ribeira a jusante, ainda não prospectada. Tem características semelhantes às da Canada das Corraliças, uma encosta elevada, estreita e bastante inclinada, sulcada a meio por uma linha de escorrência de água. Inicia-se à cota de 270 metros, terminando aos 110 metros no antigo leito do Douro. A cartografia antiga, anterior à barragem do Pocinho, mostra que a parte inferior da encosta se alarga numa ampla bancada, não se sabendo se teria ou não painéis apropriados à gravação. A linha de água que sulca a encosta, num percurso quase linear, tem um comprimento pouco superior a 500 metros. A encosta, entre as linhas de cumeada que a demarcam dos vales vizinhos, pouco ultrapassa os 200 metros de largura.

Quase toda a área do sítio foi surribada por máquinas para a plantação de vinha, e alguns afloramentos foram destruídos. Subsistem ainda duas zonas com concentrações rochosas, uma junto ao Douro, em ambas as margens, com poucos afloramentos, e outra na metade superior do lado direito da linha de água, esta com maior quantidade e densidade de afloramentos, e onde se encontram as três rochas inventariadas. Cerca de um mês após a descoberta, fizemos a prospecção sistemática total destas duas concentrações, mas nada mais apareceu.

As três rochas agrupam-se na parte inferior da maior concentração rochosa. Todas têm gravuras da Idade do Ferro, e uma apresenta também gravuras paleolíticas. Todas estas gravuras são filiformes. Na rocha 2 surge um pequeno conjunto de animais paleolíticos de traço múltiplo, provavelmente caprinos, destacando-se uma magnífica figura, de corpo densamente preenchido de traços e cabeça a olhar para trás. Ao lado surge ainda uma figura geométrica da Idade do Ferro, com alguma complexidade. Também da Idade do Ferro, na rocha 3 surge um quadrúpede indeterminado e um veado, com a armação numa estranha posição torcida face à cabeça e, na rocha 1, alguns animais e figuras geométricas.

#### **6.4.9. Ribeira do Lodão.**

As primeiras gravuras foram avistadas em 2009 por Fernando Dias, do PAVC. Em Julho de 2011 fomos ver o sítio, com o seu descobridor, e registamos duas rochas.

É um vale afluente da margem direita do Douro, circunscrito entre os sítios do Lodão a jusante e do Vale de João Esquerdo a montante. Tal como este último, inicia-se na base de um grande maciço quartzítico que, com o vizinho cabeço da Senhora do Castelo de Urros, constitui o início da grande serra quartzítica de Poiares. A parte inicial do vale é formada por duas ribeiras distintas, a ribeira do Lodão propriamente dita, mais longa e, a montante desta, uma outra ribeira sua afluente. Iniciam-se ambas na vertente Oeste do maciço, com origens distantes cerca de 650 metros, e seguem para Sudoeste em percursos convergentes. A ribeira do Lodão tem um percurso total de aproximadamente 2350 metros, iniciando-se à cota de 570 metros e terminando no Douro à cota de 110 metros. Os seus primeiros 650 metros de percurso são em terreno inclinado mas com um vale pouco cavado, e inicia a escavação profunda do vale a partir da cota dos 400 metros. O sector intermédio é o mais aberto e profundo, com uma largura pouco inferior a 500 metros, e uma profundidade máxima de cerca de 130 metros. A outra linha de água inicia-se na orla planáltica e começa quase imediatamente a fazer a escavação profunda do seu vale, também à cota de 400 metros. Percorre cerca de 1100 metros até encontrar a ribeira do Lodão. O seu vale é mais estreito, não ultrapassando os 300 metros de largura máxima, mas igualmente profundo. Ambas as ribeiras têm um percurso com alguma sinuosidade, sobretudo a ribeira do Lodão, e apresentam numerosas linhas de escorrência de água nas suas encostas. As duas ribeiras conjugadas formam um sítio bastante amplo, nomeadamente nos sectores inicial e central, com uma largura máxima de aproximadamente 1000 metros. No entanto, o troço final unificado é bastante mais estreito e termina num canal longo e apertado. Este canal tem um forte declive na margem esquerda mas é aberto na margem direita, e a ribeira entra no Douro em terrenos apla-

gados, tal como sucede nos sítios vizinhos do Lodão e Vale de João Esquerdo. A submersão de quase todo este troço final impede a sua prospecção.

É dos sítios menos conhecidos da arte do Côa, de potencial promissor. Apenas se fez um primeiro reconhecimento do terreno em duas zonas muito circunscritas, com pouca prospecção, e quase toda a área do sítio está ainda por ver, havendo diversas zonas com concentrações rochosas. Apenas duas rochas são conhecidas, ambas com gravuras filiformes da Idade do Ferro, e localizadas na encosta da margem direita sobre o troço final da ribeira do Lodão, após a junção das duas linhas de água. Apesar disso, estão a mais de 200 metros de distância uma da outra. A rocha 1 surge perto da linha de água num terreno agrícola<sup>31</sup>, e a rocha 2 está na parte superior da encosta, muito perto da linha de cumeada que separa este vale do outro vale a jusante.

A rocha 1 tem apenas uma figura de veado, com a armação pouco detalhada. Já a rocha 2 tem um enorme e magnífico conjunto de figuras, divididas por diferentes painéis. Os estilos variam entre os diferentes painéis, denunciando diferentes origens e executores. Os painéis laterais têm poucas figuras, menos impressionantes que no painel principal, destacando-se ainda assim uma expressiva e estilisticamente original figura de um cavalo com a cabeça voltada para trás. No painel principal surgem algumas dezenas de figuras, na maioria com estilos de representação e execução muito semelhantes que parecem indicar um mesmo autor. Num conjunto caótico de motivos e traços, com múltiplas sobreposições, distinguem-se variados animais, sobretudo cavalos e cervídeos, um canídeo e outros de espécie indeterminada, junto com algumas lanças e diversos geométricos de vários tipos. Não é claro se existe ou não uma figura antropomórfica mas, a ser, é apenas esboçada e está incompleta, diferindo assim da definição clara dada às restantes figuras. Entre os geométricos destacam-se os conjuntos de linhas pontilhadas, um tipo de representação que surge com alguma abundância ao longo da região da arte do Côa, tendo nesta rocha uma das suas máximas expressões. Aproximadamente no centro do conjunto, duas figuras destacam-se face às restantes. Trata-se de um canídeo, fálco e com os dentes à mostra, que persegue uma bonita e elegante figura de cerva. Ambos os animais estão trespassados por lanças, o que poderá indicar, talvez, que o canídeo se trata de um lobo e não de um cão doméstico. A eventual figura humana está logo por cima da cerva, e poderia até segurar a lança que a trespassa, mas tal não é claro. Assim, este imenso conjunto de figuras parece tratar-se de uma complexa cena de caça, com muitas e diversas figuras animais, apenas não sendo claro se envolve ou não figuras humanas.

#### **6.4.10. Vale de João Esquerdo.**

A primeira rocha deste sítio é descoberta em 1995, por João Félix e Manuel Almeida, do CNART, na mesma ocasião em que é também descoberto o sítio da Ribeira de Urros. No entanto, ao contrário deste, não é mencionado no inventário do Relatório de 1997. Este esquecimento é corrigido nos inventários seguintes, referindo-se a única rocha então registada (BAPTISTA 1999: 19; 2001: 238; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ 2002: 192-193). Em Junho de 2006, ao relocarmos esta rocha, encontramos e inventariamos mais oito, sendo nove o total referido nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 190; REIS 2011: 120-123). Em Janeiro de 2011 descobrimos mais duas novas rochas, chegando às actuais onze rochas inventariadas.

É uma linha de água com um percurso quase linear de Leste para Oeste, tendo 2000 metros de comprimento. A parte intermédia e superior do seu vale conecta com os sectores equivalentes dos sítios da Ribeira do Lodão a jusante e da Ribeira das Furnas a montante. No entanto, junto ao Douro, há zonas de encosta ainda não prospectadas entre estes sítios: uma pequena encosta

---

<sup>31</sup> O descobridor do sítio tinha visto de passagem algumas gravuras da Idade do Ferro em uma ou duas rochas situadas algures na zona onde viemos a encontrar a rocha 1, mas essas gravuras não correspondem ao único motivo desta rocha e estão ainda por relocalizar, o que poderá suceder numa prospecção mais detalhada e sistemática.

entre a foz da Ribeira do Lodão e a foz do Vale de João Esquerdo, e um amplo sector de encosta, cortada por várias pequenas linhas de água, entre a foz do Vale de João Esquerdo e a foz da Ribeira das Furnas. A ribeira nasce a meio da encosta Sul de um grande maciço quartzítico a Sul da aldeia de Urros, no início da serra de Poiares, à cota de 520 metros. Forma um vale de perfil simétrico e fechado, atingindo os 150 metros de profundidade, com uma largura máxima no sector intermédio de cerca de 700 metros. Desagua no Douro quase em frente do sítio da Canada do Arrobão, à cota de 110 metros, num troço final do vale baixo e estreito. A foz da ribeira surge a meio de uma praia fluvial, hoje submersa, com 400 metros de comprimento e 70 metros de largura.

É um sítio ainda pouco prospectado e o seu potencial é grande, devendo haver mais rochas por descobrir na envolvência dos dois grupos já conhecidos, e possivelmente noutras zonas ainda não observadas. Todas as rochas conhecidas se encontram do lado direito do vale, estando o outro lado quase vazio de afloramentos. De momento, a distribuição das rochas conhecidas é invulgar no contexto da arte do Côa: cinco rochas com gravuras filiformes paleolíticas sobre a foz da ribeira, e seis rochas com gravuras filiformes da Idade do Ferro no sector intermédio do vale. A insuficiente prospecção realizada em ambos os sectores e na restante área do sítio não permite saber se esta divisão cronológica tão clara na distribuição corresponde à realidade ou se é casual, com eventuais futuras descobertas a reporem o típico padrão de mistura espacial de gravuras de diferentes períodos.

As seis rochas da Idade do Ferro encontram-se quase todas num grupo no sector intermédio da encosta, mas havendo uma de implantação inédita: a rocha 10 encontra-se quase no topo do cabeço que culmina nesta zona a linha de cumeada. No seu painel, inusualmente rugoso, surge uma única e tosca figura de um possível cervídeo, de difícil identificação. Nas restantes rochas surge o habitual conjunto de figuras de animais e figuras geométricas, com um ou outro antropomorfo. Destaca-se o grande conjunto de animais da rocha 2, encimados por um guerreiro com lança, no que parece ser uma cena de caça, os interessantes geométricos da rocha 11, ou o bonito cavalo da rocha 3.

As cinco rochas de baixo são todas paleolíticas, exibindo sobretudo figuras de traço múltiplo, como nas rochas 6 e 9 mas, sobretudo, nas rochas 1 e 7, as principais do sítio. A rocha 7 tem um pequeno painel quase inteiramente coberto de motivos, aqui sim com muitas sobreposições, sendo quase todos os motivos em traço múltiplo. Tem várias espécies animais: cavalos, cervídeos, caprinos, uma possível camurça e também uma possível ave, esta não totalmente evidente, associados a alguns signos. A rocha 1 tem um grande painel com variadas figuras, sem grandes sobreposições. Para além de um magnífico veado de corpo densamente preenchido de traços, destaca-se um pequeno painel com algumas figuras de caprinos, em traço simples e múltiplo, realçando-se destas últimas duas figuras de muito pequena dimensão, das primeiras do género a serem identificadas na região<sup>32</sup>.

#### **6.4.11. Ribeira das Furnas.**

O sítio da Ribeira das Furnas foi descoberto em finais de Outubro de 2008, em companhia de alguns habitantes da aldeia de Urros e de Fernando Dias do PAVC, que nos tinha ido mostrar uma nova rocha gravada no sítio vizinho de Vale d’Arcos, e foi já referida no último inventário (REIS 2011: 120-123).

---

<sup>32</sup> Tendo um tamanho comparável ao de um polegar, deram origem no Parque do Côa à designação informal de “polegarzinhos” para este tipo de figuras. Um destes caprinos da rocha 1 do Vale de João Esquerdo, com os seus 3,5 cm de comprimento, foi longamente considerada a mais pequena figura da arte paleolítica do Côa mas, com as descobertas recentes do caprino da rocha 11 do Vale Escuro e dos peixes da rocha 7 da Canada do Arrobão, faz quase figura de gigante ao lado destas. Ao longo da região são conhecidas algumas figuras paleolíticas de tamanho miniatural, sendo este mais um aspecto a juntar às características formais da arte paleolítica do Côa. É incerto se resultam de uma “moda” particular em determinado período ou se, ao lado de figuras maiores, se faziam por vezes figuras extraordinariamente pequenas. A diversidade tipológica das que são conhecidas e a sua mistura com motivos maiores de tipologia similar sugerem mais a segunda hipótese.

É um longo, profundo e sinuoso vale de uma ribeira que se inicia no grande maciço quartzítico que se desenvolve a Sudoeste da aldeia de Urros (serra de Poiares), mas entrando rapidamente em terrenos xistosos ao descer em direcção ao Douro, na direcção Nordeste-Sudoeste. Inicia-se à cota de 730 metros, num dos pontos mais altos da serra, e entra no Douro nos 110 metros, num percurso aproximado de 5050 metros. O troço inicial, ainda em terrenos quartzíticos, é relativamente aberto, com pequenos afluentes de um e outro lado. Já em terrenos xistosos, tem um primeiro percurso longo e linear, com pouco mais de dois quilómetros de extensão, bastante encaixado, apenas com pequenas linhas de escorrência de água de ambos os lados. Após uma larga curva para Leste e outra contracurva para Sul, a ribeira entra no seu troço final, mais aberto, sobretudo no lado esquerdo, onde recebe sucessivamente dois afluentes bastante extensos, a Canada da Gafaria e a ribeira da Peixeira. Estas duas linhas de água formam vales próprios e distintos, e, caso se identifiquem no futuro gravuras nestes dois vales, serão provavelmente considerados sítios distintos, particularmente no caso da ribeira da Peixeira.

É um sítio que conhecemos ainda bastante mal, mas o seu potencial parece elevado, havendo vários grupos de afloramentos visíveis ao longo do vale. A única rocha aqui conhecida é da Idade do Ferro, e tem uma implantação singular. Encontra-se no fim do longo troço linear da ribeira, dominando a curva e contracurva final, e está na parte superior da encosta, à cota de 440 metros. A linha de cumeada nesta zona forma uma sucessão de pequenos cabeços, e a encosta nascente de um deles é um vasto maciço rochoso, com dezenas de metros de altura. As gravuras surgem numa plataforma na parte intermédia do maciço, com um acesso estreito e escondido pelo lado Sul. A plataforma é grande e larga, tendo sido usada para albergar rebanhos de ovelhas. Tem uma enorme parede rochosa, muito comprida e alta. O único painel gravado surge discretamente a meio desta parede. As gravuras têm um acesso algo difícil, estando altas em relação ao solo, e dividem-se em dois sectores diferentes no painel, sendo claro que os dois conjuntos foram feitos por pessoas diferentes. Do lado esquerdo surge um grupo variado de motivos, incluindo vários cavalos e cervídeos, alguns geométricos e uma curiosa figura humana, de cabeça para baixo e com braços que parecem longas asas. Do lado direito surgem os motivos mais interessantes, formando uma cena de caça, protagonizada por um cavaleiro armado de lança e que segura rédeas, perseguindo alguns cervídeos, machos e fêmeas, com a ajuda de um cão. A montada do cavaleiro e o canídeo têm desenhado na garupa o mesmo símbolo, um motivo em espiga dentro de uma cartela oval, no que será talvez uma representação heráldica.

#### **6.4.12. Vale d'Arcos.**

Sítio descoberto em 2008 por Fernando Dias, do PAVC, que nos mostrou a rocha que aqui identificou em finais de Outubro desse ano, já referida no último inventário (REIS 2011: 120-123). Em Abril de 2010 descobrimos outra rocha na parte superior do sítio.

Trata-se do vale de uma ribeira afluente do Douro, situada cerca de 2,5 quilómetros a montante do sítio da Ribeira das Furnas. Tem um percurso de Norte para Sul, com alguma sinuosidade, numa extensão aproximada de 2400 metros. À semelhança da Ribeira das Furnas, o percurso inicial é feito em terrenos quartzíticos, numa extensão de 500 metros, entrando depois em terrenos de xisto, até ao Douro. A ribeira nasce no intervalo entre dois cabeços, à cota de 720 metros, desaguando no Douro aos 110 metros, numa pequena área aplanada que formaria uma praia ou terraço, hoje submersa nas águas da albufeira do Pocinho. O vale é bastante profundo e encaixado, sobretudo depois de entrar em terrenos xistosos, atingindo um desnível máximo na ordem dos 200 metros, ainda que tenha um perfil assimétrico, sendo as encostas do lado direito mais altas. No percurso inicial a ribeira faz uma curva acentuada para Oeste, recebendo um afluente na margem direita, o qual também se inicia em terrenos quartzíticos. Depois da junção das duas linhas de água, à cota de 300 metros, o percurso é quase linear em direcção a Sul, sur-

gindo ainda mais um afluente importante na margem esquerda, o qual tem topónimo próprio: Vale Escuro. No entanto, ao contrário dos afluentes da ribeira das Furnas atrás referidos, este não tem um vale tão grande e marcado, e optamos pela sua inclusão no sítio de Vale d’Arcos.

A primeira rocha conhecida, de cronologia paleolítica, surge no troço inicial da ribeira, já em terrenos xistosos, mas apenas a 130 metros de distância da transição para a zona quartzítica. Está na margem direita da ribeira, cerca de 50 metros acima do leito, e à cota de 480 metros, sendo assim o registo paleolítico de mais elevada altitude na região. Tem um só motivo, uma figura em traço múltiplo de forma ovalada, de contorno rectilíneo em cima e fortemente curvado em baixo, afilando nas pontas e alargando no meio. Parece ser um peixe, embora esta interpretação não seja segura, podendo também ser um signo. A segunda rocha tem pinturas esquemáticas da Pré-história recente, e é um grande abrigo quartzítico isolado a meia encosta à cota de 620 metros, bem destacado na paisagem, na margem esquerda do troço inicial da ribeira. Os motivos estão muito apagados e são de difícil interpretação, distinguindo-se algumas manchas e uma ou outra figura antropomórfica. Tanto na área quartzítica como nos xistos mais abaixo a prospecção está muito embrionária, e parece haver potencial para a existência de mais rochas, gravadas ou pintadas.

### **6.5. O vale do Douro, entre o Pocinho e a foz do rio Sabor.**

Este troço do rio Douro, numa extensão de 6,2 quilómetros entre a aldeia do Pocinho e a foz do rio Sabor, fica a jusante da barragem do Pocinho. No entanto, hoje em dia quase nenhuma zona do Douro está livre da influência de barragens, e este troço é o lanço final da albufeira da barragem da Valeira. Comparando a cartografia existente antes e depois da construção destes empreendimentos, vê-se que o alteamento das águas será ligeiramente inferior a dez metros, tendo feito recuar as margens do Douro e desaparecer as pequenas ilhas que pontuavam este percurso. Corresponde à zona em que o Douro encontra e segue a falha tectónica da Vilarica, fazendo uma acentuada curva para Norte, de forma a contornar o maciço granítico do Monte Meão. Assim, a margem direita está toda em terrenos xistosos, mas estes existem só na parte mais baixa da margem esquerda, dando para cima lugar aos granitos. A margem esquerda parece ter fraco potencial para arte rupestre, não havendo afloramentos xistosos visíveis na parte inferior. O potencial da margem direita é uma incógnita. Nas zonas limítrofes do rio não são visíveis afloramentos mas, tal como para a margem esquerda, não sabemos se haveria bancadas rochosas ao longo do leito. Nas zonas medianas e mais elevadas das encostas existem alguns grupos de afloramentos, que ainda não foram prospectados. Assim, de momento, nenhum sítio de arte rupestre é conhecido neste troço e, se à partida o seu potencial não nos parece muito elevado, não descartamos a hipótese da prospecção poder ter resultados.

O interesse por esta zona aumentou consideravelmente nos últimos tempos, com as recentes investigações feitas no rio Sabor a propósito da construção de mais uma barragem. Logo nos primeiros estudos se identificou uma rocha paleolítica, na Ribeira da Sardinha, e também uma rocha com pinturas pré-históricas e gravuras da Idade do Ferro, a Fraga do Fojo (TEIXEIRA & RODRIGUES 1997; BAPTISTA 2008b: 196-197). Ultimamente, com a implementação no terreno das medidas de minimização, temos conhecimento do aparecimento de diversas rochas com gravuras de variadas épocas, do Paleolítico Superior à Época Moderna, assim como de abundantes placas gravadas proto-históricas e paleolíticas em contextos arqueológicos conservados<sup>33</sup>. Desta forma, o baixo vale do Sabor assume o carácter de uma nova região de arte rupestre. Ora, este é o troço do Douro que faz a ligação directa entre as duas regiões, e será futuramente do maior interesse averiguar aqui da existência ou não de arte rupestre.

---

<sup>33</sup> Informação da equipa de arte rupestre no terreno, dirigida por Sofia Figueiredo, a quem agradecemos.

## **6.6. O vale da Veiga, entre o Pocinho e o início do planalto beirão.**

O chamado Vale da Veiga integra a grande falha tectónica da Vilarica, que se estende por centenas de quilómetros no sentido Norte-Sul, da Galiza à zona centro de Portugal. Nesta região, a falha originou um extenso vale, desde a aldeia do Pocinho na margem do Douro até ao início do planalto Beirão, na zona da aldeia de Marialva, onde o vale termina e onde a transição entre o alto, extenso e algo desolado planalto granítico beirão, e os férteis vales abrigados da região duriense é por demais notória. O vale tem uma extensão aproximada de 24 quilómetros, mantendo sempre a direcção Sul-Norte. É um vale largo, pouco profundo, de solos espessos e férteis, uma importante zona agrícola repleta de sítios arqueológicos de diferentes épocas. No fundo do vale não há afloramentos visíveis, e estes são pouco abundantes nas encostas, com excepção da encosta do planalto granítico das Chãs (em cuja periferia, sobre o vale, fica o sítio dos Tambores). Nesta encosta seria possível haver abrigos com pinturas, e talvez rochas com algum tipo de gravuras, tendo em conta o exemplo dos Tambores e da Vinagreira e o facto de serem numerosos os sítios de habitat pré-históricos no planalto por cima, que poderiam fornecer um contexto a esses eventuais achados. Será uma área a prospectar futuramente. Mais perto de Vila Nova de Foz Côa, e até ao Pocinho, os terrenos são xistosos mas de escassos afloramentos, em regra de má qualidade para a realização de gravuras, como pudemos constatar numa ou outra incursão que fizemos a pequenos grupos rochosos na encosta por baixo de Vila Nova de Foz Côa. Há uma referência bibliográfica muito sumária que devemos mencionar, que diz: “no Vale da Veiga do Pocinho, nas imediações do rio Douro, há também pinturas rupestres” (RODRIGUES 1983: 24). Esta referência, que se nos afigura pouco credível, aparece sem mais detalhes, e não conhecemos mais qualquer outra notícia de eventuais pinturas naquela zona, as quais, aliás, só poderiam ocorrer já fora do Vale da Veiga pois, como vimos, este não apresenta afloramentos superficiais, que só reaparecem na encosta do Monte Meão, ou quando o Douro volta a correr em zona encaixada, para jusante do vale.

Assim, a arte rupestre conhecida neste vale concentra-se no seu troço superior, entre as aldeias das Chãs e de Longroiva, numa área granítica correspondente, *grosso modo*, ao graben de Longroiva. Os vestígios são interessantes mas atípicos no contexto da arte rupestre da região, e surgem em três sítios: Tambores, Cruzeiro Velho e Vinagreira.

### **6.6.1. Tambores.**

O sítio com ocupação pré-histórica dos Tambores foi inventariado por António Faustino de Carvalho e Carla Magalhães, nos primeiros tempos da criação do Parque Arqueológico. Nesta primeira referência é já mencionada a existência de uma laje com covinhas ainda que, por lapso, se refira que é uma laje de granito quando na verdade é de xisto, correspondendo à rocha 1 (AUBRY; CARVALHO & ZILHÃO 1997: 99). A mesma equipa de investigadores descobre em 1998 uma segunda rocha com covinhas, esta sim um afloramento granítico. As duas foram referidas nos últimos inventários (BAPTISTA & REIS 2009: 190; REIS 2011: 120-123). Em Abril de 2010 descobrimos uma terceira rocha com covinhas.

O sítio divide-se em duas manchas distintas de dispersão de materiais. A maior e com mais material envolve as rochas 2 e 3. Revela à superfície diverso material característico da Pré-história Recente, com uma cronologia provável do Calcolítico e/ou Idade do Bronze (AUBRY; CARVALHO & ZILHÃO 1997: 99). É uma plataforma aplanada no extremo Noroeste do planalto das Chãs, no rebordo da encosta sobre o Vale da Veiga, na curva apertada que a ribeira da Centieira efectua quando abandona o Vale da Veiga e se orienta para Leste em direcção ao Côa, passando então a denominar-se Ribeira de Piscos. Tem a curiosidade adicional de se situar na zona de transição entre xistos e granitos, bem notória na paisagem, particularmente na encosta sobre o vale. A outra mancha de materiais está na encosta sobre o vale, ao lado da rocha 1.

Esta surge no início da zona xistosa, e é uma grande laje solta, espessa e de forma ovalada, com uma superfície plana de disposição sub-horizontal, que apresenta numerosas covinhas, bastante largas e profundas, perfeitamente visíveis. Um pequeno fragmento da laje está tombado ao lado, tendo igualmente algumas covinhas. A rocha 2, a 150 metros de distância, está no meio da grande área de dispersão de materiais, isolada num terreno plano. É um batólito granítico de forma irregular, com faces verticais em todos os lados, que se erguem de uma base mais alargada. As covinhas são abundantes, de diversos tamanhos, e distribuem-se por grande parte da superfície útil, na base, nos lados e no topo, formando por vezes alinhamentos. A rocha 3 é um batólito granítico de dimensão similar à rocha 2, da qual dista pouco, visualmente menos distintivo e com poucas covinhas, quase todas na superfície superior. É natural que uma prospecção cuidadosa dos muitos afloramentos graníticos que enxameiam a zona possa revelar a existência de mais rochas com covinhas.

### **6.6.2. Cruzeiro Velho.**

A Estela de Longroiva, como é chamada nos meios científicos, apareceu em trabalhos agrícolas em 1964 num local designado por Cruzeiro Velho (RODRIGUES 1983: 35-37), sendo referida no primeiro catálogo das estelas do Sudoeste peninsular (ALMAGRO 1966: 108-109). Incluída nos inventários arqueológicos locais (COIXÃO 1996: 224; 1999: 319-320), foi mencionada de passagem no último inventário (REIS 2011: 17-18), mas só agora é formalmente integrada no inventário da arte do Côa. Em Maio de 2008 descobrimos um fragmento de outra estela à superfície, e em Março de 2010 descobrimos uma nova e terceira estela.

A zona do Cruzeiro Velho é um terreno aplanado à entrada da aldeia das Quintãs, na margem esquerda da ribeira da Centieira, a cerca de 3400 metros em linha recta do ponto onde esta se desvia para Leste em direcção ao Côa. O Vale da Veiga é aqui largo e de solos férteis e profundos, como se vê pelo antigo cruzeiro granítico que dá nome ao local e que se encontra profundamente enterrado no solo, visível apenas na parte superior. Está na base de um importante sítio com ocupação pré-histórica, o Alto da Lamigueira, situado no outro lado da ribeira da Centieira cerca de 600 metros para Sudeste, num imponente cabeço granítico que domina visualmente a área. Nunca investigado e ainda inédito, este bem conservado povoado poderá ter relação directa com o sítio de estelas do Cruzeiro Velho.

A Estela de Longroiva é um grande monólito de granito com mais de dois metros de altura. Parece estar intacto, e as circunstâncias do seu aparecimento sugerem que poderia estar *in situ* quando foi desenterrado. As outras duas estelas são pequenas, também em granito, estão claramente fragmentadas, e apareceram à superfície, tendo provavelmente sido desenterradas também por trabalhos agrícolas. As três pedras surgiram a poucos metros umas das outras, o que sugere que o seu contexto arqueológico seja o mesmo.

As duas pequenas estelas são muito diferentes da Estela de Longroiva, no tamanho e na morfologia. A Estela de Longroiva é bem conhecida, e a sua cronologia deverá encontrar-se na Idade do Bronze, na sua fase inicial. Os fragmentos das outras duas pertencem, em ambos os casos, à secção superior, da cabeceira, a qual é afeiçãoada e arredondada. No fragmento da estela 2 não há qualquer vestígio de gravação, mas na estela 3 surgem vários sulcos, profundamente gravados e desgastados, em traço abrasionado e aparentemente polido, não sendo identificáveis motivos individuais. Estas duas estelas aparentam, no pouco que é possível ver, grandes semelhanças formais com as estelas do sítio do Cabeço da Mina (cf. JORGE 1999). É possível assim que estas três estelas do Cruzeiro Velho sejam apenas algumas de um eventual santuário de estelas, ainda por descobrir devido à profundidade dos solos. As estelas 2 e 3 terão provavelmente uma cronologia anterior à Estela de Longroiva, indicando possivelmente uma primeira fase Calcolítica de ocupação do local. Só com escavações arqueológicas será possível saber da exis-

tência ou não deste hipotético santuário ou conjunto de estelas, no que seria certamente uma descoberta de enorme interesse científico e patrimonial.

### 6.6.3. Vinagreira.

A primeira pedra decorada foi aqui identificada em Setembro de 2010, pela arqueóloga Eulália Pinheiro, no acompanhamento arqueológico da construção de um troço da estrada IP2. A segunda foi identificada em Novembro seguinte, pela arqueóloga Fátima Costa, no acompanhamento da demolição da estrutura onde se tinha identificado a primeira pedra<sup>34</sup>. Ambas estavam incorporadas na estrutura de um curral, a primeira na parede externa com a face gravada voltada para fora, o que permitiu a sua identificação, e a segunda nos alicerces. O curral ficava na estrada de acesso à aldeia da Relva, em frente a Longroiva, na encosta sobre a margem direita da ribeira da Centieira, cerca de 1800 metros em linha recta a Sul do Cruzeiro Velho, perto da nascente da ribeira na cabeceira do Vale da Veiga, em zona de grande riqueza arqueológica.

A primeira pedra é um fragmento de um afloramento granítico, tendo numa das faces diversas gravuras obtidas por picotagem. Num espaço operativo pequeno mas densamente gravado, distinguem-se um círculo, uma linha em meandro e um motivo incompleto, que na parte visível é formado por sucessivas linhas semicirculares, que poderiam talvez formar uma espiral ou círculo concêntrico. Este tipo particular de motivos geométrico-abstractos em suporte granítico é desconhecido nesta região, pelo que a descoberta assume grande interesse. A segunda pedra é uma laje granítica rectangular, com dimensões aproximadas de 110\*65 centímetros, claramente afeixada. Numa das faces apresenta quatro covinhas agrupadas no centro e uma outra isolada numa das extremidades. Poderá ser um esteio de uma estrutura funerária pré-histórica, talvez uma cista, embora outras hipóteses interpretativas e cronológicas também sejam possíveis. É evidente que ambas as pedras foram retiradas dos seus contextos originais para a construção do curral. Esses contextos são desconhecidos mas, considerando o peso das pedras, não deveriam ficar longe. No caso da segunda pedra, parece provável que a hipotética estrutura funerária se situasse abaixo do curral nos terrenos planos do fundo do vale. Já no tocante à primeira, sendo esta um fragmento de um afloramento granítico, é possível que este se localizasse na encosta sobre o vale, possivelmente não longe do curral, sendo abundantes os afloramentos graníticos na zona, ainda a esperar uma prospecção arqueológica.

## BIBLIOGRAFIA

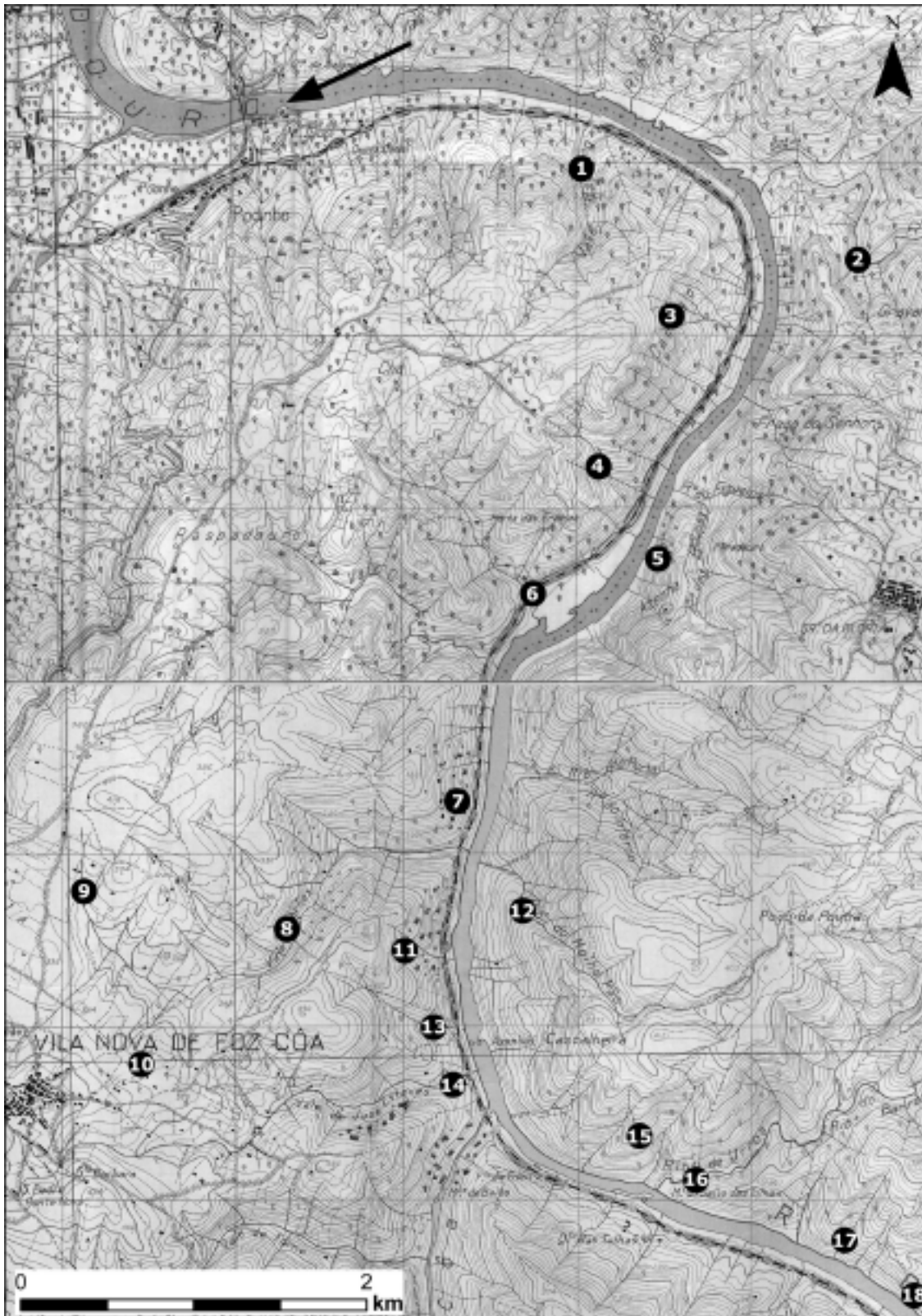
- ABREU, Carlos & RIVAS CALVO, Emilio (2011), A construção do Caminho-de-ferro do Douro e a polémica acerca da localização das estações na última secção: no Côa e na Olga, ou apenas nas Pariças, *Côavisão*, 13, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 109-118
- ABREU, Mila Simões; ARCÀ, Andrea; JAFFE, Ludwig & FOSSATI, Angelo (2000), As gravuras rupestres da Idade do Ferro no vale de Vermelhana (Douro – Parque Arqueológico do Vale do Côa). Notícia preliminar, in JORGE, Vítor Oliveira (Dir. de), *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. V – Proto-história da Península Ibérica, Vila Real, Setembro de 1999*, Porto, ADECAP, pp. 403-412
- ALMAGRO, Martin (1966), *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Bibliotheca Praehistorica Hispana, Vol. VIII, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad de Madrid
- ALVES, Lara Bacelar & OLIVEIRA, Lucínia (2008), *Barragem das Olgas (Torre de Moncorvo, Bragança). Levantamento das gravuras rupestres da Ribeira das Olgas e Ribeira do Arroio. Relatório Final*, Relatório polycopiado, IGESPAR

---

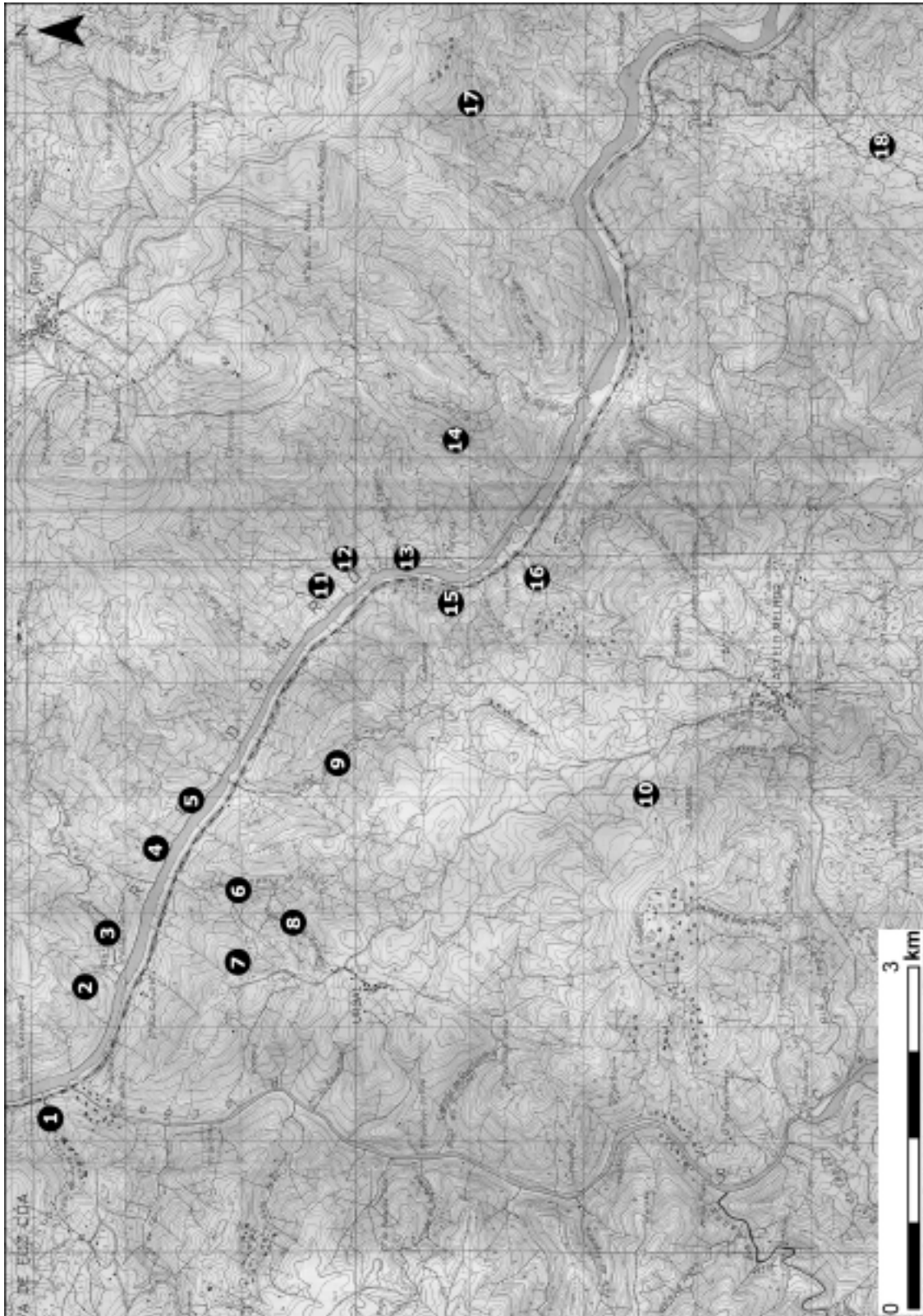
<sup>34</sup> Agradecemos a ambas as arqueólogas a informação prestada sobre os achados.

- AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino & ZILHÃO, João (1997), Arqueologia, in ZILHÃO, J. (Dir. de), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 74-209
- AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís & DIMUCCIO, Luca Antonio (2012), Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal), *Journal of Archaeological Science*, 39 (4), pp. 848-866
- BAPTISTA, António Martinho (1981), *A Rocha F – 155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas, 1, Porto, GEAP
- \_\_\_\_ (1983), O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8, Porto, pp. 57-69
- \_\_\_\_ (1999), *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*, Vila Nova de Foz Côa, CNART/PAVC
- \_\_\_\_ (2001), The Quaternary Rock Art of the Côa Valley (Portugal), in ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry & CARVALHO, António Faustino (Dir. de), *Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique – Actes du Colloque de la Commission VIII de l’UISPP. Vila Nova de Foz Côa, 22 – 24 Octobre 1998*, Lisboa, IPA [Trabalhos de Arqueologia, 17], pp. 237-252.
- \_\_\_\_ (2008a), Aspectos da Arte Magdalenense e Tardiglaciário no Vale do Côa, in *Actas do Fórum Valorização e Promoção do Património Regional (Vila Nova de Foz Côa, 28 a 30 de Junho de 2007), Vol. 03 – Do Paleolítico à Contemporaneidade. Estudos sobre a História da Ocupação Humana em Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 14-31
- \_\_\_\_ (2008b), *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*, Vila Nova de Foz Côa, Edições Afrontamento/PAVC
- BAPTISTA, António Martinho & GARCÍA DIEZ, Marcos (2002), L’art paléolithique dans la vallée du Côa Portugal). La symbolique dans l’organisation d’un sanctuaire de plein air, in SACCHI, Dominique (Dir. de), *L’art paléolithique à l’air libre: le paysage modifié par l’image (Tautavel, Campôme, 7-9 Octobre 1999)*, Saint-Estève, GAEP/ GÉOPRE, pp. 187-205
- BAPTISTA, António Martinho & GOMES, Mário Varela (1997), Arte rupestre, in ZILHÃO, João (Dir. de), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 210-406
- BAPTISTA, António Martinho & REIS, Mário (2008), Prospecção da Arte Rupestre na Foz do Côa. Da iconografia do Paleolítico superior à do nosso tempo, com passagem pela IIª Idade do Ferro, in *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006), Vol. 01 – Pré-história. Gestos Intemporais*, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 62-95
- \_\_\_\_ (2009), Prospecção da Arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro Português: ponto da situação em Julho de 2006, in BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (Dir. de), *Actas do colóquio “Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa” (Salamanca, 15-17 de Junho de 2006)*, Junta de Castilla y León, pp. 145-192
- \_\_\_\_ (2011), A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo), *Côavisão*, 13, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, pp. 15-20
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián (2001), *Estelas de guerrero y estelas diademadas. La precolonización y formación del mundo tartésico*, Barcelona, Bellaterra
- COIXÃO, António Nascimento Sá (1996), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
- \_\_\_\_ (1999), *A Ocupação Humana na Pré-história Recente na região de Entre Côa e Távora*, Almada, ACDR de Freixo de Numão
- \_\_\_\_ (2000), *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, 2.ª edição

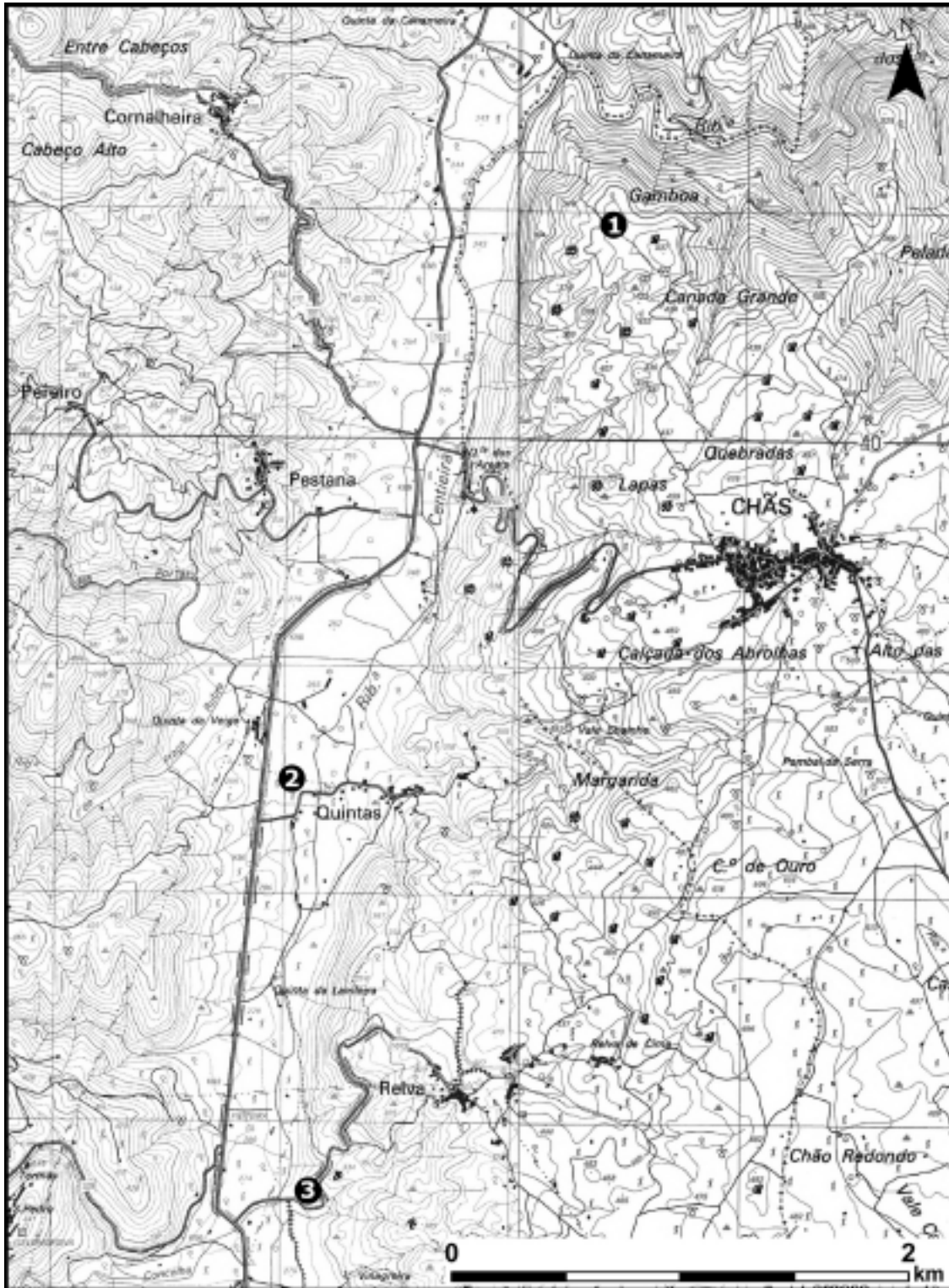
- COSME, Susana (2008), Proto-história e romanização entre o Côa e o Águeda, in *Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (Vila Nova de Foz Côa, Figueira de Castelo Rodrigo e Pinhel, 15 a 20 de Maio de 2006)*, Vol. 03 – Proto-história e Romanização. *Guerreiros e colonizadores*, Porto, ACDR de Freixo de Numão, pp. 72-80
- CRUZ, Domingos J. (1998), Expressões funerárias e culturais do Norte da Beira Alta, in *Actas do Colóquio “A Pré-história na Beira Interior” (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997)*, [Estudos Pré-históricos, VI], Viseu, CEPBA, pp. 149-166
- JORGE, Susana Oliveira (1999), Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): a Late Prehistoric Sanctuary with ‘Stelai’ of the Iberian Peninsula, in DEMAKOPOULOU, K.; ELUÈRE, C.; JENSEN, J.; JOCKENHO, A. & MOHEN, J. (Dir. de.), *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres, Thames and Hudson, pp. 137-141
- LUÍS, Luís (2009a), Rock Art as Land Art. A Diachronic View of the Côa Valley (NE Portugal) Post-Palaeolithic Rock Art, in BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva; RAFAEL GONZÁLEZ, Antón & CARMEN DEL ARCO, Aguilar (Dir. de), *I Jornadas Internacionales de Prehistoria Ciudad de La Laguna: Grabados Rupestres de la Fachada Atlántica Europea y Africana/Rock Carvings of the European and African Atlantic Façade” (La Laguna, Tenerife, 5 a 7 de Novembro 2008)*, [BAR International Series, 2043], Oxford, Archaeopress, pp. 129-147
- \_\_\_\_\_ (2009b), Per petras et per signos: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história, in SANABRIA MARCOS, P. J., (Dir. de), *Lusitanos y Vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres*, Cáceres, Junta de Extremadura/Museo de Cáceres, pp. 213-240
- \_\_\_\_\_ (2009c), Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro. Perspectivas de investigação da proto-história no Vale do Côa, in BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (Dir. de), *Actas do colóquio “Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa” (Salamanca, Junho de 2006)*, Junta de Castilla y León, pp. 415-438
- PINA, Filipe Alves (2010), *Acompanhamento Arqueológico da EN 222 (Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra)*, Relatório policopiado, IGESPAR
- QUESADA SANZ, Fernando (1997), *El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)*, Monographies Instrumentum, 3, Montagnac, Éditions Monique Mergoïl, 2 Vols.
- REBANDA, Nelson (1995a), *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*, Lisboa, IPPAR
- \_\_\_\_\_ (1995b), Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre, *Boletim da Universidade do Porto*, 25, Porto, Universidade do Porto, pp. 11-16
- REIS, Mário (2011), Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009, in RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira & SANTOS, André Tomás (Coord. de), *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal (Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, 13 a 6 de Maio de 2009)*, Porto, Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123
- \_\_\_\_\_ (2012), ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa, *Portugalia*, XXXIII, Porto, Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 5-72
- RIBEIRO, M. Luisa & SILVA, A. Ferreira (2000), *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico Vale do Côa*, Vila Nova de Foz Côa, PAVC
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1983), *Terras da Meda. Natureza e Cultura (Monografia)*, Meda, Câmara Municipal da Meda
- TEIXEIRA, Ricardo & RODRIGUES, Miguel (1997), *Estudo preliminar de impacte ambiental do aproveitamento hidroeléctrico do Baixo Sabor. Património Arqueológico. Relatório Final*, Relatório Policopiado, IPA
- ZILHÃO, João (1997), Súmula dos resultados científicos, in ZILHÃO, João (Dir. de), *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*, Lisboa, Ministério da Cultura, pp. 11-37



**Fig. 1** – Os sítios sobre o Douro a jusante da foz da Côa: 1 – Vale Escuro; 2 – Ribeira do Arroio; 3 – Cachão; 4 – Raposeira; 5 – Azenha; 6 – Vale da Casa; 7 – Porto Velho; 8 – Vale de Cabrões; 9 – Tudão; 10 – Paço; 11 – Bulha; 12 – Ribeira do Molha Pão; 13 – Vermelhosa; 14 – Vale de José Esteves; 15 – Cascalheira; 16 – Ribeira de Urros; 17 – Canada das Corraliças; 18 – Vale de Maria Andrés. Nesta cartografia, 37 anos anterior à barragem do Pocinho (cuja futura implantação é assinalada pela seta no topo à esquerda), são bem visíveis as margens aplanadas nas margens do Douro, com destaque para o terraço do Vale da Casa (Serviços Cartográficos do Exército – Extractos da Carta Militar de Portugal – Folhas 130 e 141 – Edições de 1946).



**Fig. 2** – Os sítios sobre o Douro a montante da foz do Côa: 1 – Vale de José Esteves; 2 – Cascalheira; 3 – Ribeira de Urros; 4 – Canada das Corraliças; 5 – Vale de Maria Andrés – 6 – Ribeira do Picão; 7 – Garrido; 8 – Canada da Moreira; 9 – Ribeira da Cabreira; 10 – Ponto da Serra; 11 – Lodão; 12 – Ribeira do Lodão; 13 – Vale de João Esquerdo; 14 – Ribeira das Fornos; 15 – Canada do Arrobão; 16 – Canada da Meca; 17 – Vale d'Arcos; 18 – Olival dos Telhões. Note-se a continuação das grandes plataformas na margem do rio. Refere-se a possível existência de gravuras na que surge em frente à Canada da Meca e foz da ribeira de Aguiar (Serviços Cartográficos do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folha 141 – Edição de 1946).



**Fig. 3** – Os sítios no trecho superior do Vale da Veiga: 1 – Tambores; 2 – Cruzeiro Velho; 3 – Vinagreira (Instituto Geográfico do Exército – Extracto da Carta Militar de Portugal – Folhas 150 e 151).



**Fig. 4** – Os sítios rupestres ao longo do rio Douro: 1 – Ribeira do Arroio; 2 – Vale Escuro; 3 – Cachão; 4 – Raposeira; 5 – Azenha; 6 – Vale da Casa; 7 – Porto Velho; 8 – Ribeira do Molha Pão; 9 – Vale de Cabrões. A barragem e aldeia do Pocinho são visíveis em baixo à esquerda. Fotografia tirada da aldeia da Lousa (Moncorvo).



**Fig. 5** – Os sítios rupestres ao longo do rio Douro: 1 – Vale de José Esteves; 2 – Vermelhosa; 3 – Bulha; 4 – Vale de Cabrões; 5 – Porto Velho; 6 – Vale da Casa; 7 – Ribeira do Molha Pão; 8 – Garrido; 9 – Canada da Moreira; 10 – Cascalheira; 11 – Ribeira de Urros; 12 – Canada das Corraliças; 13 – Ribeira do Picão; 14 – Vale de Maria Andrés; 15 – Ribeira da Cabreira; 16 – Lodão; 17 – Ribeira do Lodão; 18 – Vale de João Esquerdo; 19 – Canada do Arrobão; 20 – Ribeira das Fornas; 21 – Canada da Meca; 22 – Vale d'Arcos. O Museu do Côa surge disfarçado na extremidade esquerda da imagem. Fotografia tirada do alto do Monte de São Gabriel.



**Fig. 6** – A margem esquerda do Douro em redor da foz do Côa. Em cima, a jusante da foz do Côa (à esquerda na imagem): 1 – Vale de José Esteves; 2 – Vermelhosa; 3 – Bulha; 4 – Vale de Cabrões; 5 – Porto Velho. Em baixo, a montante da foz do Côa (na extremidade direita da imagem): 1 – Ribeira da Cabreira; 2 – Ribeira do Picão; 3 – Canada da Moreira; 4 – Garrido (fotografia tirada do alto da Canada das Corraliças).



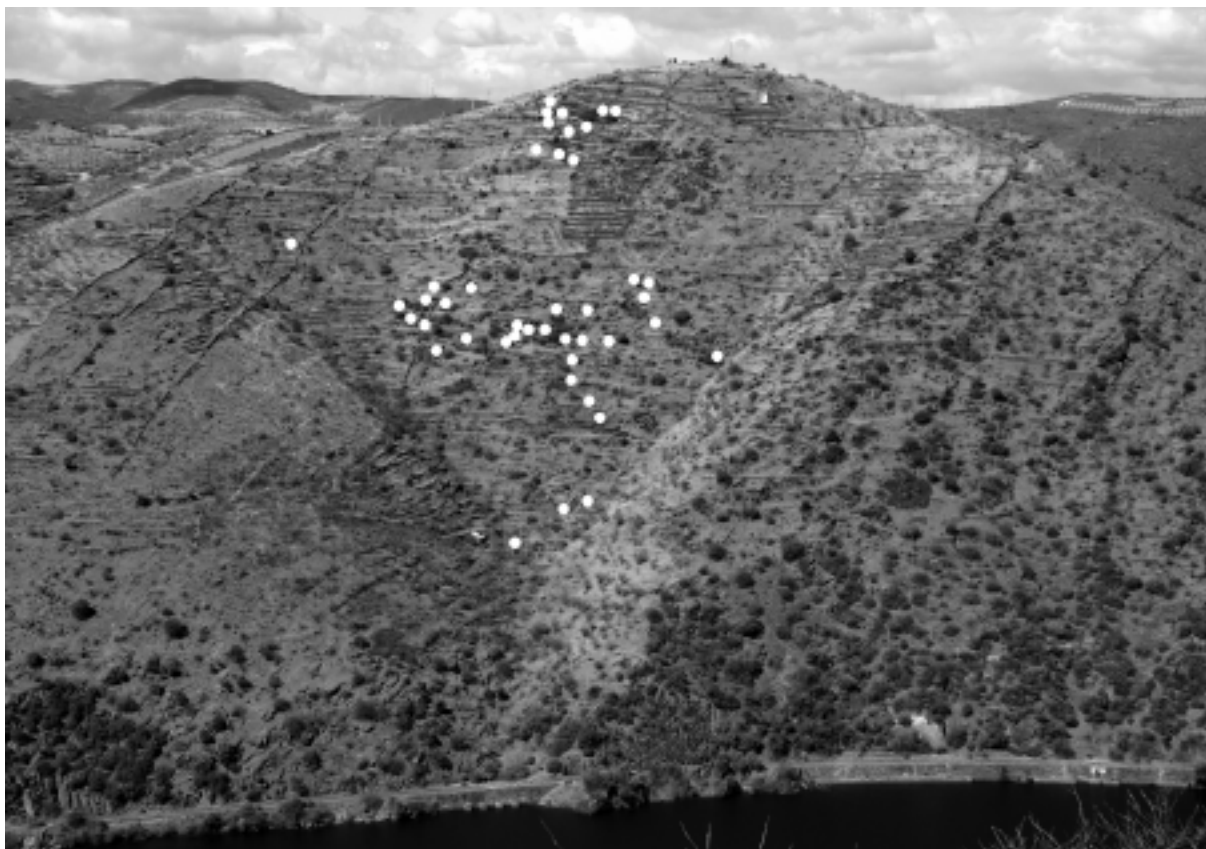
**Fig. 7** – A margem direita do Douro em redor da foz do Côa. Em cima, a jusante: 1 – Ribeira do Molha Pão; 2 – Azenha (a fotografia é tirada de Vale de Cabrões). Em baixo, a montante: 1 – Cascalheira; 2 – Ribeira de Urros; 3 – Canada das Corraliças; 4 – Vale de Maria Andrés; 5 – Lodão; 6 – Ribeira do Lodão; 7 – Vale de João Esquerdo (a fotografia é tirada sobre a Ribeira do Picão). São notórias as interrupções na distribuição dos sítios, indicativas da menor intensidade da prospecção nesta margem.



**Fig. 8** – As áreas terminais da distribuição dos sítios rupestres no Douro. Em cima, a Oeste: 1 – Vale da Casa; 2 – Azenha; 3 – Raposeira; 4 – Cachão; 5 – Ribeira do Arroio. O Vale Escuro encontra-se oculto após a curva do rio. O princípio do terraço fluvial do Vale da Casa é perceptível, mas a parte mais importante está submersa. Em baixo, a Leste: 1 – Canada do Arrobão; 2 – Lodão; 3 – Ribeira do Lodão; 4 – Vale de João Esquerdo; 5 – Canada da Meca; 6 – Ribeira das Furnas; 7 – Vale d'Arcos. O troço final da ribeira de Aguiar é bem visível na parte inferior da imagem.



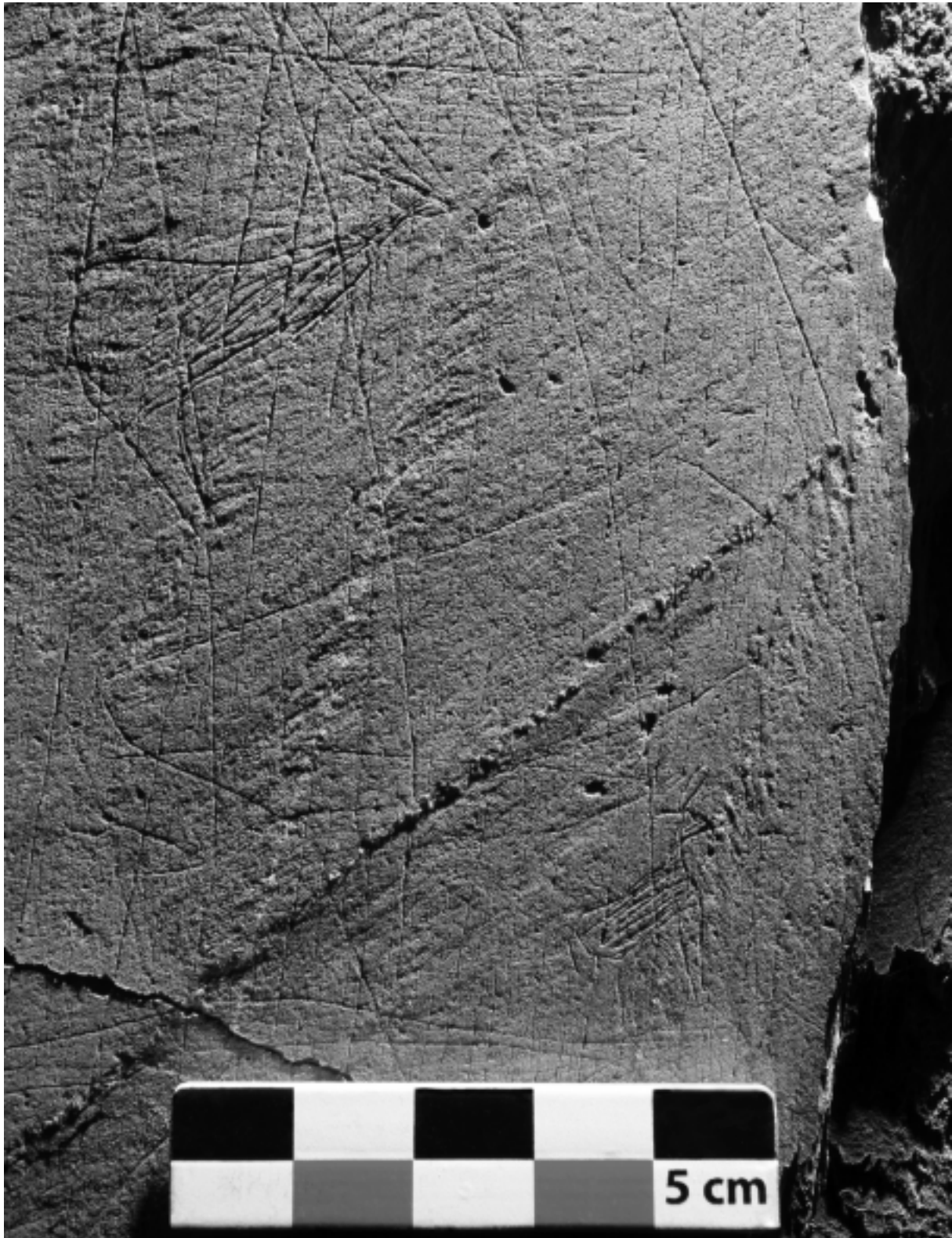
**Fig. 9** – Em cima, as cinco áreas de distribuição das rochas gravadas do Vale de José Esteves. A principal é a inferior, com mais de 30 rochas com gravuras dos três períodos aqui representados: Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Época Moderna. Ao fundo, Vila Nova de Foz Côa, e à esquerda aparece a Foz do Côa e o local de implantação do Museu do Côa, ainda não existente nesta imagem. Em baixo, distribuição das rochas conhecidas na margem esquerda da Canada da Moreira, incluindo as quatro rochas na parte superior de um pequeno afluente lateral. Quase todas apresentam gravuras da Idade do Ferro, sendo visível a sua distribuição em diferentes grupos.



**Fig. 10** – Em cima, distribuição das rochas conhecidas no sítio da Bulha. Em baixo, distribuição das rochas conhecidas no sítio da Vermelhosa.



**Fig. 11** – Em cima, o sítio de Vale de Cabrões. O sector principal é o início do troço mais encaixado do vale, que corre paralelamente ao Douro e por detrás da encosta do sítio da Bulha. É aqui que se concentra uma imensa quantidade de afloramentos, e onde se encontra a maioria das muitas rochas gravadas deste sítio. O longo troço final (por baixo da vinha) tem poucos afloramentos, e só perto da foz se conhecem mais algumas gravuras. Em baixo, o sítio do Tudão, no princípio da ribeira de Vale de Cabrões, ainda em plena área planáltica, o único sítio com arte paleolítica conhecido neste tipo de implantação. A paisagem coberta de neve seria bem familiar aos artistas do Paleolítico Superior.



**Fig. 12** – Dois caprinos paleolíticos de traço múltiplo da rocha 11 do Vale Escuro. O que está em baixo do lado direito, acima da escala, mede 1,7 cm (da ponta da cauda à ponta do focinho), e é a figura mais pequena conhecida na arte do Côa, e seguramente uma das mais pequenas figuras da arte rupestre mundial. É um bom exemplo da mestria técnica e estética dos artistas rupestres da região, e um contributo mais para a grande variedade estilística, tipológica e técnica dos motivos da arte rupestre desta região, em toda a sua longa diacronia, fazendo da arte do Côa um dos mais expressivos e valiosos conjuntos da arte rupestre mundial.

# ÍNDICE

## **‘MIL ROCHAS E TAL...!’: INVENTÁRIO DOS SÍTIOS DA ARTE RUPESTRE DO VALE DO CÔA (2ª PARTE)**

Mário Reis . . . . . 5

## **NOTÍCIA SOBRE QUATRO VASOS ÁTICOS DA COLEÇÃO D. MANUEL DE LANCASTRE**

Rui Morais e Rui Centeno . . . . . 69

## **NUEVAS FORMAS DE ADMINISTRACIÓN, NUEVAS FORMAS DE CONTROL: LA FUNDACIÓN DE *LUCUS AUGUSTI* Y SU *CONVENTUS***

M<sup>a</sup> Dolores Dopico Caínzos . . . . . 83

## ***DURIUS* E LEÇA: DOIS PERCURSOS DE UM MESMO ITINERÁRIO – PROBLEMÁTICAS EM TORNO DAS ÂNFORAS HALTERN 70**

Rui Morais . . . . . 101

## **PERCURSOS DE IBN MARUÁN**

Jorge de Alarcão . . . . . 137

## **AS QUATRO FACES DE RODRIGO SANCHES**

Mário Jorge Barroca . . . . . 151

## **NOTA SOBRE UM DEPÓSITO DE CRUZADOS NOVOS DA REGIÃO DE GUIMARÃES**

Rui M. S. Centeno . . . . . 191

## **HISTORIA DO POVOAMENTO DE PICOTE (HISTPP). PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO (2012-2015)**

Rui Sobral Centeno, Mário Barroca, Daniela de Freitas Ferreira, Sérgio Monteiro-Rodrigues, Rui Morais, Maria de Jesus Sanches, Teresa Soeiro e Filipe Costa Vaz . . . . . 201